

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL

Flávia Passos Viana

Entre meios – do *shopping* ao lixo
**Análise dos processos de subjetivação na sociedade de consumo em
sua interface com a produção de lixo.**

Vitória
2007

Flávia Passos Viana

Entre meios – do *shopping* ao lixo
Análise dos processos de subjetivação na sociedade de consumo em sua interface com a produção de lixo.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Política Social, sob orientação da Professora Doutora Leila Domingues Machado.

Vitória
2007

FLÁVIA PASSOS VIANA

**Entre meios – do *shopping* ao lixo
Análise dos processos de subjetivação na sociedade de consumo
em sua interface com a produção de lixo.**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Política Social, sob orientação da Professora Doutora Leila Domingues Machado.

COMISSÃO EXAMINADORA

**Prof.^a Dra. Leila A. Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo**

**Prof. Dr. Milton Esteves Júnior
Universidade Federal do Espírito Santo**

**Prof.^a Dra. Vania Maria Manfroi
Universidade Federal do Espírito Santo**

AGRADECIMENTOS

É com grande prazer que escrevo, por mais que as palavras não exprimam o tamanho da gratidão que sinto. Aos que de perto ou de longe contribuíram com trocas de conhecimento, de angústias, de afeto deixo meus sinceros agradecimentos.

Dentre esses quero agradecer aos professores que compõem a banca desde a qualificação. A Leila, que me acompanhou nesse processo e permitiu espaço para tantas mudanças de rumo. A Vania, pelo interesse em compreender minha proposta mesmo com todas as diferenças. Ao Milton, por ter sido imprescindível nessa caminhada. Muito obrigada por acolher a aventura e pelo companheirismo das trocas.

Quero agradecer também aos professores do mestrado em Política Social que contribuíram com seu conhecimento e seus embates críticos. Também um obrigado especial a Adriana, secretária do mestrado que sempre foi tão doce e prestativa.

Aos companheiros do grupo de orientação, Érico, Susane, Mateus, Aldo e Dani que fizeram toda a diferença na composição desse trabalho. Agradeço pelas inúmeras contribuições, por pensar junto e pelo afeto construído.

Aos participantes da pesquisa, moradores do Mirante da Praia, muito obrigada.

Agradeço com todo amor à família Demuner Ferreira que me acolheu em sua casa e muito me ensinou sobre a arte do convívio. Obrigada aos amigos: Josélio, Júlio e Jandyra.

A Daniela, Silvia e Mônica pela amizade e zelo. A Rosana agradeço as preciosas dicas e motivação. Agradeço também a Angélica, pela troca de idéias e partilha de muitos sentimentos. A Mariana e Perla por serem tão amorosas...pela diferença que fazem nesse momento final. Muito obrigada a Aline, Kátia e Prescilla por tornarem tudo mais leve com seus risos.

Agradeço a minha família por compreender minhas ausências e momentos de desânimo. À minha mãe pelo modo singular com que me incentivou e por sua preocupação com meu bem estar. À minha irmã Clarice um obrigado cheio de carinho, pelo apoio e por ter contribuído para meu interesse sobre o tema.

Ao Sergio, por toda a paciência e otimismo. Pelas conversas compartilhadas, livros, leituras, idéias, afeto... e por estar sempre perto.

A Paola, amiga fiel, por tudo o que significa tê-la ao meu lado durante esse mestrado e na vida, infinitamente meu muito obrigada.

RESUMO

As transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas, resultado da dinâmica do modo de produção capitalista globalizado, são observadas em várias esferas da vida cotidiana, seja nas relações sociais, afetivas e também na interação com o meio em que vivemos. Neste processo, a produção de subjetividade é essencial para a manutenção da lógica fragmentada, individualiza preconizada pela necessidade do lucro. Dessa maneira a relação estabelecida com o tempo e o espaço é constantemente modificada, sendo regida especialmente pela valorização da velocidade e de espaços cada vez mais curtos, negando a estagnação. A tecnologia por sua vez, se torna o ícone da nossa época, criando produtos e bens que se tornam rapidamente envelhecidos e inúteis, voláteis tal como o capital e o trabalho que os gera. Para tal, conta com a publicidade e sua capacidade de massificação das subjetividades. O produto final dessa dinâmica se configura nos restos de um consumo exorbitante. Este trabalho apresenta um estudo acerca dos novos modos de subjetivação engendrados na sociedade de consumo contemporânea, através de sua relação com a produção de lixo. Discutir tais aspectos da realidade constitui-se questão relevante dado o escasso conhecimento produzido e a necessidade de articulação entre esses aspectos da realidade, que são comumente analisados através de estudos técnicos. O estudo problematiza essas questões pautado no conceito de ecosofia proposto pelo pensador Feliz Guattari, e traz a cartografia como postura de pesquisa, tanto na construção teórica como na coleta de dados e análise. O local da pesquisa foi delimitado em um edifício residencial localizado em um bairro nobre da cidade de Vitória, onde se buscou conhecer os modos de vida dos sujeitos, em sua relação com as sobras de consumo produzidas. Foram realizados encontros com os participantes nos quais se solicitou que discorressem sobre os temas definidos: modos de vida, consumo e lixo. A análise permitiu notar mecanismos de resistência ainda que pontuais, que convivem com a fragmentação e a compartimentação das questões levantadas. O meio-ambiente, aqui compreendido pela via da produção de lixo, configurou-se como um caminho transversal na problematização das formas como vivemos na contemporaneidade, contribuindo para instigar debates, inquietações e construções coletivas no enfrentamento das realidades apresentadas.

Palavras-chave: modos de vida, sociedade de consumo, produção de lixo, ecosofia.

ABSTRACT

The transformations occurred on the contemporary societies – one of the results of the dynamic of the globalized capitalist ways of production, are the interaction with the environment humans live. During this process, the production, of subjectivity is essential to the maintenance of the fragmented logic, individualist, and oriented to the necessity of profit. Therefore, the relationship established with time and space is constantly changing, being registered specially by the valorization of speed and spaces ever so shorter, denying the stagnation. The technology, by its turn, becomes an icon of this time, creating products and goods that easily become old and useless, as volatiles as the capital and the work that generates it. To make this possible, it counts with publicity and its capacity of making subjectivities into one only mass subjectivity. The final product of this dynamic shows itself on the exorbitant amount of garbage produced. This research is a study of the new ways of subjectivities created by the contemporary society of consume, through its relationship to the production of garbage. Discussing those aspects of reality is a relevant matter before the rare knowledge produced in this area and the necessity of articulation of this aspect of reality, commonly studied only in the technical researches. The study discusses those questions based on the concept of ecosophy proposed by Felix Guattari and brings the cartography as the approach of the research, on the theoretic construction, data collection and analyses. The place of research was limited to a residential building located in a noble neighborhood in Vitória/ES, where it was searched to know the ways of life of the people who were interviewed, the subjects discussed were: ways of life. consume and garbage. The analyses allowed noticing the resistance mechanisms, even when punctual, that live with the fragmentation and compartmentalization of the issues raised. The environment, here comprehended through the production of garbage, appeared as a transversal path on the discussion of the ways to live in the contemporary days, helping to bring up issues, worries and collective constructions to face the presented reality.

Key words: ways of life, society of consume, production of garbage, ecosophy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 As implicações construídas através dos afetos. Como tudo começou.....	9
2 SOBRE O CONSUMO	16
2.1 Sociedade de Consumo	16
2.2 Algumas teorias analisadas.....	17
2.3 Considerações a respeito da modernidade e pós-modernidade	29
2.4. Outras contextualizações	30
3. UM RECORTE SOBRE A PRODUÇÃO DE LIXO	35
3.1 Contextualizando os restos de consumo.....	37
3.2 Definições e conceitos acerca do lixo, resíduos e sobras	42
3.3 Breve panorama mundial a respeito do lixo	45
3.4 As sobras no Brasil	50
3.5 Panorama sobre a cidade de Vitória e os restos de consumo	53
4 SUBJETIVIDADE	57
4.1 Subjetividade, Subjetivação, Subjetivo... do que estamos falando?.....	57
4.2 Caminhos... ..	67
4.3 Ecosofia.....	69
4.4 A vida e sua potência política.....	72
4.5 Por que falar em Política Pública	75
5 O PROCESSO DE “FAZER PESQUISA”	80
5.1 A escolha pela cartografia	80
5.2 Paisagens pesquisadas	83
5.2.1 Situação percorrida	87
5.4.2 Os atores das cenas	88
6 COMPONDO ANÁLISES	90
6.1 Sobre os modos de vida encontrados	90
6.2 Mas... Afinal, o que tanto se consome?	98
6.3 Relação entre lixo e consumo	100
6.3.1 A característica da doação. Aspecto brasileiro?.....	103
6.4 O aumento do consumo... O que isso significa?	104
6.5 Proposta dos 3 R's	105
6.5.1 Reciclagem.....	106
6.5.2 Reutilização	107
6.5.3 Redução do consumo	108
6.6 Outras linhas que atravessam o consumo e a produção de lixo	109
Pensando sobre	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
8 REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES	123

1 INTRODUÇÃO

Esse é o momento chave do processo dissertativo em que todo o desenvolvimento do trabalho se organiza e se esclarece através das palavras escritas.

A escolha do tema, dos objetivos, do modo de se fazer a pesquisa não permaneceu intacto do início ao fim. Inicialmente a discussão proposta girava em torno dos modos de vida dos catadores de material reciclável, pois são os sujeitos que têm um contato direto com as sobras do consumo. Entretanto, essa questão de pesquisa remetia a um caminho distinto do que se desejava estudar. O foco estava sobre a atividade dos catadores e não sobre os modos de vida existentes na sociedade de consumo. Procedemos então no esforço de compreender qual seria a via de entendimento do assunto, levando em consideração os motivos que me instigaram a buscar o mestrado. Assim, após muita leitura, discussão, troca de idéias e alguma aproximação com os catadores, percebi que eles não configuravam o objeto dessa pesquisa, nem tampouco o lixo em si.

O que me instigava há tempos era compreender através da dinâmica da produção de lixo, as ressonâncias que se processam entre os modos de subjetivação produzidos no contexto da sociedade de consumo.

Para tanto ouvi pessoas, registrei suas falas e me esforcei por compreender suas relações com a temática proposta. Foi preciso acionar alguns mecanismos para apreender tal dinâmica (especialmente por se tratar de uma realidade em que estamos todos imersos, ainda que existam diferenças), para lidar com os imprevistos, as mudanças de rumo e outras formas de entendimento sobre a questão, enfim, muitos foram os desafios.

Conhecer um espaço que não me era comum em termos teóricos, procurando incorporar sua complexidade foi desafiador no desenvolvimento do tema. Especialmente porque o objetivo de estudar os modos de subjetivação através das sobras do consumo pertencentes a uma dada sociedade de consumo se configurou mais em articular o entendimento desse assunto costurando as variáveis, do que

priorizar seus aspectos mais técnicos. Contudo, abordar esse lado, contextualizando a questão foi importante para fornecer um suporte na problematização do objeto selecionado.

Ademais julgamos importante sinalizar que durante a leitura desse trabalho se encontram duas formas de expressão. É utilizada tanto a primeira pessoa do singular (eu), quanto a segunda pessoa do plural (nós), ao invés da indeterminação do sujeito. Isso ocorre, pois compreendemos ser uma forma coerente com o referencial teórico adotado em todo o texto. Questionamos o modelo tradicional de concepção da subjetividade, rompendo com as dicotomias e as polarizações. Ao mesmo tempo buscamos reforçar o fato de que o sujeito não é eliminado nessa perspectiva, mas que vivemos (e morremos) numa relação singular com o entrecruzamento das várias composições que nos formam (GUATTARI & ROLNIK, 2005). Portanto, em alguns momentos aparece a forma da primeira pessoa do singular para marcar as vivências, as impressões e os encontros que perpassaram a pesquisadora. Isto será sinalizado ao leitor por um recurso estético, uma diferença na fonte utilizada¹.

Um pesquisador nunca é neutro e jamais sai ileso de um processo de pesquisa. Ele carrega a sua história de vida, que, ao se encontrar com a história social do lugar e com a história de vida da comunidade pesquisada, transforma e se transforma, [...] Como humano, é constituído pelas experiências vividas. (OKAMURA, 2004, p. 3)

Em contrapartida, a segunda pessoa do plural comparece ao longo do texto, pois é igualmente importante esclarecer a ausência de neutralidade científica, afirmando que a ciência é um tipo de conhecimento construído por muitas vozes, olhares, afetos, pensamentos... Portanto, esse “nós” constitui a mistura, a participação conjunta dos diálogos estabelecidos com os autores lidos, com os sujeitos da pesquisa bem como inúmeros encontros e embates travados no processo de construção do estudo.

Após essa explanação, considero fundamental apresentar como se formou a idéia da pesquisa, como foram os primeiros contatos com o tema, inicialmente de forma

¹ Nos pautamos na tese de doutorado de Cíntia Okamura que se utiliza desse recurso estético para mostrar ao leitor uma diferença do lugar de onde se fala, embora o referencial teórico seja distinto do que usamos aqui. **Arouche 2004**: uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens –diagnóstico para uma intervenção ambiental. – São Paulo, s.n., 2004. 3000p.

desvinculada da academia, considerando que as vivências também constroem nosso olhar.

Acrescentamos as impressões, as percepções, os incômodos, como instrumentos que auxiliam na composição do cenário, sabendo que tanto a pesquisa, quanto a pesquisadora se modificaram, e permanecem nesse processo de mudança, através dos encontros, dos possíveis.

1.1 As implicações construídas através dos afetos. Como tudo começou...

O tema dessa pesquisa gira em torno da articulação entre distintas variáveis, mas foi aos poucos que elas se constituíram como conteúdo para os questionamentos apresentados.

Recordo-me da infância, de como explorar o mundo à volta era a atividade mais empolgante do dia. Cresci em um município do interior do Estado do Espírito Santo e possuía um vasto espaço de experimentações disponível. As brincadeiras eram sempre construídas, e pouco fazíamos com os brinquedos adquiridos nas lojas. Assim, aproveitávamos as caminhadas mais longe de casa para encontrar as pequenas coisas que se transformavam em nossos brinquedos, jogos, enfim. Todo esse material vinha do lixo. Mesmo sabendo que eram os restos descartados por outras pessoas aquilo não se configurava como negativo. Ao contrário, víamos como um universo de possibilidades, de combinações...material para inúmeras criações.

Tempos depois foi inaugurado um aterro sanitário em um dos bairros próximos. Fiz diversas incursões naquele território, junto à minha irmã que nesta época trabalhava com questões ambientais. Muitas foram as "aulas" e as visitas... e como adolescente me perguntava: como pode caber tanto lixo aqui embaixo? Eles

farão montanhas com as sobras soterradas? E quando acabar esse espaço? Nesta etapa começava a perceber outros aspectos, mais complexos que envolviam o lixo, outrora motivo apenas de diversão. Incomodava o cheiro forte produzido pelo material despejado dos caminhões e do chorume vindo da decomposição. Imaginava o quanto tudo isso devia importunar especialmente os moradores do entorno.

O tempo passou e mais uma vez estava presente a preocupação acerca das sobras. Já discutia sobre os programas de Educação Ambiental nas escolas, inquieta por perceber a dificuldade de adesão das pessoas a atitudes "ambientalmente corretas" (como jogar o lixo no lixo, por exemplo) pela via da conscientização. Achava interessante a mobilização das gincanas de reciclagem, o aproveitamento de materiais para elaboração de enfeites e brinquedos, porém vislumbrava que havia muito mais a ser feito. Na primeira oportunidade fiz um trabalho escolar observando a precariedade do envolvimento dos sujeitos em lidar com suas sobras. Junto a isso se somavam as péssimas condições de moradia (o trabalho foi realizado em um bairro de relevo muito acidentado de classe baixa) e a falta de ações resolutivas por parte do poder público para esse conjunto de questões.

Desde então ficava clara a fragmentação no discurso das pessoas, bem como em suas práticas. Era evidente quão distanciada ficava a compreensão do meio-ambiente, das relações sociais e especialmente dos nossos modos de vida, como se esta ligação não existisse ou não fizesse sentido. Parecia que, a princípio, bastava a informação para que a realidade se modificasse, mesmo que ao longo dos anos a situação tenha permanecido carente de cuidados em todos os níveis.

Do tempo em que catava lixos na rua para que se transformassem em brinquedos, à época em que visitava regularmente o aterro sanitário da cidade junto de minha irmã, até chegar aos trabalhos escolares sobre a relação da cidade com o lixo, fui me familiarizando aos poucos e me tornando cada vez mais implicada² a respeito do assunto.

Já na faculdade, após estudar inúmeras disciplinas de Personalidade, Desenvolvimento... Acreditei ter espaço para voltar à antiga inquietação com os nossos restos de consumo através da matéria de Psicologia da Indústria II em que tivemos contato com um trabalho acerca da descartabilidade do humano³. Foi então que comecei a pesquisar sobre a Psicologia Ambiental, no que ela abria espaço para discutir esses pontos. Embora não tenha sido possível estudar de forma supervisionada, muitas leituras e conversas aconteceram, somando curiosidade intelectual à necessidade de problematizar as relações humanas sob outra ótica. Desse modo, dois anos após a formatura, surgiu finalmente a possibilidade de retomar as antigas inquietações.

Como explicado no início dessa pesquisa a idéia era trabalhar a comparação entre os modos de vida dos catadores de recicláveis e dos moradores de bairros nobres de Vitória/ES, onde ocorre grande coleta desses materiais. Porém a discussão criou foco restrito sobre a atividade dos catadores, suas lutas, enfim. Desse modo, num processo contínuo de questionamento, abandonamos esse caminho aproveitando os diálogos travados até então e começamos a construir um novo cenário para o estudo.

² Estar implicado é admitir que sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, idéias... é estar aberto a análise dos vínculos (afetivos, profissionais e políticos) com as instituições em análise em determinado contexto de intervenção (COIMBRA, 1995).

³ SOARES, Flávia Passos. **A descartabilidade do humano**. A dinâmica do consumismo na globalização contemporânea. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Observamos que as sociedades contemporâneas são caracterizadas, dentre outros aspectos, pelas constantes transformações das dinâmicas sociais, econômicas, culturais... Essas mudanças se mostram claramente nas atividades cotidianas, no modo das relações sociais de todo o tipo. Os ideais de vida, as prioridades, a forma de lidar com o tempo, com o espaço, com o corpo, são questões que se tornam cada vez mais pertinentes de serem discutidas. Essa necessidade deriva do fato de que tais transformações exigem formas diferenciadas de engajamento, de arranjos, seja no âmbito familiar, político, financeiro...

Consideramos relevante a contribuição de um estudo que levasse em conta esses processos, não de modo generalizado, como um todo uniforme, mas que tomasse um viés transversal. Por isso propomos o caminho da discussão dos modos de subjetivação em sua interface com a produção de lixo, ambos processados no contexto da sociedade de consumo. Trata-se então de um trabalho que quer compreender essa relação...Como se fazem essas cartografias? Ao mesmo tempo que instiga o olhar para um aspecto pouco usual no campo das ciências humanas.

Bom, vocês devem estar pensando, porque a pesquisadora decidiu fazer um estudo sobre subjetividades (inseridas na sociedade de consumo), falando de lixo? A questão que incomoda, que mexe e remexe há tempos é a seguinte: Esses nossos modos de vida, pautados numa velocidade dos contatos, das relações, das mercadorias, do tempo e do espaço, enfim, acabam por causar juntamente com uma série de outros mecanismos, como por exemplo, a economia global e seus efeitos, a perda da centralidade do trabalho (Castel), o trabalho imaterial (Gorz, Lazzaratto), conseqüências sobre o que se convencionou chamar meio-ambiente.

No entanto, não consigo pensar esse termo separado do ser gente. Assim como numa propaganda da WWF BRASIL, veiculada há alguns anos atrás, para mim: "O meio-ambiente é você". Ou seja, falar de subjetividade, de consumo e de lixo, obviamente não é a mesma coisa. São temas distintos e que podem ter diversas formas de entendimento e tratamento numa pesquisa ou mesmo na ação

cotidiana, porém são questões que se cruzam, que se entrelaçam em alguns pontos desse nosso rizoma-vida.

Quando quis entender esse processo que vai do consumo ao descarte, pensava sempre em como a produção de subjetividades tem a ver com isso. Pois tudo o que fazemos, a forma como fazemos não ocorre apenas por condicionantes individuais, como nos querem fazer crer. Os nossos modos de existência são históricos, processuais, e trazem consigo a marca predominante não apenas da cultura, mas também do sistema econômico vigente e de suas conseqüências em todas as coisas. Portanto, como pensar um viver menos acelerado (em todos os sentidos), mais saudável (explicar o que estou chamando de saudável), mais ético, mais sustentável (no sentido literal do termo), se não nos percebemos parte da roda viva que nutre o planeta não só de idéias e ações "politicamente corretas" mas também de idéias e ações danosas à vida em todas as suas formas, numa anestesia alucinante?

Entendemos que a presente pesquisa é um recorte da realidade, ao mesmo tempo que diz sobre práticas, pensamentos e afetos que circulam.

Esperamos que esse estudo possa contribuir, ainda que modestamente, como disparador de questões acerca dos nossos modos de vida em sua conexão com o meio (ambiente) em que vivemos, especialmente na desconstrução da idéia fragmentada de tais registros. Assim, desejamos que esse estudo possa subsidiar através de suas problematizações, propostas intervencionistas nas lutas cotidianas por melhores condições de existência.

Esperamos enfim, que esse tema se torne cada vez mais circulante... Que possamos viabilizar discussões próximas de um compromisso com a vida (em sua potência política) e não com o lucro (poder *sobre* a vida). Que seja uma via produtora de pensamentos-acontecimentos.

Levando em consideração tais aspectos, bem como o processo de construção dessa pesquisa explanada neste capítulo, adotamos algumas perguntas norteadoras dos

objetivos estabelecidos: Como as pessoas pensam sua forma de vida em relação à produção de lixo? O que é considerado lixo? É possível perceber movimentos de escape à massificação no que tange a dinâmica da sociedade de consumo?

Partindo do pressuposto que se processam relações entre sociedade de consumo e produção de subjetividade, temos como problema de pesquisa:

➤ De que modos de subjetivação nos “falam” as sobras do consumo domiciliar produzidos numa amostra específica da cidade de Vitória?

Desse modo, organizamos a fundamentação teórica em sete capítulos. O primeiro capítulo constitui esta introdução e a apresentação, onde esclarecemos a proposta do estudo, a forma como organizamos o texto, o caminho percorrido na pesquisa.

No segundo capítulo foi desenvolvido o tema do consumo sob diferentes óticas, especialmente para esclarecer as divergências de interpretação existentes. Partimos do pressuposto de que vivemos em uma sociedade de consumo, com sua caracterização própria, funcionando como condição em que se firmam os propósitos do capitalismo globalizado. Neste contexto também consideramos relevante abordar sucintamente os aspectos culturais envolvidos.

No terceiro capítulo analisamos a conseqüência mais palpável das práticas da sociedade de consumo: o lixo produzido. Como funciona essa dinâmica de descarte? Por que isso é relevante? Qual a ligação entre esse aspecto (considerado tema sobre o meio-ambiente) com a discussão do processo de subjetivação e o consumo? Priorizamos fornecer um histórico das transformações ocorridas nas sociedades ocidentais acerca do lixo, bem como montar um panorama desse tema na atualidade, partindo do nível mundial até o local, tratando da cidade de Vitória.

No quarto capítulo conectamos as variáveis anteriores após explicar sua relação com o conceito de modos de subjetivação segundo as leituras de Deleuze, Guattari, Rolnik dentre outros. Apresentamos o que constitui a perspectiva da subjetividade, diferenciando a maneira tradicional de compreensão. Tratamos ainda de discutir a idéia de Ecosofia proposta por Félix Gattari, que fornece suporte para os objetivos

dessa pesquisa. Em seguida problematizamos a importância do entendimento articulado das variáveis em questão, no que tange às políticas públicas.

No quinto capítulo compomos o processo metodológico, isto é, apresentamos os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa. Esclarecemos o método cartográfico adotado, a escolha do local e sujeitos, enfim, os recortes das paisagens definidas.

No sexto capítulo compomos a análise dos modos de subjetivação encontrados e sua articulação com a produção de lixo. Para isso procedemos a discussão dos dados obtidos de acordo com os três eixos centrais: a subjetividade, o consumo e a produção de lixo. Os principais autores utilizados foram: Bauman, Peter Pelbart, Guattari, Rolnik.

No último capítulo foram expostas as considerações acerca da temática proposta.

2 SOBRE O CONSUMO

Para compreendermos a proposta de articulação entre os três registros ecológicos (o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade), é necessário neste momento, nos atermos acerca do entendimento sobre o consumo. Aqui ele será o gancho referente às relações sociais em questão na atualidade.

2.1 Sociedade de Consumo

A expressão “sociedade de consumo” funciona como sinônimo das mudanças ocorridas nas sociedades humanas referentes à cultura material, incidindo sobre a quantidade e sobre a modalidade daquilo que é disponibilizado ao consumo. Tornou-se rótulo de diversos profissionais para se referir às sociedades contemporâneas (BARBOSA, 2004), que se distinguem cada vez mais das anteriores nesse aspecto, uma vez que consumir é um ato presente em todas as atividades humanas independente da época e da qualidade dos materiais e objetos produzidos. A contemporaneidade, portanto, traz características ímpares acerca do modo e da qualidade do consumo, engendradas gradualmente desde a Revolução Industrial, que marca a aceleração da produção de mercadorias e também de novos modos de subjetivação que caminham rumo ao que presenciamos atualmente: um infindável número de objetos produzidos com uma obsolescência cada vez maior, uma cultura da descartabilidade e modos de vida pautados em uma individualidade e efemeridade crescentes; um distanciamento cínico dos sujeitos e instituições de todos os tipos com relação à sua pertença no coletivo e também das conseqüências de suas ações sobre as relações e sobre o meio em que vivem.

Segundo Livia Barbosa (2004) e Deise Mancebo *et al* (2002), não há consenso na abordagem da sociedade de consumo entre os diversos autores que trabalham essa temática. Alguns compreendem que ela é formada por um tipo específico de consumo. Baudrillard, por exemplo, vê a sociedade de consumo como *commodity sign* ou consumo de signo e como uma característica das sociedades pós-modernas; assim como Zygmunt Bauman e Frederic Jameson, cada um com contribuições distintas. Já autores como Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Baron Isherwood e Don

Slater procuram estudar a conexão entre o consumo e outras formas de experiência humanas, na tentativa de esclarecer processos sociais e culturais prioritariamente à crítica social realizada pelo primeiro grupo citado.

As mudanças ocorridas desde o séc. XVI em termos econômicos, sociais e culturais colaboraram para que se cunhasse o termo sociedade de consumo. Tais modificações afetaram o modo e a quantidade dos produtos produzidos formando cada vez mais novos e diversos conjuntos de mercadorias progressivamente distanciadas do que podemos chamar “necessidade”. Para colaborar com essas transformações houve outros movimentos como, por exemplo, a divulgação da literatura através dos romances, a preocupação com novas formas de lazer e a difusão do modo de ser individualista como uma maneira correta e única de se viver e alcançar sucesso.

Além disso, a incidência da moda, da flexibilidade e da inconstância dos produtos mudou a relação com o consumo dos bens, que até então possuía a forte marca do tempo como valorização. Atualmente existem grupos, “tribos” de indivíduos que constroem suas modas e seus estilos de vida variáveis, e os produtos passam a ser a marca dessas identificações, sem, contudo existir uma regra restrita que oriente a escolha das pessoas. O critério passa a ser individual, e não mais ligado à tradição do grupo familiar. A princípio todos somos consumidores, desde que tenhamos condições financeiras de adquirir o que quer que seja dentro do infinito leque de possibilidades.

2.2 Algumas teorias analisadas

Para uma melhor compreensão acerca do tema, fizemos um resumo das teorias que trabalham o consumo. Não é nosso objetivo esgotar as discussões de cada autor, ou escola, apenas pôr o foco sobre a existência desses estudos e sua importância.

O consumo é alvo de discussão teórica desde os primeiros pensadores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, que se utilizaram da reflexão marxista para tangenciar a questão. Naquele momento, viviam o impacto do fordismo, de suas

transformações na dinâmica social do trabalho e da influência direta da ideologia do consumo de massa através da produção em massa, impulsionada pela propaganda. Ambos autores focam suas análises a partir da arte. Afirmam que esta passou a desmistificar-se, a tornar-se popular, saindo do circuito nobre, até originar a forma da indústria cultural que possui a característica de ser simplificada, reduzida, e empobrecida devido a quantidade de esquemas a que se resume. Essa popularização da arte no capitalismo tardio, através da propaganda de massa, proporcionou a idéia de liberdade das pessoas pelo consumo, sem contudo ser condição de mudança das realidades díspares existentes.

Desse modo, segundo Adorno e Horkheimer, a propaganda, a venda de imagens da indústria cultural, passa a gerir a vida das pessoas, que se tornam manipuladas pelo discurso de liberdade veiculado, associado a estilos de vida previamente definidos como modelo e adotados pela publicidade. Assim, se constrói promessas de dessublimação do homem, que acredita necessitar dos produtos oferecidos hipnoticamente para atingir o ideal de felicidade, liberdade, sucesso (MANCIBO et al, 2002).

Seguindo a linha da alienação dos homens diante das mercadorias, outro teórico que aparece nessa escola é Herbert Marcuse. Ele vivencia um fordismo já solidificado, no pós-guerra, com padrões de vida elevados e níveis de consumo bem mais acentuados (nos países onde o capitalismo já se desenvolvera mais). Ele inaugura a discussão sobre o comportamento consumista interrogando sobre as falsas necessidades produzidas pelos avanços tecnológicos. Para essa discussão, cria o termo “homem unidimensional”, sobre o qual desenvolve sua teoria. Um dos vieses de sua análise acerca do consumismo se pauta inclusive na também falsa noção de igualitarismo presente no consumo, percebida no conflito entre necessidades reais (possíveis) e supérfluas. Assim, as necessidades sociais tornam-se cada vez mais individualizadas, associadas a uma velocidade de escoamento dos produtos vertiginosa, dando a impressão de que, sem o consumo, o sistema capitalista não se sustentaria.

Para Marcuse, a grande necessidade de consumo pode até criar uma euforia, no entanto, esse ânimo é passageiro, restando no final à infelicidade, - nascida de um vazio, construído dentro dele, através da

própria lógica industrial, que o impele a consumir mais, formando um ciclo vicioso e gerador das crises existenciais do homem moderno. (MANCIBO et al, 2002, p. 327).

A análise frankfurtiana compreende ainda que, com a expansão da produção capitalista, houve necessidade de se criar novos mercados e educar a massa de consumidores. A lógica da mercadoria, segundo esses teóricos, invade não apenas o consumo, mas o lazer, a arte e a cultura. Dessa forma, a cultura passa a sofrer uma forte influência da inversão de valores, condicionada pelo valor de troca, que suprime o valor de uso dos produtos de modo massivo, deixando as mercadorias se conectarem livremente às associações de idéias e ilusões culturais produzidas ao longo do tempo.

Esses são considerados estudos sobre produção do consumo, e atualmente são encarados como crítica elitista acerca do tema, especialmente com relação à cultura de massa (especialmente pelos estudos antropológicos acerca do assunto). Isso ocorre pois se discute muito acerca da criação de pseudo-necessidades individuais, ligando o consumo diretamente ao processo de produção e reprodução social e ao modo de distribuição e administração dos bens. Assim, a crítica social se sobressai a qualquer outro modo de entendimento que leve em conta outros aspectos dessa atividade humana que é o consumo (como a formação dos gostos, a relevância da percepção, as diferenças culturais que criam particularidades no consumo, enfim). Contudo as questões levantadas permanecem atuais e não foram esgotadas teoricamente.

De modo diferenciado dos teóricos frankfurtinos, Jean Baudrillard inaugura o conceito de sociedade de consumo. Em sua teoria a produção não é mais o centro da organização social. O que está em questão é a influência dos signos, que se estruturam como uma linguagem específica que manipula os significantes sociais, distanciando-os dos significados, daí vem o termo *commodity sign*, ou consumo de signo. Forma-se desse modo uma lógica própria, impulsionada pela propaganda, que por sua vez compreende os objetos a partir de dois aspectos complementares: a profusão e a panóplia. O primeiro cria a idéia de abundância, enfatizando a ilusão de igualdade através do consumo de bens, ou seja, apresenta uma enorme profusão de objetos supostamente ao alcance de todos. Já a panóplia funciona na organização

dos objetos em coleções, evidenciando o signo como mercadoria e não mais o próprio produto: através desse mecanismo é que as pessoas selecionam os diversos modelos e tipos de bens em cadeias de signos cada vez mais complexas, criando a impressão de existir sempre um objeto melhor e mais apropriado para cada realidade. Sendo assim, nessa teoria os grupos identificam-se através da posse desses signos que marcam também as diferenças.

A profusão e a panóplia são, segundo Baudrillard, mecanismos contraditórios e complementares: um baseado na hipótese de crescimento e homogeneidade da sociedade, através da difusão acelerada de bens (abundância); e o outro pautado na diferenciação estrutural.

Chegamos ao ponto em que o consumo invade toda a vida, em que todas as actividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o envolvimento é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado (BAUDRILLARD, 2005, p. 19).

Conclui-se que a grande marca desse teórico reside em sua compreensão de que o capital, a partir da modernidade, se preocupa predominantemente com a criação de signos como mercadoria, e não mais com o valor de uso dos objetos produzidos. Para ele, o consumo se caracteriza na demarcação das relações sociais, segundo uma linguagem traduzida nas imagens e signos forjados e transmitidos pela publicidade. Com isso, afirma ainda que a teoria marxista se tornou ultrapassada para analisar a sociedade de consumo.

Outro autor que discute a demarcação das relações sociais a partir do consumo é Pierre Bourdieu. Ele parte de um estudo sobre o gosto das pessoas e daí enfatiza as práticas de consumo e sua ligação direta na manutenção das relações sociais entre dominantes e dominados. Os primeiros, preocupados em acirrar as diferenças que os definem, criam monopólios de bens específicos que vão migrando para o segundo grupo de acordo com leis de obsolescência programada, como é o caso da moda, por exemplo. Então os produtos constituem um capital cultural que não é acessível livremente a todos num mesmo momento histórico. E esse mecanismo funciona para a reprodução e manutenção da ordem social em desigualdade e para criar formas materiais de poder naturalizados e quase imperceptíveis.

Os estilos e marcas diferentes de roupas, de produtos da moda, de leituras, de alimentos, de habitações, de lazer, além de uma série de outros artefatos consumidos, muito embora sejam passíveis de mudanças, imitações e cópias, constituem um conjunto de indícios utilizados no ato de classificar e hierarquizar os outros. (MANCEBO et al, 2002, p. 329).

Desse modo, quando se trata dos estilos de vida que marcam a identificação de grupos diferenciados, a teoria de Bourdieu é ampla. Nela compreende-se que a oferta de novas mercadorias é grande e que há um constante fluxo de mudança no acesso a essas mercadorias por parte das classes de status mais baixo; isto é, existe um ciclo infinito de produção de ícones que destacam o nível social a que se pertence numa busca incessante por diferenciação. Com isso, cria-se uma relação de escassez para com os bens, e não de necessidade; ou seja, apropria-se dos bens para uma identificação com determinada cultura de um grupo, reforçando a dificuldade de obtenção desses ícones e marcando claramente uma diferença de posição social.

A análise de Bourdieu é considerada antropológica, assim como a de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004). Para esses dois últimos autores, o consumo é um processo ritual, que confere sentido aos acontecimentos, marcando os significados e construindo um universo inteligível através da escolha dos bens. O que está em jogo para eles é a conexão social e tecnológica derivada do intercâmbio de produtos equivalentes ao padrão e estilo de vida a que se pertence (ou se almeja pertencer).

Compreendem ainda que, especialmente nos países menos desenvolvidos, a diferenciação por classes de consumo é muito mais visível, pois existe uma estratificação óbvia da sociedade. Além disso, definem três categorias sociais de conjunto de bens. O setor primário (gêneros de primeira necessidade), o setor secundário (conjunto de tecnologias) e o setor terciário (conjunto de informação). A partir desses setores é que vai se esclarecer o lugar de cada classe social na dinâmica do consumo, partindo do princípio de que as classes abastadas desenvolvem mais o terceiro setor, ou seja, utilizam a informação sobre bens e serviços como forma de contato e de seleção entre iguais. O livro que escrevem em parceria chamado *O mundo dos bens* é um conjunto de questionamentos acerca dos pressupostos utilizados pela economia para construir a teoria do consumidor.

Propõem a compreensão do modo como as mercadorias são utilizadas pelas pessoas para estabelecer a diferenciação social (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004).

Já o próximo autor revisado, Don Slater, possui uma leitura sociológica acerca do consumo. Segundo ele, a cultura do consumidor é uma cultura de consumo e caracteriza o modo preponderante de condução das relações sociais da modernidade no ocidente capitalista. Para desenvolver seu trabalho adota o que chama de indicadores sociológicos para definir a cultura do consumidor. Dentre eles está a idéia de que o consumo se tornou foco central da vida social na modernidade, estando diretamente ligado a uma cultura de uma sociedade de mercado. Assim, Slater afirma que a maior parte do que consumimos está sob a forma de mercadorias, e que essa relação é definida pelo acesso que se tem a elas, o qual depende da distribuição dos recursos materiais e culturais e também do lugar que se ocupa nas relações de mercado (SLATER apud BARBOSA, 2004). Além disso, defende que as mercadorias são produzidas para um mercado de massas, e não para indivíduos específicos, tornando a cultura do consumidor em princípio, universal e impessoal; ou seja, do mesmo modo que *a priori* não se restrinja quem pode ou não ter acesso a esse mercado, também não se define o que pode ou não ser comercializado, podendo ser qualquer coisa.

Outro ponto importante e crítico dessa teoria reside no fato de que o consumo é entendido como um ato privado, definido segundo decisões interiores e idiossincráticas, caracterizando-o como uma ação oposta ao sentido público. Essa afirmação abre prerrogativa de que as necessidades dos consumidores são insaciáveis e ilimitadas. Contudo existem duas vias de compreensão para esse fato: uma que leva em conta um nível de sofisticação, de refinamento aliado ao progresso econômico e social, que dá o tom das necessidades individuais; e outra que entende que tais necessidades são criadas como exigências do sistema capitalista para sua manutenção.

De acordo com o autor, a cultura do consumidor representa ainda uma forma de negociar a identidade das pessoas no pós-capitalismo, bem como representa a importância do suposto poder de escolha no âmbito do consumo. Isso significa que, a partir desse espaço, pode-se questionar se o consumo é mesmo uma arena de liberdade e de escolhas, ou terreno de manipulação. Até que ponto o consumidor

pode de fato escolher? E até onde vai sua submissão e passividade? Com esses questionamentos, o autor conclui sua discussão reforçando a importância de compreender o consumo e sua cultura como parte processual da história moderna, e não apenas lidar com as preferências do consumidor numa relação desconectada das demais variáveis.

Para a maior parte dos teóricos, o consumo é essencialmente cultural e um processo central na reprodução social. Atividades como comer, vestir e divertir-se se relacionam com a organização das instituições sociais presentes nas sociedades, bem como a formação dos hábitos gerais que definem modos de ser de grupos específicos em diversos níveis sociais. Além disso, uma outra característica do consumo é que ele ocupa em nossa sociedade um papel diferenciado do que assumia em outras épocas históricas. Dizemos que na sociedade contemporânea existe uma sociedade de consumo; ou seja, o consumo em nossos dias está muito além da satisfação de necessidades para a reprodução social.

Apesar da existência de grupos onde as pessoas se identificam pelo consumo, não há um destino fechado para as escolhas. Cada vez mais o que está em jogo é a idéia das “individualidades” que definem gostos, corpos, tipos de diversão, comidas, roupas, etc., determinando estilos diversos e mutantes, impulsionados pela multiplicidade dos produtos. Há a popularização de artigos através de similares e “piratas”, que permitem ainda mais a circulação das pessoas por estilos de vida propagados no mercado, imitando condições luxuosas de ser e estar no mundo, de maneira mais acessível ao público de menor status. Entretanto a marcação desses lugares de status dá continuidade à tendência em separar o que é possível de se consumir, de acordo com o poder aquisitivo.

Essa característica das escolhas se tornarem processos cada vez mais individualizados é bastante questionada por alguns autores como Daniel Miller e Colin Campbell. Eles levantam a discussão de que a liberdade de escolha, tão valorizada e propagada nas sociedades contemporâneas, não existe sem as condições culturais, econômicas e sociais que pautam algumas de nossas formas de identificação (assim como o gênero, a etnia, etc.). Questionam ainda a baixa mobilidade das pessoas por estilos de vida muito diferentes, afirmando que estes permanecem por um longo período de tempo regendo nossas vidas. Afirmam ainda

que, apesar de muitas identidades serem construídas através do consumo, existe uma outra via, que é o reconhecimento *nos* produtos, dos gostos e preferências que julgamos individuais.

Porém, de todas as mudanças processadas nos padrões de consumo e apesar das divergências de interpretação desse fenômeno, o que há em comum na compreensão do tema é a passagem do consumo como uma atividade familiar, evidenciada pela marca do tempo valorizada nos objetos (a importância da tradição), para um consumo individualizado, marcado pela valorização do chamado “direito de escolha”.

Mike Featherstone (1999) é um teórico que se debruça para entender a dinâmica do consumo numa perspectiva cultural, inserida no contexto da globalização. Sua análise concebe a cultura global como um processo, e não como característica de um estado nacional de forma homogeneizante, e concebe de modo não polarizado as questões referentes ao consumo: aí reside sua maior contribuição e originalidade. Para ele o homem da cultura de consumo não é totalmente manipulado pela propaganda, nem adota estilos de vida de forma completamente deslocada e irrefletida. Existe uma participação ativa do consumidor, e não apenas passividade, diante do peso e do alcance das estratégias de mercado. Isso é manifestado nos bens, nas experiências, nos produtos selecionados, nas aparências exibidas pelas pessoas. Portanto Featherstone vê as práticas de consumo para além da estratificação social e da identificação, embora não seja alheio às particularidades definidas pelo poder de compra das pessoas.

Sua proposta é que se leve em consideração o capital cultural que confere a possibilidade de exercer poder social independentemente da renda e do capital que se possua. Assim, segundo ele, existem outros princípios de funcionamento e ordenação das práticas de consumo, baseadas predominantemente nas diversas culturas que convivem na era pós-moderna. Destaca ainda nesse contexto três grupos de teoria para dar conta dessa realidade: a produção do consumo, os modos de consumo e o consumo de sonhos e imagens.

O primeiro grupo interpreta que a cultura do consumidor é uma consequência da necessidade de se criar novos mercados e seduzir os consumidores através da

propaganda (manipulação ideológica). Nessa perspectiva, a cultura do consumidor é responsável pela desintegração e afastamento das pessoas dos valores considerados genuínos.

O segundo grupo refere-se à lógica socialmente estruturada para que as mercadorias sejam consumidas a fim de demarcar relações sociais. Aqui o entendimento é que os bens definem o lugar de posição na sociedade. Demarcam e são demarcados por diferenças de acesso, de investimento de tempo, dinheiro e informação.

Por fim, o terceiro grupo trata das questões emocionais disparadas pelo consumo, especificamente os sonhos e desejos exaltados pelo imaginário da cultura do consumidor. Essa característica da cultura do consumidor tem como ícone os *shoppings centers* e as lojas de departamento, dentre outros espaços que estimulam e valorizam as sensações e os prazeres. Com isso, fica clara a contradição existente nas sociedades ocidentais contemporâneas.

O último ponto a ser considerado acerca do autor é sua forma de compreender os diversos estilos de vida. Featherstone afirma que eles podem ser mais bem explicados se relacionados ao conceito de *habitus* das frações de classe. Este por sua vez se conecta às disposições, inconscientes ou não, aos esquemas de classificação e de preferências que as pessoas possuem e pelos quais conferem sentido e impressão de adequação a determinadas práticas e bens. Para tanto, pauta essa afirmativa na teoria de Bourdieu e considera que para se chegar ao entendimento dos estilos de vida é necessário verificar a economia dos bens culturais (MANCEBO et al, 2002).

Bauman é o último autor a ser revisado. Sua teoria é bastante difundida no Brasil e seus críticos a consideram carregada de pessimismo. Contudo observamos sob outra ótica seus escritos, compreendendo que a crítica social no estudo sobre o consumo se trata mais de uma articulação necessária para a compreensão do fenômeno do que uma mera visão negativa das questões em jogo. Por isso, nos deteremos um pouco mais em sua análise.

Tal autor analisa o consumo no contexto da globalização, apoiado nas concepções de acumulação flexível, termo cunhado por David Harvey (1994) bem como suas conseqüências na flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados, das relações e também dos padrões de consumo. Para ele é notória a diferença existente entre os mecanismos atuais e os de épocas anteriores (quando do início do fordismo, por exemplo), no que se refere ao modo de se consumir e especialmente na criação de “necessidades”, utilizando o desejo das pessoas.

O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa”. [...] Os consumidores guiados pelo desejo devem ser “produzidos”, sempre novos e a alto custo (BAUMAN, 2001, p. 88).

Assim, o desejo, moldado no contexto da globalização, torna-se um “querer”, e não mais simplesmente desejo. Isso significa que a efemeridade se acentua, de maneira que, para a nossa sociedade de consumo, “o céu é o limite”. Não existe uma norma que pré-defina a vida consumista, mas o cuidado que se deve ter é o de nunca se deixar restringir, isto é, estar sempre disposto a superar as novidades, com produtos e bens cada vez mais novos, ao invés de deixar que tais novidades impeçam novas sensações e nossa capacidade de absorvê-las.

Além disso, Bauman explica que as pessoas em nosso contexto criam a idéia de que precisam emoldurar suas vidas, de modo a torná-la coerente e magnífica aos olhos alheios, tal qual uma obra de arte. Nesse processo, acabam por se esforçar numa busca incessante para que a experiência de vida seja reconhecida como consistente, confiável e sólida. Desse modo, todos nós nos esmeramos por manter escondida a fluidez de nosso estar no mundo, negando a provisoriedade da experiência de estar vivo; e, por isso, há a necessidade de nos colarmos a coisas sólidas, palpáveis, que possam de alguma maneira nos definir no mundo. Contudo precisamos da fantasia para mantermos o malabarismo entre o fluido e o sólido,

entre o movimento constante e a forma fixa: é justamente nesse ponto que a moda funciona como propulsora da experimentação dessas fronteiras tênues, dando a impressão de que somos livres para construirmos ou desconstruirmos identidades ao nosso bel prazer. Imaginamos possuir uma liberdade individual, com a possibilidade de escolha entre ser diferente e, ao mesmo tempo, “ter identidade” (*“diferentemente lindo, surpreendentemente belo, não me compare, sou incomum... somos todos e cada um⁴”*). Essa escolha se processa pela compra, porém o que está à venda não são apenas as mercadorias, vendem-se modelos e receitas de vida, serviços e idéias. Vamos às compras movidos pelo desejo de sermos mais bem vistos pelas pessoas do grupo a que pertencemos, para sermos reconhecidos no trabalho, convencendo os outros de que somos os melhores por vestirmos determinada roupa, por termos acesso a determinada informação ou modelarmos o corpo de acordo com a moda e as tecnologias disponíveis. Compramos para estarmos na “crista da onda”, seja para nos adaptarmos, para nos diferenciarmos, ou preenchermos os espaços vazios do convívio e da vida de modo geral.

Essa dinâmica, por sua vez traz conseqüências a curto, médio e longo prazos, com impacto nas sociedades humanas e no ambiente. De acordo com Zigmunt Bauman (1999), existem dois aspectos que se destacam aí: primeiro, o adensamento da efemeridade dos produtos, a aceleração do tempo (a velocidade da vida que se acentua) e a fluidez das técnicas de produção das idéias desenvolvidas, bem como práticas e relações sociais cada vez mais líquidas. O que chama atenção é a urgência de se fazer circular os produtos e as formas de vida, com a característica de serem rapidamente envelhecidos e substituídos. Em segundo lugar, esse aumento da velocidade de circulação gera a necessidade de lidar com conceitos do tipo descartabilidade e obsolescência programada. Isso se traduz em experiências de vida que têm por característica fundamental as conquistas em curto prazo, modos de ser em constante excitação por novas sensações e uma inquietação e insatisfação crescentes. O consumidor na sociedade atual está sempre em movimento, ligado às mudanças, instigado a abolir a durabilidade e a permanência das coisas, ao mesmo tempo em que luta para se reconhecer através dos inúmeros bens aparentemente disponíveis a todos.

⁴ Música do comercial da marca Albany, veiculado na televisão brasileira durante alguns meses do ano de 2006.

Uma outra constatação é que não podemos escolher *a priori* o tipo de sociedade em que vamos viver e, por isso, estamos expostos às condições citadas acima, tendo como opção aderirmos ao movimento, empolgando-nos com as possibilidades à vista, ou temermos que sejamos tragados pelo fluxo inconstante e contínuo. Entretanto mesmo essas opções dependem do lugar que se ocupa nessa sociedade consumista, que também é estratificada. Não basta desejar, não basta querer: é primordial que se construa os meios de pertencer à classe dos que podem consumir, ou ainda, dos que podem consumir cada vez mais.

Essa polarização confere diferenças substanciais na vivência das pessoas, especialmente porque, numa sociedade de consumidores, diferente de uma sociedade de produtores, o consumo é muito mais do que mera atividade: é uma condição de pertença e de reconhecimento, ainda que na via do baixo poder de exercê-lo; pois o que ocorre é que mesmo os pobres habitam a cultura do consumo. Possuem o mesmo ideário dos ricos, embora não tenham acesso a esse universo globalizado da mesma maneira. Bauman refere-se a turistas e vagabundos, ambos regidos pelo movimento, embora os primeiros estejam confortavelmente adaptados e acolhidos pela dinâmica da dissolução de fronteiras e do apelo ao desejo. Os vagabundos são os não adaptados, os que se movem pela falta de opção em permanecer por muito tempo no mesmo lugar, por não serem bem vindos especialmente pela hostilidade que lhes é dirigida. Já os turistas são os que têm passaporte e visto liberados; é em função deles que os sonhos e desejos são construídos e reafirmados: os turistas são admirados pelos vagabundos.

Pergunte aos vagabundos que tipo de vida gostariam de ter se pudessem escolher e você terá uma descrição bem acurada da alegria do turista "tal como vista na TV." [...] A única coisa que querem é permissão para serem turistas - como o restante de nós [...] Num mundo inquieto, o turismo é a única forma aceitável, humana, de inquietude (BAUMAN, 1999, p. 102).

Nesse sentido, observamos que as diferenças estão presentes nesse mundo globalizado, mas que se configuram de maneira peculiar, de modo a englobar o todo numa espécie de objetivo único, a partir de degraus distintos.

Consideramos relevante levantar algumas discussões que permeiam essas e as demais modificações ocorridas especialmente nas sociedades ocidentais. A idéia de modernidade e pós-modernidade auxilia nessa compreensão.

2.3 Considerações a respeito da modernidade e pós-modernidade

De acordo com David Harvey (1994), a modernidade é um movimento sócio-político-cultural que teve início por volta do século XVIII na tentativa de romper com as tradições, desmistificando o conhecimento e a organização social a fim de enriquecer a vida. Os pensadores iluministas pretendiam livrar as pessoas das superstições e da irracionalidade presente nas religiões e nos mitos, bem como libertá-los dos abusos de poder. Para isso, viram na racionalidade, na diferenciação econômica e administrativa do mundo social uma via para a mudança.

Contudo, no séc. XX todo o otimismo do projeto moderno é questionado após as inúmeras opressões sofridas em nome de uma racionalidade (guerras, militarismo, nazismo...). No pós-guerra, o modernismo perde aos poucos seu caráter anarquista e revolucionário e passa a dar lugar a uma ideologia tradicionalista bem adaptada ao poder dominante na época. Por convenção a modernidade se encerra nos anos 50 (FERREIRA DOS SANTOS apud MIRANDA, 1996).

A Pós-modernidade por sua vez é um termo carregado de opiniões divergentes e de calorosas discussões. Também os campos de mudança a que se refere são variados, indo da antropologia à ciência política e à teologia. Por isso, fica complexo, e mesmo perigoso, descrever de maneira resumida, o que seria esse movimento.

Porém algumas marcas mais visíveis existem. Uma delas é que a Pós-modernidade não luta contra a efemeridade e o caos. Ao contrário, as mudanças e a fragmentação são encaradas como condições afirmativas. Outra característica é o questionamento das metanarrativas. “As verdades eternas e universais, se é que existem, não podem ser especificadas” (HARVEY, 1994). Para a Pós-modernidade as totalizações são problemáticas à medida que o mundo é concebido como plural, múltiplo e não passível de redução em interpretações universais. Contudo essa visão traz problemas de entendimento, especialmente porque, como todo

movimento, não há uma uniformidade na interpretação da realidade, nem tampouco nas propostas. Muitos e distintos autores, artistas, enfim, são concebidos como pós-modernos; além disso, devido a suas características, alguns teóricos, como Frederic Jameson concebem esse movimento como a lógica cultural do capitalismo tardio.

No contexto desse trabalho é importante perceber que essas definições são importantes apenas para notar as mudanças que tangenciam a produção de novos modos de vida, de consumo, de lidar com a vida pública, por exemplo. Não se trata de discutir se o projeto pós-moderno supera ou não os objetivos da modernidade ou se temos aí um continuísmo.

Vale atentar para o fato de que junto das modificações econômicas, vieram outras que alcançaram as artes (pós-modernismo), a literatura, a cultura...novos valores emergiram, reorientando a organização das sociedades.

Um dos aspectos mais polêmicos é que a fragmentação proposta pelo mundo pós-moderno, leva ao esvaziamento de sentido do político, e da vida pública, do conhecimento...dos modos de vida. Embora isso de fato ocorra, devemos atentar para a necessidade de romper a discussão do tipo “cabo de guerra” entre as características modernas e pós-modernas e passar a problematizar os meios de se construir rupturas, inovações, no contexto percebido das atuais mudanças. Pensar essas modificações, tal como proposto por JAMESON (1994), referindo-se à diluição do espaço público, em termos de uma “terra de ninguém”. Essa “terra de ninguém” seria o espaço da aventura, de um tipo diferente de práxis, inovadora, que não se liga ao medo nem ao pesadelo da indefinição, por mais imperativas que sejam as ordens em função do capital.

2.4 Outras contextualizações

Como já foi dito acima, o consumo faz parte da atividade humana, mas o que diferencia uma sociedade de consumidores é o fato de que ele se restringe em si mesmo, ou seja, significa, para tal, que sua função está além da satisfação de necessidades materiais de reprodução social; isto é, que seja parâmetro e objetivo coletivo de sujeitos e de políticas econômicas, de modo a neutralizar quaisquer

discussões a respeito de seu impacto a curto, médio e longo prazos sobre sociedades inteiras.

Exemplificando bem essa questão, temos o caso da China, que segundo dados do Relatório Estado do Mundo em 2004, passou a se pautar nos moldes desenvolvimentistas. Cita esse relatório que o país foi, durante todo o séc. XX, devidamente conhecido por ser o país das bicicletas, e que atualmente o cenário se apresenta bem diferente. Em 2002, havia 10 milhões de carros particulares, e o número de proprietários crescia aceleradamente: a cada dia, em 2003, cerca de 11.000 veículos a mais se juntavam ao tráfego das rodovias chinesas, ou seja, 4 milhões de carros novos no ano. As vendas aumentaram 60% em 2002 e em mais de 80% no primeiro semestre de 2003. A China vem seguindo um rumo bem marcado, e sua história automotiva evidencia a sua entrada alucinante na sociedade de consumo.

Após alguns efeitos do impacto desse tipo de desenvolvimento chinês, as autoridades mundiais iniciaram discussões acerca da necessidade de se controlar a forma de inserção desse país na economia global, incluindo o consumo e suas conseqüências ao meio-ambiente. Contudo a preocupação procede mediante o problema já estabelecido, visando ao não-prejuízo financeiro dos investimentos, e não às vidas em jogo (seja das pessoas restritamente ou do próprio meio em que se vive).

Desse modo, apesar de sabermos que a sociedade de consumo possui vantagens econômicas claras ao capital e que também não se trata de alijar os sujeitos das vantagens já alcançadas pela evolução tecnológica, contudo observa-se que:

O aumento disparado do consumo na última década, e as projeções alucinantes que logicamente dele derivam, indica que o mundo como um todo se verá, em breve, frente a um grande dilema. Caso os níveis de consumo que as várias centenas dos milhões de pessoas mais afluentes gozam hoje se repliquem por, pelo menos, metade dos cerca de 9 bilhões de pessoas que deverão ser adicionadas à população mundial em 2050, o impacto em nossa oferta de água, qualidade do ar, florestas, clima, diversidade biológica e saúde humana será extremamente grave (ESTADO DO MUNDO, 2004, p. 4).

Então, a partir desse tipo de realidade construída, perceberemos a importância de se questionar acerca dos parâmetros adotados para se viver de modo digno. Tal

proposta se pauta no reconhecimento dos limites dos recursos naturais, do solo, das mudanças sócio-político-econômicas envolvidas, das diferenças culturais e especialmente da inter-relação entre esses fatores. A questão da insustentabilidade das formas de consumo adotadas é reconhecida pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e percebida pelo senso comum através das informações que são veiculadas pela mídia, bem como pela própria experiência concreta de observação das mudanças ocorridas ao longo dos anos nessa relação. Contudo pensar o consumo de maneira integrada às outras variáveis é uma prática pouco comum na academia e também na vida diária. Mais melindroso ainda é construir formas de entendimento conjunto de o que é ou não supérfluo, e o que são necessidades.

Além disso, discorrer acerca dessa temática demanda ainda acuidade para perceber as fronteiras tênues que ela possui; isto é, por ser um tema transversal e de difícil definição, a sociedade de consumo pode ser alvo de discussões de cunho moral e moralizante:

Temas como materialismo, exclusão, individualismo, hedonismo, lassidão moral, falta de autenticidade, desagregação dos laços sociais e decadência foram associados ao consumo desde o início do século XVII e ainda hoje permeiam as discussões, dificultando e misturando conceituação e análise sociológica com moralidade e crítica social (BARBOSA, 2004, p.12).

Por conta das mudanças ocorridas na intensidade e diversificação dos produtos consumidos a partir do impulso da industrialização, passou-se a perceber o caráter ostentatório e supérfluo do consumo de bens. Isso trouxe uma dificuldade para a análise da situação, uma vez que essa característica é marcante em muitas teorias que explicam o consumismo pelo menos desde a década de 60, que é quando iniciam as críticas mais focadas a esse tema, especialmente nos países chamados desenvolvidos.

Ademais, não podemos nos esquecer de que, apesar de ato comum a todos os humanos, o consumo se diferencia também de acordo com outras variáveis dentro das relações de produção, isto é, de acordo com a distribuição da riqueza gerada, o que confere desigualdades no modo e na intensidade do consumo. Contudo, isso não o caracteriza como algo pertencente apenas a uma parcela específica da

população, que goza de um poder aquisitivo elevado. Ao contrário, deve ficar claro o quanto independe o lugar que se ocupa na cadeia produtiva, pois, apesar das desigualdades inquestionáveis geradas pelo capitalismo, o consumismo não exclui ninguém de sua lógica. O que estamos afirmando é que dentro dessa sociedade de consumo, que é impulsionada pela lógica do Capitalismo Mundial Integrado⁵, engendraram-se modos de subjetivação que se constituem em mantenedores do *status quo*, não se restringindo a nenhum setor específico da população.

O capitalismo produz subjetividade porque ele não vive sem ela, ou melhor, o capital produz aquilo mesmo que irá lhe sustentar e manter. O que significa que nós mesmos produzimos cotidianamente nossa própria mortificação (MACHADO, 2004, p.171).

Valendo-se disso, o Capital cria produtos para os diversos públicos, gostos e bolsos, de modo que hoje, embora milhões de pessoas vivam abaixo da linha da pobreza, e gastem muito pouco no consumo de bens, há parcelas da população de consumidores que são responsáveis por alimentar o ciclo de produção capitalista. Haja visto que 60% do consumo privado global vem de 12% da população mundial, que vive na América do Norte e Europa, enquanto os que vivem no Sul da Ásia e África Subsaariana (terça parte da humanidade), consomem 3,2% (ESTADO DO MUNDO, 2004).

Ainda que saibamos da existência de um abismo social entre os diversos consumidores, mantemos o foco na questão da criação dessa pseudo-necessidade de consumo, que produz e é produzida pelos modos de subjetivação capitalistas. Como nos diz Baudrillard, em *A sociedade de consumo* (2005, p.207): “Por outro lado, assim como o aspecto mais diabólico do Diabo nunca foi existir, mas sugerir que existe _ também a Abundância não existe, basta-lhe, porém fazer crer que existe, para se transformar em mito eficaz.”

A idéia de felicidade acoplada ao consumo, o sonho da moda, a fugacidade delirante de todas as coisas produzidas e a aparente abundância sugerida pelo consumo, nos fazem atentar para o fato de que, mesmo que o Capitalismo esteja com tentáculos

⁵ Esse termo é utilizado por Guattari para se referir ao capitalismo contemporâneo, como uma alternativa menos genérica ao termo globalização. Segundo ele, o capital colonizou todo o planeta englobando inclusive os países que historicamente dele escapavam.

cada vez mais poderosos e com um amplo alcance, mesmo que as sociedades contemporâneas vivam hipnotizadas pelos mitos do consumo e que nossa subjetividade e nossas relações estejam imersas nessa lógica, existem possibilidades outras, que são criadas a cada instante, que fogem e criam outros modos de ser e de estar nessa realidade.

Entretanto, nem tudo está perdido. Defensores do consumo, economistas, legisladores e ambientalistas vêm desenvolvendo opções criativas para atender às necessidades das pessoas e, ao mesmo tempo, reduzir os custos ambientais e sociais associados ao consumo em massa. Além de ajudar as pessoas a encontrar o equilíbrio entre muito e pouco consumo, dão maior ênfase a bens e serviços públicos, a serviços em lugar de bens, a bens com maior teor de reciclados e a alternativas genuínas para os consumidores (ESTADO DO MUNDO, 2004, p. 4).

Inquieta-nos saber se essas alternativas ao consumo são criações que fogem, que escapam à lógica capitalista, ou são apenas processos maquiadores, que sucumbem de modo mais sutil ao império do capital. Pois ainda que a situação engendrada por esse modo de produção e de nossas relações não seja favorável à vida, por mais que saibamos do impacto gerado pelas sobras da sociedade de consumo no ambiente de modo geral, vivenciamos uma apatia no que tange à discussão e às ações efetivas nessa área, que se coloca de modo tão transversal.

É nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas. Entendamo-nos bem: não pretendo de maneira alguma que essas novas problemáticas ecológicas tenham que "encabeçar" as outras linhas de fraturas moleculares, mas parece-me que elas evocam uma problematização que se torna transversal a essas outras linhas de fratura (GUATTARI, 1990, p.14).

Essa problematização disparada pela eco-lógica, possibilita uma forma de olhar e de sentir os efeitos das atividades humanas em termos de modos de produção e relação sociais sobre um prisma diferenciado. Pois não há como desarticular essas questões das demais, ainda que por um longo período de tempo as sociedades tenham se pautado em evitar tal discussão.

3 UM RECORTE SOBRE A PRODUÇÃO DE LIXO

Esta reflexão sobre a questão do lixo retoma os motivos que me levaram a pensar sobre essa temática. Como já dito na apresentação, o lixo é algo que esteve sempre presente de um modo não necessariamente pejorativo em minha vida. Foi instrumento de imaginação e criação por muitos anos da infância; e, em outros momentos, foco de preocupação, pois me inquietava a forma como as pessoas se relacionavam com aquilo que elas mesmas produziam e chegava finalmente ao descarte.

Muitos caminhos foram percorridos até chegar ao ponto de refinar o estudo para a questão dos modos de subjetivação em suas relações com os modos de consumo atuais, e conseqüentemente com o lixo, que é o descarte final. Inquietava-me perceber como as pessoas pensavam sua relação com o mundo, no sentido direcionado ao consumo que gera o lixo. Como será que elas percebem esta vida atual, estes nossos modos de vida tão múltiplos? Será que existe para elas uma relação direta entre o consumo e o lixo? E, afinal, o que é considerado sobra, resto de consumo? A questão do lixo deveria ser compreendida de forma articulada em suas conexões com o consumo e as subjetividades, e não de modo fragmentário, como nos indica Guattari, referindo-se a **ecosofia**:

Na realidade, o que convém incriminar, principalmente, é a inadaptação das práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real. Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. (GUATTARI, p. 24, 1990)

Comumente o que se acompanha na tv, nos jornais, e nos discursos científicos referente às preocupações tanto governamentais quanto da *práxis* cotidiana acerca de temas sobre meio-ambiente (como é o caso da produção de lixo), é uma concepção restrita. Quer dizer: meio-ambiente é a floresta amazônica que deve ser preservada, o lixo que deve ser jogado no lixo, os pássaros em extinção que devemos respeitar e assim por diante. Parece que não há sentido em articular o entendimento desse aspecto aos outros que compõem nossa realidade (o social, cultural, os modos de vida, a economia). Com isso, colaboramos na construção de

uma realidade fragmentada que não contribui para a melhoria da qualidade da vida, para formas inventivas e potentes de estar no mundo.

Diante do exposto, propomos pensar o tema do meio-ambiente em uma de suas variáveis: a produção de lixo, por percebermos aí um forte gancho para a articulação ecosófica. Acreditamos que por meio desse caminho podemos contribuir para a urgência do olhar não compartimentado dos aspectos da nossa realidade.

O lixo, portanto, como fim do processo de um consumo mutante, como vemos na atualidade, veio se modificando ao longo dos tempos, tanto em matéria como em quantidade. E, ainda que saibamos que, de toda atividade humana, resultam materiais de todo o tipo, notamos que ao longo dos séculos, à medida que a indústria e a tecnologia foram se aperfeiçoando, algumas variáveis se somaram ao vertiginoso acréscimo da produção de lixo em consequência do aumento do consumo.

Podemos citar a produção em série de bens de consumo duráveis, (como carros, geladeiras e eletrodomésticos de modo geral), a qual se aperfeiçoou, dinamizou... promovendo uma modificação cultural, que alcançou a economia, o comportamento do consumidor e da população em geral.

A moda, a publicidade e a crescente higienização que a tudo atinge (desde a alimentação, até questões diretamente ligadas à saúde) também são aspectos que apontam para a direção desse aumento da produção de lixo, que vai demandar tanto do poder público quanto da sociedade em geral medidas e ações resolutivas em todas as suas dimensões. Entretanto o que resta dessas nossas atividades, e que se torna lixo, não é questão que tira o sono de muita gente, como pude perceber ao longo da coleta de dados, na seleção e leitura da bibliografia, bem como nas conversas informais com pessoas de diversas realidades. Perguntas como: Para onde vai o lixo? Como é transportado? O que é feito com ele? Quais as formas corretas de disposição do lixo? Caso seja disposto de forma inadequada, quais as implicações? E, mais ainda, como podemos diminuir essa exorbitante produção de lixo? São perguntas que dificilmente ocupam nossa cabeça e nosso tempo.

3.1 Contextualizando os restos de consumo

Um breve relato acerca da relação das sociedades com aquilo que se denomina lixo é interessante para nos situarmos historicamente no desenvolvimento dessa questão. Para tal, faremos um corte cronológico (que, como todo corte, é arbitrário), partindo da Idade Média até os dias atuais.

A Idade das Trevas⁶, como também é chamada hoje, traz todo um contraponto com a nossa atualidade desde as questões econômicas (o sistema feudal), sociais e também culturais. Estamos acostumados a ver nesse período da história apenas os aspectos que a tornam uma época de pura barbárie, caos e violência; questões que de fato existiram, mas que também devem ser analisadas com critério, uma vez que este período histórico, tal qual a Modernidade, a Pós-modernidade etc., não são constituídos de uma massa homogênea de acontecimentos. Portanto, para efeito didático, considerando as abstrações existentes neste resumo e respeitando os limites teóricos, concordamos com Rodrigues (1995), que afirma coexistirem naquela época dois tipos de cultura que influenciaram a relação das pessoas com os restos. Uma delas, considerada oficial (a dos nobres e do clero), que primava pela cultura da língua culta, escrita, conhecida hoje através das marcas impressas na arte, e nas construções arquitetônicas daquele período. E outra, que era a cultura “leiga”, predominantemente pagã, em que a convivência social das pessoas era o ponto marcante, onde aconteciam as dramatizações do cotidiano e toda efervescência da troca, inclusive com aqueles hierarquicamente pertencentes à cultura oficial. A sociedade vivia uma mistura tal que alcançava questões que para nós são completamente opostas, como por exemplo, o espírito e a matéria, corpo e alma; portanto as relações com ambos eram bastante distintas daquelas de hoje. Vida e

⁶ Considerada desde o Renascimento como período obscurantista e decadente, situado entre a Antiguidade e o Renascimento, só em meados do século XIX a Idade Média passou a ser compreendida como etapa necessária da história da civilização ocidental. Durante cerca de um milênio, a Europa medieval passou por lentas mudanças econômicas e políticas que, no entanto, prepararam o caminho da Modernidade. Chama-se Idade Média o período da história européia compreendido aproximadamente entre a queda do Império Romano do Ocidente e o período histórico determinado pela afirmação do capitalismo sobre o modo de produção feudal, o florescimento da cultura renascentista e os grandes descobrimentos. A Idade Média européia divide-se em duas etapas bem distintas: a Alta Idade Média, destacada pelos eventos que contribuíram para a queda do Império Romano do Ocidente durante o século V e a Baixa Idade Média que é o período que se estende do século XI ao século XV, caracterizado pelo momento histórico de crise do modo de produção feudal e das relações econômicas, sociais e culturais a ele relacionadas, isto é, a derrocada do mundo medieval. (Em: www.pt.wikipedia.org/wiki/Baixa_Idade. Acesso em 17 janeiro 2007).

morte não eram seccionadas, as sepulturas eram coletivas em sua grande maioria. E não eram necessariamente fechadas; e, já no período do baixo medievo, o centro da vida social eram os locais comuns entre mortos e vivos, o que mais tarde se transformou no que chamamos cemitérios, onde tudo acontecia (casamentos, comemorações, festas profanas, etc). Não havia a relação de repúdio tão veemente com o corpo em decomposição, como aos poucos foi se construindo junto ao desenvolvimento da medicina (ARIÈS, 1990). Assim, nesse contexto é difícil que se encontre uma noção de lixo, de dejetos e esgoto tal como possuímos hoje.

Aqui se nega a oposição entre vida e morte, afirmando-se a vida, gritando-se que só há vida - vida nova, vida velha, mas somente vida: mortos são pessoas que dormem, mas estão vivas e ressurgem, carnes que se decompõem mas se recompõem [...]. Neste ambiente em que nada se separa de nada, em que tudo se confunde com tudo, neste clima produzido por esta atmosfera carnavalesca, das barreiras e dos limites sempre ultrapassados, como pensar no descartável, no inútil, naquilo cuja vida se esgotou? (RODRIGUES, p. 35, 1995).

O corpo medieval também demonstra muita diferença em relação ao corpo burguês e mais ainda a esse “corpo globalizado” da contemporaneidade. Não havia este corpo tão sensível aos odores, cheiros, gostos e texturas, como podemos notar. Aquele não era um corpo segmentado, individualizado, controlado, disciplinado. Não era instituído como comportamento padrão fugir às experiências e ao contato com o que atualmente consideramos lixo. Entretanto tal relação começa a se modificar, à medida que se associam os restos produzidos pelo homem às fatalidades que causavam medo, pois produziam muito sofrimento físico e psíquico, como é o caso de tantas epidemias e pandemias de “peste” vivenciadas no período medieval. Alguns afirmam que neste período, quando se fala em “peste”, não se pode generalizar seu entendimento à peste bubônica ou à peste negra (que dizimou populações inteiras no século XIV), uma vez que outras doenças também circulavam amplamente, como a gripe, a cólera, o tifo e uma infinidade de vírus (URSINO apud VELLOSO, 2004). As pessoas tentavam encontrar explicações para o que acontecia, interpretando muitas vezes as doenças como “castigo divino” ou como transmissão pelo ar corrompido, o que deu início à teoria dos miasmas, percebendo-se então que o contágio se dava de pessoa para pessoa, gerando assim muito medo nos contatos.

Através dos séculos, aprendemos a separar e a isolar tudo aquilo que remetia a algum tipo de ameaça. Especialmente quando, a partir do século XVIII, se popularizam os hospitais, os colégios, as prisões e os hospícios, constituindo-se em instituições primordiais a ordem e ao controle das sociedades.

Constrói-se a questão da higiene pública como uma preocupação geral das autoridades, iniciando as investigações das causas dos problemas dessa ordem, bem como sua solução. Pavimentam-se ruas, cobrindo-se o solo para evitar contato com a terra úmida, canalizam-se os rios e começa-se a separar com mais “rigor” os restos, aquilo que é considerado lixo (RODRIGUES, 1995).

A partir da Revolução Francesa e das influências da Revolução Industrial sobre os modos de vida, notou-se uma acelerada mudança nos padrões culturais com relação à higiene e conseqüentemente, alterações que incidiram inclusive na disposição das cidades, que se constituíram com ruas mais alargadas, instalações de esgotos... baseadas na teoria da circulação sanguínea, difundida pelos médicos da época (RODRIGUES, 1995; VELLOSO, 2004).

É na segunda metade do século XIX que surge na França, a figura do lixeiro (RODRIGUES, 1995). E apenas por volta de 1846, foi oficializada a necessidade de o lixo merecer tratamento específico das autoridades; ou seja, há muito pouco tempo temos o lixo como preocupação de políticas públicas institucionalizadas.

Todo esse percurso não se modificou de maneira abrupta: foi preciso um grande esforço pedagógico nas grandes cidades para que as pessoas compreendessem, por exemplo, que o fogo não era o único modo de desinfetar os objetos, os ambientes, mas também a água (a idéia de lavar-se e lavar as coisas é relativamente recente). E que as casas deviam ser mais arejadas permitindo a circulação do ar evidenciando que tal prática não favorecia o contágio das doenças, tal como se havia pensado antes (ARIÈS, 1990). Tudo isto ocorreu influenciando diretamente o modo de lidar com os corpos, ou seja, essa dinâmica de asseio fez parte do processo de individualização das pessoas, que passaram não apenas a separar o lixo, mas a se distanciar dos contatos considerados sujos e inferiores. Daí, podemos perceber inclusive, a associação entre pobreza e sujeira (especialmente a

partir do século XIX, com o advento da burguesia asséptica), pois essa também acabou se convertendo numa forma de segregação não somente do material, mas também de toda a idéia que se distanciava do novo ideal de higienização.

Desde o fim da Idade Média e início da Modernidade, as pessoas que cuidavam do destino final do lixo eram segregadas da sociedade, assim como as sobras, os restos com os quais lidavam, sendo tratados socialmente da mesma maneira que sua ocupação (VELLOSO, 2004; JUNCÁ, 2004). Daí percebemos a relação da desqualificação do trabalho com resíduos, desde muitos séculos atrás, o que ainda necessita de muito esforço para ser modificado inclusive nos dias de hoje.

Até o ano de 1950, em grande parte dos países ocidentais, os resíduos foram associados diretamente ao surgimento de doenças. Portanto, este foi o único meio de visibilidade do tema durante muitas décadas. Ou seja, tratava-se o assunto do lixo apenas como secundário em detrimento à saúde da população que era prejudicada por ele. Apenas a partir dos anos 70 começaram a ser relacionados com as questões ambientais.

Portanto apenas depois dos estragos causados pela degradação do planeta com impacto na saúde do homem é que as substâncias e os materiais produzidos por ele mesmo obtiveram relevância a ponto de alcançarem as vistas das autoridades (VELLOSO, 2004). Mesmo assim, essa visibilidade não é algo que se firmou de fato até hoje, apesar de na última década encontrarmos um aumento das ações e pesquisas nessa área. Alguns dos exemplos são: a ampliação dos trabalhos de Educação Ambiental; das pesquisas e ações técnicas referentes a medidas resolutivas quanto ao manejo dos resíduos (construção de mais usinas e aterros) e a construção política de propostas abrangentes com a Agenda 21. Contudo, o lixo ainda é o patinho feio da área ambiental. Quando associado à rentabilidade financeira, possui mais destaque, entretanto, as preocupações referentes ao seu impacto na vida do planeta e das sociedades não conseguem ser motivo de importância maior a ponto de constarem no rol das prioridades de políticas públicas.

Durante o período medieval até a Revolução Industrial os resíduos eram constituídos substancialmente de materiais orgânicos, sendo originados pelas necessidades fisiológicas, pela alimentação e pelo vestuário (cascas de frutas, restos de animais e trapos); mas, a partir da Revolução Industrial e dos avanços tecnológicos em busca de novos materiais sintéticos, esse lixo passou também a constituir-se cada vez mais de materiais inorgânicos. Isso caracteriza a necessidade de um maior tempo em sua decomposição, dificultando muitas vezes seu processo de degradação pelo meio-ambiente (o plástico, por exemplo, possui um tempo indefinido de decomposição) (RODRIGUES, 1995).

O mundo inicia nesse momento histórico um processo de aceleração que não se restringe apenas aos modos de produção, embora saibamos que a Revolução Industrial tenha sido gestada desde a baixa Idade Média (e que não possuiu, como qualquer outro movimento, características homogêneas em todo tempo e espaço em que ocorreu) e culminou por meados do século XVIII numa mudança drástica das referências tidas até então.

O homem já não mais domina os meios de produção, sendo obrigado a vender sua força de trabalho aos patrões e estabelecendo assim a relação capitalista de produção. Os produtos passam, então, a ser produzidos em larga escala, com materiais diversos fazendo com que o preço caia e estimule a compra. Paralelo a isso, com os avanços da medicina, os cuidados com a higiene (e a conseqüente redução da mortalidade), bem como o crescimento populacional das cidades, ocorreu o aumento do consumo e de produtos variados, diversificando inclusive o lixo produzido.

No período industrial, passa a ocorrer um movimento de valorização do lixo, especialmente nos períodos de guerra, pois nesse período os materiais sobrantes podiam ser transformados em dinheiro, através da comercialização. Como tudo o que possui valor na sociedade capitalista, o lixo foi visado a partir do momento em que pode ser fonte de lucro, convertendo-se em matéria-prima.

As pessoas que trabalhavam na catação do lixo nesta época eram chamadas trapeiros, e nesta época, no Brasil, intensificaram suas atividades (entre 1896 e 1918). A chamada indústria de trapos e o Serviço Sanitário enfrentavam uma relação bastante turbulenta, uma vez que as exigências desse último com relação à

comercialização dos fardos ficavam cada vez mais insustentáveis, até o momento em que o interesse econômico em manter tal indústria foi vencido pelas medidas de higiene exigidas pelo Serviço Sanitário.

3.2 Definições e conceitos acerca do lixo, resíduos e sobras

Percebemos que o lixo é visto de modo muito pejorativo, negativo, esbarrando em questões de moral e civilidade, sobretudo a partir das modificações referentes à transição do modelo feudal para o capitalista. Afinal estes sistemas, cada qual à sua maneira, foram palco para o desenvolvimento de características sócio-culturais, econômicas e psicológicas específicas, promovendo conseqüências na vida humana muito peculiares. Um dos fatores primordiais no distanciamento das questões relativas ao lixo advém, portanto de seus significados, construídos nos contextos acima citados. Uma vez que nos condicionamos através dos séculos a jogar para longe tudo o que nos incomoda, tudo o que é feio, perigoso, hostil, ou ainda, que simplesmente faça menção a isto.

[...] as tragédias que acompanharam o desconhecimento do homem sobre as causas reais da grave enfermidade, certamente prejudicaram seu imaginário social sobre os restos. Ainda hoje, os resíduos são vistos como algo ameaçador e, por isso, comumente são afastados ou enviados para locais bem distantes dos nossos espaços físicos de convívio e para longe, também, dos nossos pensamentos. Os resíduos, reconhecidos como ciscos, restos, lixo ou como tudo aquilo desprovido de uma utilidade óbvia e, portanto, objetiva, foram adquirindo uma imagem negativa, quase sempre associada à sujeira, à contaminação, à doença, à morte e à miséria. (VELLOSO, p. 24, 2004).

Numa perspectiva histórica acerca do convívio das pessoas com o lixo produzido, podemos afirmar que o asco, pavor e distanciamento apresentados além da qualidade dos restos produzidos, não se assemelham às outras épocas vividas pela humanidade. Tal caminho percorrido não foi homogêneo em todos os seus aspectos, tampouco linear; contudo podemos resumir desse contexto que aprendemos pouco a pouco - com a higienização dos hábitos, a segregação de espaços, pessoas e materiais considerados perigosos, e todas as influências do desenvolvimento científico dualista - a encarar o lixo, os resíduos das atividades humanas, cada vez mais negativamente. Desse modo, contribuímos com a

morosidade e a falta de prioridade no que compete às políticas e ações referentes à questão.

Contudo, independentemente de fazer ou não parte de uma preocupação responsável das pessoas a respeito dos restos do consumo, o lixo está presente na realidade das cidades de todo o mundo, de forma cada vez mais latente. Cada vez que se desenvolvem os núcleos urbanos, aumenta o volume de lixo gerado por seus moradores. E por outro lado são cada vez menores as áreas destinadas especialmente ao seu depósito, pois a disposição de resíduos do tipo aterro sanitário exige áreas distanciadas tanto dos cursos d'água quanto da própria população. Além da necessidade de todo um manejo diferenciado do simples acúmulo a céu aberto, como ocorre nos casos dos lixões, amplamente encontrados em todo o mundo (BIDONE & POVINELLI, 1999).

Entendemos que o desenvolvimento urbano *pari passu* ao desenvolvimento econômico e tecnológico funciona como “ambiente” para concentração de detritos e incubadora para o aumento do lixo, especialmente de origem inorgânica. Os hábitos que vão se espalhando na *urbe* ainda são diferenciados das áreas genuinamente rurais, onde o tempo e o espaço funcionam numa outra lógica menos “artificial” e fugaz, enquanto nas cidades o capital encontra maneiras rápidas e aderentes de se desenvolver e se firmar. Ao mesmo tempo, compreendemos, como nos diz Canevacci (1997), que a cidade também se firma por sua polifonia, sendo palco de inúmeras vozes e múltiplas formas que nos possibilitam, não apenas como pesquisadores, “dar voz a muitas vozes”, mas inclusive apostar na multiplicidade que subverte o sistema e cria novas formas de vida e de relações com as coisas. Nesse sentido, reconhecemos na cidade o cenário borbulhante do desenvolvimento de um capitalismo insustentável, mas também um espaço de movimentos que tentam construir uma nova urbanidade, muito mais afinada com a qualidade da vida em seu sentido mais amplo.

Com as modificações crescentes em termos de industrialização e dos modos de consumo e com as subjetivações criadas, especialmente no modo de produção capitalista da contemporaneidade, observamos um aumento considerável na produção de restos dessas inúmeras atividades. Entretanto percebemos, através

das leituras sobre o assunto, que o termo lixo não possui apenas uma significação, mas abrange conceitos técnicos, culturais e psicológicos.

Para alguns, aquilo que é considerado inútil ou não-reutilizável é denominado lixo (REGO & BARRETO,2002); para outros, como Rodrigues (1995), as sobras carregam consigo muitos simbolismos e marcas sócio-culturais. É considerado “algo que a cultura produz e não retém, é quase como um dejetos do simbolismo, uma excrescência do social, um defecar em que a cultura devolve à natureza aquilo que retirou dela” (RODRIGUES, 1995, p. 104).

Já para BIDONE (1999), a palavra lixo origina-se do latim *lix*, que significa cinzas ou lixívia. Ele cita que atualmente, o lixo é identificado, por exemplo, como *basura* nos países de língua espanhola, e *refuse, garbage, solid waste* nos países de língua inglesa. No Brasil, atribui-se ao lixo:

[...] segundo a NBR-10.004 – Resíduos Sólidos - classificação de 1987, da ABNT, a denominação de Resíduo Sólido; *residuu*, do latim, significa o que sobra de determinadas substâncias, e *sólido* é incorporado para diferenciá-los de líquidos e gases (BIDONE, 1999, p. 1).

Segundo Sabetai Calderoni (2003), que desenvolveu um vasto trabalho acerca do desperdício e das alternativas existentes na reciclagem, bem como suas limitações, o lixo possui conceitos que variam conforme a época e o lugar, e, definido na linguagem corrente, o termo resíduo é tido praticamente como sinônimo de lixo.

Lixo é todo material inútil. Designa todo material descartado e posto em lugar público. Lixo é tudo aquilo que se “joga fora”. É o objeto ou a substância que se considera inútil ou cuja existência em dado meio é tida como nociva. Resíduo é a palavra adotada muitas vezes para significar sobra no processo produtivo, geralmente industrial. É usada também como equivalente a refugo ou rejeito. (CALDERONI, p. 49, 2003).

Segundo o pesquisador e professor Jacques Demajorovic (1995), os termos "lixo" e "resíduos sólidos" são compreendidos distintamente: o primeiro é sinônimo de algo que não possui qualquer valor, sendo necessário seu descarte; o segundo significa tudo aquilo ao qual pode ser agregado algum tipo de valor econômico, sendo seu reaproveitamento estimulado. Essa comparação, contudo, só é possível tendo em vista um primeiro conceito de que o lixo é algo sem nenhuma utilidade, questão

comumente concebida há décadas atrás. Concepção bastante semelhante à de BATISTA (2001), quando define que o lixo domiciliar e comercial, apesar de distintos, fazem parte dos resíduos sólidos, que por sua vez são todo e qualquer tipo de resíduo em estado sólido e semi-sólido produzido pelo homem em suas diversas atividades.

Definimos neste estudo o termo lixo como sinônimo de sobras de consumo, resíduos sólidos e também restos. Todos estes significam os produtos finais das atividades humanas, sejam de que espécie forem, e podem ou não ser reaproveitados depois de seu descarte, de acordo com os critérios das culturas e economias estabelecidas em cada época e espaço. Tomamos esta postura, pois partimos do pressuposto de que não existem diferenças consideráveis entre esses conceitos para os objetivos pretendidos aqui. Dessa forma, podemos adotá-los como sinônimos, a fim de minimizar as confusões típicas da fragmentação do conhecimento tão difundidas na contemporaneidade.

3.3 Breve panorama mundial a respeito do lixo

Vivenciamos um cenário alarmante de consumo desenfreado, em que a produção de lixo se torna algo exorbitante, e um tema sobre o qual existem poucas preocupações e ações efetivas que respondem à quantidade e às escalas dos problemas gerados. Levando-se em conta a nossa inserção na sociedade de consumo e nos modos de subjetivação criados pelo capitalismo para sua sobrevivência, percebemos o quanto se consome e, conseqüentemente, o quanto é dispensado no lixo. Analisando a tabela a seguir, podemos perceber como o consumo contemporâneo (em geral) segue em linha direta com a industrialização, o desenvolvimento econômico e tecnológico dos países e da modernização das culturas.

Tabela 1 - Consumo Familiar

Países	Gastos Familiares em Consumo	Energia Elétrica	Aparelhos de Televisão	Linhas Telefônicas	Telefones Celulares	Computadores Pessoais
	(Dólares de 1995 per capita)	(KWh per capita)		(por mil habitantes)		
Nigéria	194	81	68	6	4	7
Índia	294	355	83	40	6	6
Ucrânia	558	2.293	456	212	44	18
Egito	1.013	976	217	104	43	16
Brasil	2.779	1.878	349	223	167	75
Coréia do Sul	6.907	5.607	363	489	621	556
Alemanha	18.580	5.963	586	650	682	435
Estados Unidos	21.707	12.331	835	659	451	625

Fonte: WORLWATCH INSTITUTE. Estado do Mundo, 2004.

Esses dados fornecem uma idéia da proporção do que, após ser consumido, se converte em lixo, uma vez que, além da quantidade exorbitante de consumo, vivenciamos a questão da obsolescência dos produtos; ou seja, muitos produtos são fabricados para possuírem uma vida útil curta, ou, ainda, tornam-se obsoletos devido aos incrementos tecnológicos que são adicionados. Por exemplo: com tecnologias cada vez mais avançadas e funções antes impensáveis para um aparelho de telefone, o celular há muito tempo deixou de ser apenas um meio de comunicação e se transformou dentre outras coisas em acessório de moda, câmera fotográfica, mídia para assistir vídeos ou para jogar o último game da moda.

Esse acréscimo de pequenos insumos ao produto faz aumentar o giro, ou seja, a partir do momento em que se criam pequenas variações tecnológicas, tornando-as necessárias, os produtos tendem a serem substituídos com maior freqüência num curto espaço de tempo. Conseqüentemente, é disseminada a idéia do envelhecimento acelerado desses itens, culminando em sua descartabilidade, pois a cada dia novos e mais modernos aparelhos chegam ao mercado, e os “ultrapassados” engrossam as fileiras das sobras.

Dessa maneira, a situação do lixo no mundo possui números assustadores. Segundo dados do site da empresa Ambiente Brasil divulgados recentemente, entre lixo domiciliar e comercial são produzidas, por dia, 2 milhões de toneladas, o que equivale a 700 gramas por habitante de áreas urbanas. Na cidade de Nova York cada pessoa gera em média 3 quilos de lixo por dia (3Kg/dia).

Em contrapartida, Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos, apresenta uma produção *per capita* média de resíduos sólidos de 1,76 Kg/hab/dia, variando de 2,3 Kg/hab/dia nas residências de classe alta para 0,93 Kg/hab/dia nas residências de classe baixa, constituindo uma variação de 59% (ABU QDAIS apud BATISTA, 2001). Notadamente o acesso diferenciado do poder de compra define diferenças na quantidade de sobras produzidas em todo mundo. Embora a ideologia consumista perpassasse ambas classes sociais, as condições não são as mesmas, e isso define inclusive a escala de restos produzidos.

Todavia, de modo geral, esses números tendem a aumentar. Pássaro (apud BATISTA, 2001) cita que, numa breve análise da situação da União Européia, a expectativa até 2010 é de que a produção de resíduos do tipo papel, plásticos e vidros apresente um aumento de 40 a 60% em relação aos valores do início da década de 90.

[...] tal crescimento obriga a implementação de práticas de gestão de nutrientes, metais pesados, gases com efeito estufa, espaço de grandes áreas de terreno para aterramento e incremento do transporte rodoviário dos resíduos, entre outras [...] (BATISTA, 2001, p. 58) .

Muitos países, como a Holanda⁷ e o Japão, já não possuem áreas para a destinação de sua produção de lixo; e a solução encontrada para essa situação acaba sendo onerosa, uma vez que se torna necessário incinerar todo o lixo para contribuir na diminuição no volume final. Para tanto, deve haver todo o trabalho de triagem para a retirada do material rico em metais pesados e de tudo o que não pode ser incinerado junto com os resíduos orgânicos e que não vem previamente separado na coleta seletiva.

⁷ Este país, assim como outros da comunidade européia, enfrenta desafios colocados pela migração. Suas populações apresentaram um aumento significativo nos últimos anos, devido à adição de pessoas advindas de diversos países em busca de trabalho (especialmente daqueles considerados de terceiro mundo). Esse fator também altera a dinâmica de produção de lixo.

Segundo o mesmo autor, vários países já adotaram instrumentos de gestão de resíduos voltados especialmente para a minimização dos impactos ocorridos pelo aumento da geração *per capita* de lixo por parte da população. Estabeleceram parcerias com indústrias de bens de consumo (principalmente as de embalagens) no processo de coleta, tratamento e destinação final das sobras. Em alguns casos esse custo foi dividido com a população, considerando sua co-responsabilidade. Entretanto essas são medidas extremas, utilizadas apenas quando se verifica a necessidade urgente de diminuir a geração dos itens descartados (em casos considerados graves). Contudo não há dados específicos sobre quais são os indicadores dessa situação emergencial, já que a produção mundial de sobras é totalmente insustentável. "Atualmente, o planeta comporta mais de 6 bilhões de habitantes. Esse montante está concentrado, sobretudo, nos centros urbanos, e geram todos os dias cerca de 3 bilhões de quilos de resíduos" (WORLWATCH INSTITUTE, 2004).

Muito tem se falado atualmente sobre o impacto na natureza dos hábitos desenvolvidos pelo homem. Em organismos internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) são realizadas muitas conferências e tentativas de acordos que possam minimizar os efeitos causados pelos modelos econômicos de desenvolvimento dos países, que vêm gerando, por exemplo, o efeito estufa e o aquecimento global. Contudo a temática do lixo, ainda que possua uma atenção mais focalizada nos países chamados desenvolvidos (onde a coleta seletiva é obrigatória, assim como a taxaçãõ sobre a geração de lixo e a reciclagem), funciona de modo mais extenso em outros países do que no Brasil. Aqui, a questão dos restos esbarra em muitos entraves, sejam de ordem social, econômica, cultural, ou mesmo de prioridade em termos de políticas públicas desenvolvidas.

Ademais, esse também é um tema pouco tratado pela comunidade científica e acadêmica (especialmente nas ciências sociais), ficando muitas vezes restrito à discussão técnica (RODRIGUES, 1995) e bastante exposto a interesses financeiros e políticos partidários, inclusive por ser um dos temas mais polêmicos da área ambiental, o que dificulta a implantação de sistemas eficientes de coleta e reciclagem no país.

Apesar dessas constatações, percebemos, em paralelo que nas últimas décadas, que o excesso dos restos produzidos, apesar de ser questão polêmica e de muita divergência, foi inserido lentamente nas discussões acerca da sustentabilidade do planeta.

No discurso ecológico oficial, existem pelo menos duas vertentes: uma que reconhece na reciclagem⁸ a via para a solução da problemática de redução dos resíduos, e outra que pauta seus esforços no que chamam de redução do consumo. A primeira entende a solução pela via da técnica, mantendo o consumo atual; e a segunda, pela modificação dos padrões de consumo, que são culturais, visando à redução dos bens e dos serviços (LAYRARGUES, 2002).

Posicionamo-nos de modo a compreender que, sem a técnica, os esforços serão ainda maiores e mais demorados; contudo não podemos ignorar as tantas estimativas e projeções que nos dão a certeza da necessária revisão dos padrões de consumo atuais, mesmo entendendo que o processo de aceleração e produção não é desarticulado de todo o sistema econômico vigente. Ao contrário, justamente nesse nó é que entendemos ser preciso não somente resistir, numa perspectiva passiva, mas, através de uma resistência ativa, criar e mobilizar formas múltiplas de fuga à mortificação trazida pela falta da ética.

Segundo uma matéria do Repórter Eco de 18/07/2004⁹, divulgada pelo site do jornal, este é um tema decisivo e que ainda está sendo muito pouco discutido no Brasil e no mundo. A questão da insustentabilidade dos atuais padrões de produção, de consumo e de renda no mundo já possui vários relatórios, mostrando que:

Hoje nós estamos consumindo no mundo mais de 20% além da sua capacidade de reposição, nós estamos fazendo como uma família que gasta mais que seu orçamento e caminha para a falência. O mais grave ainda é que tudo isso acontece num momento em que 840 milhões de pessoas no mundo passam fome todos os dias. (NOVAES, 2004)

⁸ O termo reciclagem refere-se ao aproveitamento dos materiais descartados através de reprocessamento, ou ainda a transformação do lixo primordialmente domiciliar em novos produtos.

⁹ Em: www.tvcultura.br/reportereco/artigos. Acesso em 20 de Julho de 2006.

Temos, portanto, uma realidade mundial que a passos curtos começa perceber a necessidade de rever os padrões estabelecidos de consumo que geram esses bilhões de toneladas de restos, e que se vê num impasse, pois o sistema em que vivemos é completamente compatível com o nível de deterioração e exploração de todos os tipos.

3.4 As sobras no Brasil

O Brasil, país de dimensões continentais, de cultura e recursos naturais riquíssimos e com problemas econômicos e sociais enormes e variados, possui também diversas peculiaridades no que tange à questão ecológica, incluindo a realidade dos resíduos sólidos.

Desde todo o processo de industrialização do país, que se acelera marcadamente a partir do desenvolvimentismo de Kubitschek (1956-1961), o qual detinha na economia o foco de todas as ações políticas, o Brasil só vai efetivar sua inclusão na questão ecológica a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Evento ocorrido no Rio de Janeiro, a ECO 92, e o Fórum Global organizado pela sociedade civil, em âmbito de debate público, incluiu a problemática do lixo. Esse movimento produziu um aumento considerável no grau de consciência social sobre o tema, porém ainda há muito trabalho a ser feito, especialmente com os nossos restos de consumo.

Uma das ações elaboradas durante o encontro foi a aprovação da Agenda 21, acordo entre mais de 180 países para estabelecer compromisso conjunto em relação às modificações necessárias nos padrões de desenvolvimento em escala planetária para o século XXI. Seus critérios baseiam-se na adoção de medidas que equilibrem aspectos econômicos, sociais e ambientais. De acordo com VECHIACCI (2004), a inserção da Agenda 21 ampliou a consciência de que os problemas ambientais não são assunto de um setor restrito, tampouco se restringem aos danos causados ao ambiente físico natural. Envolvem aspectos múltiplos, inclusive as relações sociais de um determinado território.

No caso brasileiro, os desafios são claros, pois existem discrepâncias de todos os tipos. O território físico é muito vasto, caracterizado por diferenças nos aspectos naturais de cada lugar. Além disso, o país carrega uma enorme variedade cultural que exige a elaboração de dinâmicas mais flexíveis em termos de efetivação das políticas propostas, seja de educação ambiental ou mesmo as políticas sociais.

Esta realidade aproxima-se de muitas outras que possuem como marca principal a desigualdade na distribuição de renda, o peso das dívidas econômicas e grandes diferenças culturais que convivem de modo estreito.

Neste contexto, um dos grandes desafios com que se defrontam as municipalidades do mundo é a definição de diretrizes e a concepção de políticas que garantam o desenvolvimento urbano e o gerenciamento sustentável dos resíduos sólidos, a partir de parâmetros ambientais, sociais e econômicos. O desafio, sem dúvida, é grande [...] O planeta já não tem mais condições de absorver todos os resíduos gerados (ROMANI, 2004).

A produção de restos de consumo nesse tipo de contexto apresenta variações consideráveis à medida que se analisa o fenômeno a partir de diferentes ângulos, pois, ao mesmo tempo em que a concentração de renda traduz um aumento de consumo de determinadas classes sociais (e conseqüentemente maior descarte), as deficiências sociais se acentuam, produzindo um quadro complexo com relação aos resíduos sólidos (Brasil)

Aproximadamente 5,2 milhões - incluindo 4 milhões de crianças - morrem por ano de doenças relacionadas com o lixo. Metade da população urbana nos países em desenvolvimento não têm serviço de despejo de resíduo sólido. Globalmente, o volume de lixo municipal produzido deve dobrar até o final do século e dobrar novamente antes do ano 2025 (CALDERONI apud ONU, p. 32, 2003).

Desse modo, ocorrem as mais controversas e calorosas discussões entre órgãos de governo, empresas privadas e atores sociais de diversos segmentos e orientações, sendo comum a adoção de uma postura dicotômica, polarizada, entre a defesa e a acusação do assunto, de maneira muitas vezes parcial e distanciada de uma contextualização aprofundada das diferentes e múltiplas realidades. A alternativa mais adotada em nosso país, no que tange ao tema, ainda é a reciclagem, que possui sem dúvida nenhuma um grande papel em prol da colaboração pela sustentabilidade do planeta. Contudo, dentro dos moldes capitalistas de lucro, e

especialmente devido às características sociais, econômicas e culturais do nosso país, a reciclagem se torna um assunto ainda mais complexo do que apenas as discussões técnicas acerca de sua viabilidade e eficácia no processo de resolução do lixo. Esbarra em questões múltiplas, pois se torna muitas vezes a única fonte de renda de famílias inteiras; ou fica exclusivamente associada ao retorno financeiro, no caso de empresas e até mesmo da sociedade em geral.

É o caso discutido por Layrargues (2002), de modo veemente em seu texto *O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental*. Dentro da política dos 3 R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) que orienta os meios de enfrentamento do lixo, fica clara a inversão dos esforços no tocante ao primeiro R da cadeia. A redução de consumo é um tema pouco divulgado e, portanto, quase desconhecido não somente pela população, mas também por parte dos atores que discutem diretamente a problemática das sobras do consumo.

Nos programas de educação ambiental espalhados pelo país, o reforço fica por conta da discussão acerca da coleta seletiva; ou seja, foca-se muito na necessidade de separação do lixo, especialmente no seu poder de geração de renda, mas pouco se constrói em termos de análise crítica acerca do significado ideológico que carrega essa focalização. A reciclagem fica, portanto, bastante restrita a uma “atividade-fim”, evadindo-se da discussão política, dos aspectos referentes aos valores da sociedade de consumo, do consumismo, dos aspectos que remetem a toda nossa inserção num sistema capitalista que carrega em si os aspectos econômicos e sociais geradores de uma forma predatória de lidar com a questão ambiental.

Em termos de quantidade de resíduos no Brasil, são produzidas diariamente cerca de 120 mil toneladas, sendo 60% referentes a lixo do tipo orgânico, e o restante, de material potencialmente reciclável. Atualmente, de todo o lixo produzido no país, 76% é depositado em lixões, 13% em aterros controlados, 10% em aterros sanitários, e somente 1% é tratado pelos processos de compostagem, incineração e reciclagem (MILFONT; CORTEZ; BELO, 2001).

As medidas se concentram, portanto, na destinação do que já foi produzido, muito mais do que na reflexão e discussão articulada acerca do assunto. Existem programas de Educação Ambiental, especialmente nas escolas e empresas, ampliando a visibilidade do assunto, porém questionamos sua forma de abordagem. Um exemplo disso está na comemorada marca de país número 1 no ranking mundial de reciclagem de latas de alumínio (LAYRARGUES, 2002). Apesar de esse fato ser de grande importância, não se reduziu a extração de matérias-primas não-renováveis (como a bauxita). Isso significa que as ações ainda são muito fragmentadas e suscetíveis às exigências do lucro. Dificilmente se articulam as formas de compreensão e de atitudes que tangenciam às questões ambientais, produzindo um contínuo estado de carência.

3.5 Panorama sobre a cidade de Vitória e os restos de consumo

De modo mais pontual, na cidade de Vitória (ES) observamos que o assunto do lixo vem tomando visibilidade a partir da publicação do vídeo produzido em 1983 por Amilton de Almeida, intitulado *Lugar de toda pobreza*, em que são denunciadas as formas de disposição dos restos a céu aberto, que são disputados por cães, urubus e pessoas.

Esse lugar era o que se chamava Lixão de São Pedro, que teve início em 1977, quando da ocupação conturbada de um trecho de mangue da Avenida Serafim Derenzi por cerca de 40 famílias que passaram a viver da cata do lixo disposto de forma completamente irregular pelo município. Antes os dejetos eram simplesmente lançados no canal de Vitória (NOGUEIRA, 1996). A partir daí, em 1988, é que a destinação do lixo da Ilha passou a se modificar, quando a Prefeitura assinou um contrato com o Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a implantação da usina de lixo; porém enfrentou-se (e enfrenta-se) muitos problemas em seu funcionamento. Primeiro porque o município não possuía uma correta destinação final dos resíduos, e também porque a coleta seletiva não funcionava (condição primordial para o desenvolvimento da Usina).

No início dos anos 90, o lixão de São Pedro ainda era local de depósito dos rejeitos da usina, sendo modificada essa situação a partir de 1993, quando teve início o

projeto municipal de urbanização do local e recuperação do mangue. Já em 1995, o município de Vitória contratou um serviço de destinação final em um aterro sanitário situado no município de Cariacica.

Quando iniciou suas operações, a usina recebia 160 toneladas de lixo diariamente. Em 2002, o volume cresceu para 272 toneladas, o que representa 525 mil metros cúbicos por ano, o equivalente a um campo de futebol com 66 metros de altura de lixo não compactado. (MINGO & LIMA, 2002).

Em 2004 estavam sendo coletados diariamente em Vitória cerca de 267 t/dia de resíduos domiciliares. Estudos recentes realizados (2006) indicaram uma geração *per capita* de 0,800 Kg/hab/dia, ou seja, o equivalente a 247,76 t/dia. Isso corresponde a um percentual elevado para uma cidade com pequeno território geográfico.

Em contrapartida, o município não dispõe de local para destinação de seus restos. Estes são levados para outras cidades, e o gasto público mensal pelo aluguel desses locais é enorme. O lixo é literalmente lançado longe dos olhos, e assim mantém-se um crescente distanciamento acerca das medidas necessárias. Algumas tentativas de coleta seletiva já foram realizadas, mas não tiveram continuidade. Após muitos anos de ausência, a Prefeitura está implementando esse serviço inicialmente nos órgãos públicos junto a seus servidores e, posteriormente, pretende estender para todo o município ¹⁰. Nesse processo estão sendo travadas muitas lutas para que se faça presente uma parceria entre as associações e cooperativas de catadores existentes na Grande Vitória (ASCAMARES, ASCAVIVE, dentre outras), de modo a integrar as ações e mobilizar a população.

Após essa breve contextualização, podemos afirmar que o município de Vitória possui uma história marcante, especialmente em determinados bairros, com relação ao lixo, ao mesmo tempo em que ele é praticamente ignorado coletivamente, seja pelo poder público e privado como também pela sociedade civil. Ignorado, pois, apesar de visível aos olhos de todos, não parece haver uma preocupação permanente de nenhum dos setores, e, em geral, uns delegam para os outros a tarefa de lidar com as sobras produzidas.

¹⁰ Dados do Jornal A Tribuna coletados de fevereiro a março de 2007.

Assim, a população, que pagava impostos, estava acostumada a reclamar e exigir cada vez mais do município e acomodada quanto ao cumprimento do seu papel como cidadão. A prefeitura, por sua vez, acionava as empreiteiras para corrigir o problema, gerando um ciclo vicioso. Para a população de Vitória o lixo era um problema da prefeitura!!! (BRINGUENTI, 2004).

Através da dinâmica de valorização do consumo e na ausência de alternativas que se mostrem abrangentes e efetivas, nós nos distanciamos cada vez mais de tudo o que é referente aos nossos restos, como se eles não existissem, e da sujeira que associada a eles, então passamos a negligenciar questões urgentes e imprescindíveis para o próprio desenvolvimento da sociedade e das urbanidades relativas a essa sujeira.

Portanto, como uma consequência do consumo, a produção de lixo só tende a aumentar, e isso, por si só, é impraticável ao planeta. Além disso, sabemos que, apesar do incentivo à reciclagem e, salpicadas vezes, à reutilização dos materiais (como os retornáveis de vidro, por exemplo), pouco se faz em direção à redução do consumo. Justificativas intelectualmente trabalhadas são difundidas mantendo a negligência a respeito da importância desse aspecto para a qualidade de vida no planeta. Desse modo, sentimo-nos andar em círculos, e a questão parece terminar sempre na mesma pergunta: afinal, o que será do capital sem o consumo?

Nesse ponto, entendemos ser necessário reforçar a importância em levantar as discussões acerca do lixo, especialmente tendo como foco a articulação entre as etapas do processo, isto é, valorizando a análise crítica que não deixa de lado a discussão acerca dos limites do sistema econômico em vigência e que também não se fixa em uma forma circunscrita de entendimento da questão. Consideramos, para tanto, as sobras do consumo, ou lixo, como o restante sólido do consumo, doméstico ou não, que pode vir a ser reutilizado ou reciclado, numa perspectiva abrangente que privilegia o entendimento não fragmentado, e sim articulado em suas diversas variáveis, que também reconhece a necessidade de certas exigências técnicas no enfrentamento da questão, ao invés de minimizá-las.

Apostamos, portanto, que as sobras do consumo nos permitem uma maior abrangência e uma posição estratégica para se conhecer os diversos caminhos e as

diferentes maneiras de se operar com uma das principais preocupações mundiais¹¹, como é o caso dos resíduos sólidos. Esse caminho permite a criação de um novo viés na compreensão da dinâmica que se faz no *entre*, ou seja, as sobras (como algo a ser reutilizado ou reciclado) nos possibilitam acompanhar os movimentos que seguem a lógica do consumo contemporâneo e também os que escapam a isso e criam novas realidades.

Os restos humanos nos dão, portanto, pistas sobre como e o que consumimos, o que entendemos por descartável, tornando mais visível a produção de novos modos de subjetivação¹² em processo nos variados contextos sócio-históricos. É uma forma de entender como nos constituímos e de criar soluções para as problemáticas da vida cotidiana.

¹¹ A preocupação mundial em relação aos problemas ligados aos resíduos sólidos urbanos consta no capítulo 21 do documento final produzido na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), a Eco-92.

¹² A heterogeneidade da subjetividade advém então das inúmeras facetas que a compõem, onde participam desde o “romance familiar” até a tecnologia, passando pelas questões histórico-culturais. Atualmente, por exemplo, uma criança tem como vetor de subjetivação tanto a família, como a TV, que desfila valores e comportamentos, num jogo de afetos que a mobiliza. Escolas, mídia, trabalho e formas de modelo econômico e político são vetores atuantes de subjetivação: subjetividade caleidoscópica que não pára de assumir diversos contornos; e por isso é que se pode falar em “produção” (MIRANDA, 1996).

4 SUBJETIVIDADE

4.1 Subjetividade, Subjetivação, Subjetivo... do que estamos falando?

O tema da subjetividade é compreendido através de diversas lentes. Cada uma delas possui uma concepção sobre o que vem a ser esse termo e não há, portanto, um consenso entre os autores das diferentes abordagens a esse respeito. Contudo para avançarmos a discussão é necessário conhecer o que estamos chamando de subjetivação, subjetividade nesta pesquisa.

Adotamos a perspectiva da esquizoanálise que concebe a subjetividade não como uma “entidade em si mesma”, mas como um conjunto de condições que dão espaço para que instâncias individuais e/ou coletivas possam se manifestar. Assim, os territórios existenciais¹³ de auto-referência tomam forma e coexistem junto a uma alteridade subjetiva (GUATTARI, 1992). Ou seja, nesse tipo de definição o que é considerado “meu”, não se faz sozinho, nem se define de modo separado das diversas outras instâncias, sejam elas individuais ou coletivas. Existe uma dinâmica na formação da subjetividade, que engloba muito mais do que uma definição de um “eu” como entidade intrínseca, natural e objetiva. Não há, portanto, na construção dessa subjetividade uma hierarquia obrigatória fixada a priori, entre as instâncias que a formam; nenhum desses registros de formação é o guia dos outros de acordo com uma determinação única. Esse processo de subjetivação é ao contrário, multifacetado, como entende Guattari (1992), citando Mikhail Bakhtine: “a subjetividade, de fato é plural, *polifônica*”.

Essa revisão do pensamento acerca da subjetividade baseada nos questionamentos das polarizações de sujeito individual e sociedade, dentre outros binarismos é de grande relevância na contemporaneidade, pois há um conjunto de acontecimentos históricos influenciados pela problemática subjetiva (diversos movimentos no mundo inteiro que colocam em xeque os poderes de coerção e controle denunciando

¹³ Território existencial pode ser compreendido como modos de vida, estilos de vida, ou melhor, como formas de compreensão e de vivência do/no mundo, as mais variadas possíveis. Ver em: GUATTARI, Felix, ROLNIK, Sueli, 2005.

resistências, e de outro lado, vários movimentos contrários, de apego aos fundamentalismos de inúmeras espécies).

Além disso, a importância em se repensar essa dinâmica dualista e intimista vem da observância do desenvolvimento de produções maquínicas¹⁴ de subjetividade, e ainda dos tantos aspectos etológicos e ecológicos relacionados à subjetividade humana em destaque, e que neste caso da pesquisa tomam relevo significativo.

Guattari (1992) destaca ainda que os fatores subjetivos assumidos pela mídia de massa (*mass media*), tomaram um alcance gigantesco na atualidade, podendo desenvolver tanto o caráter emancipador, revolucionário, quanto conservador de retornos fundamentalistas. Nesse contexto observamos movimentos de desterritorialização, quer dizer, movimentos que se abrem e engajam-se em linhas de fuga, desfigurando seus territórios de modo ininterrupto.

São os processos em que percebemos as mudanças, as alternativas para os modos de vida em suas diferentes composições. Essas modificações são rupturas com modelos asfixiantes, não funcionais e trazem a marca do estranhamento. O processo de desterritorialização nos tira do lugar comum, ou seja, dos territórios já conhecidos.

Nos referimos a territórios como sinônimos de um espaço vivido sobre o qual temos a sensação de “estar em casa”. Aquilo que de alguma forma nos é conhecido e “confortável”.

Do mesmo modo, as reterritorializações, ou seja os movimentos de captura, de controle das imprevisibilidades e das inovações encontrados na desterritorialização, seguem do mesmo modo transformando a produção de subjetividade.

¹⁴ Maquínico é uma expressão forjada por Deleuze e Guattari, para denominar o que é produzido no sentido de desterritorialização através dos afetos, do desejo, dos corpos, e que não é serializado, mas que é sim fabricado de modo coletivo. As máquinas aqui possuem não um sentido mecanicista, e sim um sentido de processo histórico, de engendramento entre os diversos maquinismos...social (instituições, leis), estéticos (arte) e técnicos (avanços tecnológicos, descobertas científicas). A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para a expansão quanto para a extinção da potência de vida. (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 385)

Dessa forma compreendemos a necessidade de se admitir a falência de uma representação universalista da subjetividade, como se esta fosse um componente intrínseco dos homens e imune às transformações. Há, sem dúvida, relevância desse olhar transversalista da subjetividade, articulando tanto as implicações sociais e culturais, quanto os conteúdos territorializados pelos sujeitos. Assim como proposto por Deleuze e Guattari em sua obra, procedemos uma escolha ética ao tentarmos apreender a produção de subjetividade, em sua processualidade e potencial de criação. Evitamos “cientificizá-la”, resguardá-la sob invólucros que não abrem espaço para seu entendimento articulado, o que colabora para sua restrição ao âmbito das questões individuais.

Tradicionalmente usamos o termo subjetividade para designar algo que é próprio das pessoas, de sua individualidade como sujeito. Esta noção de subjetividade como algo próprio dos indivíduos, que os identifica como seres únicos, diferenciados e que carregam uma essência imutável, possui um forte espaço na contemporaneidade.

E esse espaço cresceu historicamente nas sociedades ocidentais à medida que a razão cartesiana (onde a subjetividade é igual à consciência) e o positivismo de Augusto Comte tornaram-se parâmetro central do pensamento, figurando como pano de fundo dos discursos advindos de diversas instâncias (como o religioso, o econômico, o médico e o psicológico).

Além disso o termo subjetividade tornou-se uma palavra de caráter abstrato, não palpável, invisível, conferindo uma relação de menor importância. Quando preferimos a palavra subjetividade normalmente as idéias que surgem referem-se a conteúdos idiossincráticos, etéreos e sem muita relevância.

Em função da psicologia ter se iniciado como um ramo da filosofia, era necessário que essa se afastasse dos campos abstratos, hermenêuticos e interpretativos e se aproximasse das ciências naturais. O método precisaria ser experimental e quantificado, o objeto precisaria ser observável, o pesquisador precisaria ser um cientista neutro, um relator das leis naturais e o modelo precisaria vir da física, da química, da biologia, da fisiologia, enfim, de ciências, de conhecimentos que deram certo e que “alcançaram a verdade”. (LAVRADOR, 1999, p.5).

Sendo assim, com as dicotomias advindas desse pensamento, e posteriormente com o desenvolvimento das diversas modalidades do capitalismo, foi se reforçando cada vez mais a concepção de sujeito distanciada do plano coletivo, interiorizando-se as vivências e tornando-a abstrata, fazendo com que quaisquer elementos que não se identificassem com a razão e a consciência não fossem passíveis de credibilidade. Portanto, os sentimentos, as paixões, as emoções, os desejos e afetos nessa concepção, se restringem a variações dentro do invólucro denominado subjetividade. Compreendemos necessário contextualizar que, recentemente, com o capitalismo globalizado¹⁵ acompanhamos uma interiorização ainda maior dos sujeitos, dos conteúdos, das questões, sejam elas de que domínios forem.

Toda essa concepção de identidade, ou de personalidade, tem no capitalismo um lugar comum, o da subjetividade. O conceito se coloca pautado nas “[...] polarizações clássicas: sujeito e objeto, consciência e mundo, corpo e alma ou individual e social” (MACHADO, 1999, p.211). A subjetividade entendida basicamente em seus aspectos individuais funciona como uma espécie de destino ao qual não se escapa.

A compreensão do processo de subjetivação como puramente da ordem do psicológico, revelando a formação de um estado interior, na estruturação da mente, está relacionado ao modelo burguês e sua distinção entre público e privado, entre sociedade e indivíduo, dicotomia onde o *socius* encontra-se muitas vezes barrado no processo de subjetivação. O sujeito psicológico *stricto sensu* aponta para um psicologismo presente no campo do individualismo burguês. (MIRANDA, 1996, p.11)

Contrariamente a essa postura, falamos de subjetividade aqui, não como algo referente à noção de identidade, de individualidade ou personalidade. A concepção de subjetividade, à qual nos referimos, propõe justamente o questionamento da presença de uma idéia pautada nas polaridades. Desta maneira, utilizaremos o conceito de modos de subjetivação, processos de subjetivação, modos de existência

¹⁵ Capitalismo Globalizado refere-se aqui ao processo de globalização da economia e das relações como um todo, não se caracterizando como um processo único, mas múltiplo, que se fortalece especialmente a partir da dec. 90 e que tem como uma de suas características a dissolução das fronteiras, a aceleração da relação com o tempo e a flexibilização nas relações de trabalho.

ou modos de vida como sinônimos de algo que está sendo processado, transformado, sujeito a inesperadas e imprevisíveis mutações (MACHADO, 1999).

Ou seja, partimos da concepção de que a subjetividade individualizada, balizada pelos contornos das personalidades e de inúmeros processos de desenvolvimento, (tal como encontramos na psicanálise e em outras abordagens psicológicas), é apenas mais uma forma de produção de subjetividade e não uma proposição em si mesma dotada de verdade. Como bem diz Guattari (1992) em um dos trechos de *Caosmose*, não se trata de saber se a psicanálise responde cientificamente ou não às questões da psique, mas sim de encarar este modelo como mais um tipo de produção de subjetividade, não menos relevante. Reconhecendo, inclusive, a ligação entre seus dispositivos técnicos e institucionais e suas conseqüências sobre outras máquinas existentes, como a escola, a família, a mídia, etc.

Queremos afirmar então que este tipo de subjetividade comumente compreendida como algo subjetivo, singular, único, individualizado não existiu desde sempre, mas é produto de todo um processo histórico que envolve o contexto social, cultural, e também econômico.

Portanto, falar em subjetividade dentro de uma concepção ético-estético-política é estar atento a todas as instâncias que a produzem, que a atravessam. É estar atento aos movimentos que se fazem incessantemente apesar de todo o controle, de toda a disciplina sobre os corpos¹⁶ e das vidas de um modo geral. É atentar para as cartografias que se fazem nas diferentes paisagens que podemos chamar psicossociais. Ou seja, essas cartografias que Guattari chama de esquizo-analíticas, e que não quer que sejam encaradas como doutrinas científicas, funcionam como um método que coexiste ao processo de subjetivação e que se mostra como uma maneira de se compreender os meios dessa produção de subjetividade num movimento autopoietico¹⁷. Apostamos num inconsciente múltiplo, para além dos

¹⁶ Não podemos afirmar que exista hoje uma sociedade de controle pura sem o componente da disciplinarização dos corpos tão marcante nos séculos atrás. Dizemos, que ambos sistemas coexistem apesar da sociedade de controle ter tomado uma proporção maior e disposto de tecnologias que a aprimorem e fixem cada vez mais nas sociedades pós-capitalistas. Para entender melhor ver: Foucault.

¹⁷ Os sistemas autopoieticos são considerados ao mesmo tempo produtores e produtos, numa dinâmica incessante. Para melhor compreensão ver: MACHADO, Humberto. VARELA, Francisco.

dramas familiares, das fixações e regressões ao passado presentes no dualismo consciente x inconsciente. Afirmamos o inconsciente maquínico, de estratos heterogêneos, mais conectado às práxis atuais, aos fluxos e às máquinas abstratas.

Menos estrutura e linguagem, mais movimento e criação. Não queremos afirmar com isso, que o sujeito é isento de contornos, que é algo amorfo indefinidamente, sem explicação, mas sim que essas definições (que comumente entendemos como definitivas) são apenas provisórias, ainda que sob situações estritamente reguladas, controladas, normatizadas.

Para uma melhor compreensão dessa provisoriedade coexistente a um contorno, nos referimos ao trabalho de Leila Machado (1999) que desenvolve o conceito de modos de subjetivação, diferenciando-o das formas-subjetividade.

Assim, os modos de subjetivação são históricos, contudo, têm para com a história uma relação de processualidade e por isso não cessam de engendrar outras formas. Enquanto as formas-subjetividade se referem aos aspectos presentes na constituição da subjetividade que se apresentam com contornos mais definidos e estáveis (MACHADO, 1999).

É, portanto, como se estivéssemos falando de dois momentos, um que possui o movimento, o fluxo e a contextualização sócio-histórica como características fundamentais. E outro que se aproxima das definições mais fixas, ao menos possui um contorno, uma membrana mais definida. É como uma foto, um registro de um momento que se torna estático.

Ou seja, dizemos que a subjetividade não é algo restrito à esfera privada de uma interioridade psíquica, mas sim algo que está completamente marcado por inúmeros vetores que incluem o núcleo familiar, a produção de imagens, a relação espaço-tempo, o desenvolvimento das tecnologias de todo tipo, as políticas, enfim, a vida, que nós fabricamos. Não há, portanto, esse invólucro que delimita e afirma que isto é a minha subjetividade, num esquema naturalizado de dentro e fora (MIRANDA, 1996).

Muitas confusões podem surgir desse conceito. Uma delas é a crítica de que: “então para a esquizoanálise não existe um sujeito!” Ou ainda: “quer dizer que eu não existo, eu sou apenas o social?” Tentaremos apresentar alguns argumentos que

mostram que a idéia não funciona desta maneira e o objetivo de discutirmos tudo isso.

Para nos auxiliar no entendimento da formação das subjetividades em curso tomaremos o conceito de dobra forjado por Gilles Deleuze. Esse conceito é importante, pois se refere tanto ao território existencial subjetivo quanto ao processo de relações de forças que produzem os modos de subjetivação de um determinado contexto sócio-histórico.

Para o autor “tudo no mundo existe dobrado” (DELEUZE apud SILVA, 2004), isto é, aquilo que entendemos ser o dentro e o fora é mais uma relação de forças do que exatamente lugares pré-definidos e não intercambiáveis, ou mesmo diferenciados em sua essência. Na realidade, Deleuze parte do estudo sobre a obra de Foucault (as tecnologias de si) e Leibniz (idéia da mônada leibniziana) entendendo esses dois estudos especialmente em sua expressão da idéia de multiplicidade e de criação para forjar seu conceito de dobra. Tal conceituação se pauta na noção de dentro e fora concebida num plano de imanência que rompe com a hegemonia acerca do pensamento.

Deleuze promove uma fissura na concepção sobre o “pensar” humano, rompendo com a noção de interioridade e de naturalidade da ação do pensamento, entendida por Descartes como algo implícito e subjetivo, como algo comum ao fato de ser humano. Já para Deleuze o pensamento é um acontecimento, não é um fato natural, e não ocorre tão comumente como podemos crer. Esse “pensar” ocorre diante do encontro com as forças do Fora, e vai se apresentar de acordo com o impacto desse encontro. Pensamos não porque simplesmente possuímos um cérebro e uma racionalidade, mas porque algo ocorre *entre*, nos interstícios. Uma força nos lança a pensar quando nos sentimos mexidos, tocados, incomodados.

O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora. (DELEUZE, 2005, P. 104)

O que provoca uma curvatura neste lado de fora, formando um dentro, é a “dobra do infinito”, isto é, o que o autor chama de prega de finitude e que podemos entender como a limitação da vida (morte dos organismos).

Mas o que isso tudo tem a ver com o sujeito, e com os modos de subjetivação? Ocorre que, se a ação do pensamento é algo da ordem da criação, da inovação surgida das inquietações de inúmeros e imprevisíveis encontros, não é possível que essa noção se vincule à idéia de um sujeito empírico, pressuposto.

O que se concebe aqui são, portanto singularidades, isto é, superfícies heterogêneas, móveis, impulsionadas por um nomadismo e pela característica de ser “um entre”. Essas singularidades estão sempre no contato entre o exterior e o interior exercidos pelas variadas dobras e é através dessa dinâmica que se produz o sentido. Sentido esse que perpassa muito mais o campo da problematização do que o campo das definições baseadas numa relação e identificação com o reconhecimento de algo já existente. Desse modo, podemos introduzir a questão do sujeito que nos referimos.

Para Foucault, por exemplo, o sujeito é uma deriva do fora, submetido às forças da dobra e não é um a priori, uma instância individualizada. Nesse sentido diz do louco...”Ele é o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem”. Isso nos fala, portanto, não de uma ausência do sujeito, mas de que ele é composto das singularidades, e não de componentes individualizados. Está submetido às forças que se dobram sobre e por ele.

Miranda (1996), em sua dissertação acerca da produção de subjetividade escreve:

Ao invés de trabalhar com o sujeito transcendental, constituinte, aproxima-se do sujeito constituído dentro de um determinado campo de saber. Isto, no entanto, não significa dizer que o sujeito não exista, ou o considera enquanto objetividade pura, mas coloca sujeito e objeto num campo de relações onde são formados e transformados mutuamente. Para isso, ao mesmo tempo que recusa os universais antropológicos, recorre às práticas, isto é, o que os sujeitos fazem, seus modos de agir e de pensar. (MIRANDA, 1996, p.9)

Afirmamos, portanto, que o referencial teórico adotado não elimina o sujeito, mas o reconhece em sua potência inventiva, em sua capacidade de subversão, de

inventividade e de fuga ao instituído, ao já dado. É justamente nesse ponto que compreendemos ser imprescindível o trabalho com a temática que reúne a subjetividade, as relações sociais e o meio-ambiente. Apostamos nessa potência de criação, nessa estética diferenciada da cópia, que prima pelo espaço dos movimentos em contrapartida das tantas normatizações e capturas existentes.

Capturas essas que estão presentes inclusive nas dobras de um Fora atual que não é necessariamente “o melhor dos mundos”, mas que sem dúvida é um acontecimento, e por isso se caracteriza como a possibilidade de produção do novo como potência de vida.

Existem singularidades de todos os tipos, sempre vindas de fora: singularidades de poder, apanhadas em relações de força; singularidades de resistência, que preparam as mutações; e mesmo singularidades *selvagens* que ficam suspensas no lado de fora sem entrar em relações nem se deixar integrar (DELEUZE, 2005, p.126)

Deleuze considera ainda que existem quatro tipos de dobras. A primeira, referente ao corpo, ou seja, a parte material de nós mesmos que será vergada de acordo com os diversos mecanismos em questão. A segunda referente às técnicas de si, isto é, as relações de si para consigo mesmo como uma forma de domínio de si. A terceira se constitui na relação entre o saber e a verdade. A quarta dobra se caracteriza pela relação de si com o mundo, ou seja, as expectativas referentes ao que se convencionou chamar de exterior. Dessa forma, podemos compreender os diferentes processos de subjetivação presentes e/ou passados (SILVA, 2004).

Na contemporaneidade percebemos estar inseridos num contexto em que o controle sobre os corpos apresenta tecnologias variadas ultrapassando o modo disciplinar de docilização ocorrido mais marcadamente no início do capitalismo, onde havia a necessidade de marcá-los de acordo com o espaço que ocupavam (escola, família, prisão, fábrica, etc). Atualmente, o controle se faz pelo culto ao corpo, com excessos de cuidados numa tentativa de imunidade eterna aos efeitos do tempo.

No sentido das técnicas de si, o que vemos hoje é uma fluidez de tais aparatos de modo que cada pessoa rume em direção a um si mesmo auto-referenciado, de maneira tal que ocorre um forte esvaziamento da vida pública, do interesse coletivo.

A máxima “conhece-te a ti mesmo” se fortalece como um fim ao qual se pretende chegar.

A influência direta disso incide na relação saber-verdade, uma vez que estejam destituídas de sentido pela falta de movimento inventivo, essa terceira dobra se manifesta de maneira cada vez mais interiorizada, proferida pelos conhecimentos de auto-ajuda e auto-promoção (somos os verdadeiros produtos!).

A quarta dobra se manifesta através da idéia generalizada de crise permanente ainda que a crise de fato sequer tenha sido vislumbrada; assim, cria-se um mito de que o problema reside na falta de estrutura da pós-modernidade, evidenciada na diluição das famílias, na perda da referência da escola, culpabilizando situações que na realidade são engendradas para o melhor desenvolvimento dos ideais próprios do capitalismo globalizado (SILVA, 2004).

Seguindo com os conceitos, interessa esclarecer algumas diferenças concebidas entre sujeito e indivíduo para os autores que dialogamos.

Guattari, no livro *as Três Ecologias* (1990) prefere o termo *componentes de subjetivação* ao de sujeito, mas de todo modo, compreende uma diferença no que tange a esses dois termos com relação ao conceito de indivíduo. Para ele, os indivíduos existem como “*terminal*”. São o resultado de uma serialização em massa, produção em massa de subjetividades consumidas por esse terminal-indivíduo.

Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção de totalidade do ego. A subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social (GUATTARI, 2005, 40).

Então quer dizer que, como terminal, o indivíduo é um consumidor. Consome subjetividades produzidas nos processos de interação entre os diferentes registros sociais (em que funcionam as diversas máquinas abstratas: sociais técnicas e estéticas). Referimo-nos, portanto, ao indivíduo em posição de *terminal* justamente para dar a idéia de um entrecruzamento desses agentes múltiplos, diversos, e

muitas vezes discordantes através do qual são formadas as características identificadas no discurso tradicional como a interioridade de cada um.

Entretanto, o que deve ficar esclarecido é o dinamismo de todo o processo, ainda que falemos de indivíduos. Notadamente são formações diferenciadas, contudo funcionam numa relação de influência mútua, bem como de relativa autonomia.

A subjetividade é por sua vez essencialmente social, assumida e vivida em suas formas particulares de existência. Ela não é o somatório de indivíduos que formam um coletivo, originando uma subjetividade coletiva. Ela é sim produzida no âmbito social, sujeita às transformações dos fluxos existentes e é vivenciada pelos indivíduos como um processo de criação ou singularização. Do mesmo modo, pode configurar-se como um processo criacionista, ou seja, balizado pelas repetições, pelas cópias. Como exemplo, citamos os modos atuais de demonstrar rebeldia, insatisfação, que calham em milhares de adolescentes e jovens “bonecóides”, com uma série de características endurecidas e serializadas de “estar rebelde”, manifestada nas roupas iguais, estilos iguais, num consumo de subjetividades carimbadas pelo mesmo modelo de captura.

Entendemos através desses conceitos a forte relação entre as subjetividades produzidas e o contexto em que se constroem. Apesar de serem discussões distintas formam teias com diversos pontos interconectados. E é justamente esta a proposta de problematizar a questão do tripé: subjetividades, sociedade de consumo e meio-ambiente, sobre a perspectiva ético-estético-política.

4.2 Caminhos...

Tratando a questão da sociedade de consumo como viés produzido pelo Capitalismo Mundial Integrado¹⁸, e objetivando perceber a partir das sobras do consumo os modos de subjetivação presentes no contexto delineado, desejamos fugir ao já dado, ao já cristalizado, como é o caso da concepção tradicional de subjetividade.

¹⁸ Termo utilizado por Guattari em *As Três Ecologias* (1990) (e em outras obras) para se referir ao capitalismo pós-industrial.

Uma vez que a sociedade de consumo se coloca como uma forma-subjetividade que se pretende imperativa, rumamos no caminho contrário. Isto é, questionamos desde já esse imperativo, esses modos de existência que vivemos e que se forjam como naturais.

Acreditamos numa revolução que se faz nos interstícios, através das infiltrações que se formam nas paredes rachadas, sobrecarregadas, engessadas. Entendemos que apostar nesse viés de produção de subjetividades não interiorizadas, de modo afirmativo, inventivo seja um poderoso instrumento de modificação social.

É por esse motivo que a pesquisa busca a articulação das temáticas envolvidas. Dessa forma, concebemos o capital como um sistema de produção, um sistema de funcionamento que é gerido e alimentado por essas subjetividades, ao mesmo tempo que as alimenta, e não como uma entidade por si mesma, alheia e autônoma. Não há nisso tudo ingenuidade científica ou idealismo lunático, como pode parecer aos que consideram como verdadeiros e válidos apenas os recursos embasados na técnica, na lógica previsível dos fenômenos e na evolução dos sistemas *ad infinitum*. Existe uma aposta, como dito acima, uma escolha ética, entendendo-a como potencial de criação, como resignificação de sentidos através da reinvenção dos modos de vida. A ética não é compreendida neste trabalho como num conjunto de constructos possíveis de reprodução, nem se restringe à aplicação de conceitos e valores construídos para o uso generalizado.

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala, e não pára por aí. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com os movimentos, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro _em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é "a" ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada (GUATTARI, 2005, p.51).

O termo modos de subjetivação, já deixa claro, portanto, uma postura diferenciada quanto aos assuntos abordados no presente estudo. Numa concepção individualista, tenderíamos a abortar o fluxo daquilo que foge ao comum produzido. Ficaríamos

presos na incapacidade de uma estética¹⁹ para as questões do consumo, pois analisaríamos do ponto de vista das interioridades, e desse modo, como escapar à lógica do capital?

4.3 Ecosofia

Problematizar a questão do presente invoca, pois, poder focá-lo na perspectiva de sua própria invenção, uma vez que não se trata de conferir-lhe inspiração e entusiasmo a partir de representações ideais, dadas e pré-existentes na mente e sim de imprimir-lhe uma disposição para o progresso a partir daquilo que está por vir e cuja existência se entrelaça a um agenciamento coletivo ao qual podemos pertencer. A vantagem do presente é que ele recém começa (FONSECA, T.; KIRST, P. & ENGELMAN, S.,)

Na composição de todo o estudo apresentado, inclusive na proposta da pesquisa, subjaz um conceito importante, denominado *ecosofia*. Félix Guattari (1990), em seus questionamentos acerca das mudanças processadas na contemporaneidade e sua relação com a vida de modo geral, desenvolve tal idéia. Nela reconhece a necessidade de não se fragmentar e distanciar o que denomina de três ecologias: a subjetividade, as relações sociais e o meio-ambiente.

Para ele, a questão que se coloca na atualidade é muito mais ligada à reinvenção dos modos de vida sobre o planeta do que de aprimoramento técnico/científico. Não se trata, todavia de fazer um retorno aos modos de se viver de épocas atrás, onde a tecnologia não era tão desenvolvida, em que o modo de produção funcionava sob outras regras e formatos e o crescimento demográfico era menor. Sua proposta se pauta na recomposição dos objetivos e das maneiras de organizar o conjunto das transformações de acordo com as condições atuais. Trata de aprendermos a compor saídas, meios de ação, criando formas de pensar transversalmente às questões que se nos apresentam.

Afirmamos com isso, que as realidades vividas hoje não são imutáveis, estagnadas, e nem tampouco se mostraram desde sempre assim. Porém, mais do que nunca

¹⁹ Estética aqui é entendido como nos propõe Sueli Rolnik: “Estética porque não se trata de dominar um campo de saber já dado, mas sim criar um campo no pensamento que seja a encarnação das diferenças que nos inquietam, fazendo do pensamento uma obra de arte” (ROLNIK, 1993).

temos a necessidade de problematizar as nossas formas de viver, compreendendo que isso não se trata de “pensar sobre o próprio umbigo” ou criar abstrações inférteis sobre as coisas. Nem tampouco reduzi-las ao manuseio pela técnica. O que está em jogo é nos atentar para o funcionamento conjunto dos aspectos que movem as relações contemporâneas, seja em que esfera for. Cuidando para abrir os canais de conversações entre elas, para então construir respostas pertinentes, carregadas de sentido.

Nesse ponto percebemos que a ecosofia se faz um bom instrumento na cartografia dos processos contemporâneos relativos à produção de subjetividades em sua relação com a sociedade de consumo, responsável pela produção de lixo atual.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política - a que chamo ecosofia - entre os três registros ecológicos (o do meio-ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 1990, p.8).

Como já dito, a articulação ético-política (e estética) proposta por Guattari não pretende evocar um retorno a antigas formas de ser militante, nem propor uma disciplina voltada para a interioridade. Trata-se mais de um movimento de múltiplas faces e que dá lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade (GUATTARI, 1990). Ou seja, a ecosofia é um novo modo de se estar no mundo, uma via alternativa que deverá ser engendrada levando em conta não só a relação de forças visíveis, mas inclusive os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. Tendo em vista a deterioração crescente tanto das relações sociais, das subjetividades e dos desequilíbrios ambientais, o autor propõe a articulação entre esses três registros como maneira de configurar novas paisagens, novas formas de existência que potencializem a vida em sua expansão.

Esses registros encontram passagem no que chama de ecologia social, mental e ambiental. A primeira consiste em práticas que se proponham a modificar, a

reinventar as formas de ser em família, no trabalho, nos relacionamentos afetivos, enfim, em todos os níveis do socius. A idéia é reconstruir as maneiras de atuar em grupos, seguindo práticas de experimentação tanto nos níveis molares, quanto moleculares de existência.

A ecologia mental quer que se reinvente as relações do sujeito com seu corpo, com a passagem do tempo, com as limitações da vida... Fugindo da uniformização guiada pela mídia, pelas modas. Quer que se realize uma atividade tal como a do artista na composição das subjetividades, seja em seus aspectos coletivos, ou não. Os conceitos carregados de cientificismo apresentados pela psicologia não caberiam aqui como possibilidade inventiva, assim devemos criar novas maneiras de compreender as relações dos sujeitos.

E por fim, quando fala na ecologia ambiental, Guattari (1990) propõe que façamos uma inversão no entendimento do próprio termo ecologia. Para que possamos articular ambas esferas da vida, precisamos desvincular sua imagem da idéia de um grupo de pessoas amantes da natureza, ou ainda de especialistas voltados à intervenção nesse campo. A eco-lógica ambiental estaria mais voltada a defrontar as condições de vida com os limites do Cosmos, reorientando formas de viver possíveis.

Poderíamos perfeitamente requalificar a ecologia ambiental de ecologia maquínica já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas

e eu ousaria até dizer de máquinas de guerra. Desde sempre a “natureza” esteve em guerra contra a vida! Mas a aceleração dos “progressos” técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecosfera (GUATTARI, 1990, p 52).

Observamos após essa explanação acerca das ecologias, que as sociedades em geral, experimentam um contexto de descentramento, de destaque dos antagonismos, e de rupturas em todos os sentidos que influenciam os processos de singularização. E é justamente neste ponto que as problemáticas ecológicas emergem como via transversal de problematização. Elas devem ser encaradas como

meio através do qual podemos instaurar diálogos entre as demais linhas de fratura existentes, nesses novos contextos históricos.

Neste ponto convergimos a discussão para o que vem a ser essa postura ecosófica, no que se coloca como uma proposta ético-política. A ética, nesse viés, é compreendida pelo rigor com que estamos abertos a “escutar” as diferenças que se processam em nós, ou seja, não se trata de desvalorizar as regras e as verdades criadas, mas essas só fazem sentido quando construídas pelas diferenças que nos desestabilizam, nos afetam (ROLNIK, 1993). Nessa perspectiva, portanto, a ética não é tomada como um conjunto de regras fixadas, como um valor universal, prerrogativas que concebem o homem na ordem do imutável, substancial, ou seja, de uma ética pura²⁰. Do mesmo modo, quando falamos em política nos remetemos às lutas travadas contra as forças em nós que tamponam a possibilidade do devir.

Nesse contexto consideramos relevante discutir mais detidamente o aspecto da política, uma vez que nos valendo do conceito de ecosofia, criamos espaço para essas lutas, para esses embates acerca dos questionamentos levantados com a pesquisa.

4.4 A vida e sua potência política...

Sabemos que a vida nos dias atuais tornou-se o “capital por excelência”, além de ser o alvo do capital. Sendo assim, é importante perceber, que apesar de existir um pesado poder sobre ela a que chamamos biopoder, coexistem movimentos de resistência, acionados pela potência política da vida, pela capacidade de inventar e re-inventar caminhos, modos de existir (PELBART, 2003).

Essa idéia fica mais clara se a situamos no contexto da sociedade de controle. Foucault realizou um grande trabalho sobre essa questão, que é amplamente

²⁰ Nos referimos a *ética pura* em contraponto a uma *ética prática*, tal como a concebem Liliana da Escóssia remetendo-se ao trabalho de Simondon, em seu texto: *Por uma ética da metaestabilidade* (1993) in: *Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP – vol. 1, no. 1 (1993) – São Paulo, 1993.*

utilizado por outros pensadores, tais como Deleuze, Guattari e Lazzarato, no entendimento das características que regem nossa contemporaneidade.

A sociedade de controle funciona acionando mecanismos de monitoramento cada vez mais difusos, descentrados, flexíveis, incidindo sobre os corpos e mentes dos sujeitos que tendem a interiorizar e reativar tal dinâmica. O poder é exercido de maneira fluida, horizontal, em rede, e não verticalmente, como ocorria caracteristicamente nas sociedades modernas, de funcionamento disciplinar.

Em contraponto ao modo esquadrihado do exercício de poder percebido nos espaços da fábrica, da prisão, da família (nas grandes instituições modernas), a sociedade de controle lança mão de dispositivos flutuantes, que alteram a dinâmica desse poder. Ele já não é identificado na figura do pai, do monarca, ou das próprias instituições em si.

Através dos sistemas de comunicação, das redes de informação, o poder se encarrega da produção e reprodução da própria vida, de maneira geral, interpenetrando-a, fazendo com que os indivíduos tomem por sua conta e vontade a noção de domínio da vida. Tal esquema não se restringe ao domínio sobre a produção de riqueza, sobre os territórios, mas primordialmente no modo de reger, e de criar formas de vida. Com isso, “a sociedade é subsumida na sua integralidade, até os centros vitais de sua estrutura social; trata-se de um controle que invade a profundidade das consciências e dos corpos da população atravessando as relações sociais e as integralizando” (PELBART, 2003).

Como o poder passou a investir sobre a vida, vida essa que ultrapassa a esfera do biológico, incluindo a cooperação social e subjetiva no contexto da produção das sociedades contemporâneas, viu-se diante um paradoxo: embora os sofisticados modos de controle exerçam força de poder considerável sobre a vida, ela mesma responde a essa força usando outra, a resistência. Sua potência de luta, sua potência política é ativada, variando e reinventando suas formas.

A sociedade de controle coincide com a existência do *Império* (HARDT, M. & NEGRI, A., 2004). Podemos chamar de Império o conjunto das características e o jogo de

forças contraditórias da dinâmica capitalista contemporânea. Ele é uma nova estrutura de dominação, que não reconhece fronteiras, e que se estende de maneira fluida por sobre os espaços. Possui um corpo jurídico, econômico e político que detém um imenso poder e controle mortífero. Mas a nível molecular, nos espaços quase invisíveis, de flexibilidade e rupturas imprevisíveis, ele contempla o jogo de forças, os conflitos políticos acentuados.

É como se, apesar da lógica capitalista de dissolução dos Estado-nação, da diluição público/privado, da idéia de sociedade civil, e do controle do bios, houvesse disparado, com isso, a reação de resistência em todos os níveis. Uma força movida pela potência inovadora da vida. Linhas que tanto podem servir de vida como potencializar a morte coexistem.

Esse conceito, cunhado por Michael Hardt e Antonio Negri (2004) contempla, portanto a mobilização e modelização das subjetividades, como um aspecto crucial na difusão e manutenção da dinâmica imperial. Por outro lado verifica através dos mecanismos híbridos que o constituem, o espaço de resistência às manipulações do capital.

De fato, a condição fundamental da existência da rede universal, que é a hipótese central deste cenário, é que ela seja híbrida, e que, para nossos intentos, que o sujeito político seja efêmero e passivo, enquanto o agente de produção e consumo seja presente e ativo. Isso quer dizer que, longe de ser a simples repetição de um equilíbrio tradicional, a formação na nova constituição mista conduz ao desequilíbrio fundamental entre os atores estabelecidos e, portanto, a uma nova dinâmica social que libera o sujeito produtor e consumidor (ou pelo menos torna ambígua sua posição interna) do mecanismo de sujeição política. É aqui que o lugar básico de luta parece emergir, no terreno da produção e regulamentação de subjetividade (HARDT, M. & NEGRI, A., 2004, p. 342).

Compreendendo que as questões instigadas pelo estudo se engendram nesse contexto, e que, portanto compõem esse caráter paradoxal de movimentos ora cooptados, ora resistentemente inovadores, consideramos relevante indagarmos acerca da noção de políticas públicas, uma vez que nossa intenção também é de fomentar embates.

4.5 Por que falar em Política Pública?

Após as explanações acerca da produção de subjetividade e sua relação dinâmica com o registro social e ambiental, consideramos primordial produzir alguns questionamentos sobre o que vêm a ser política pública.

Nosso objetivo, contudo, não é o de aprofundar a análise sobre políticas governamentais existentes sobre Resíduos Sólidos, ou ainda sobre as políticas sociais de enfrentamento das desigualdades (sociais e econômicas). Embora tal estudo seja de extrema relevância, nossa colaboração neste momento assume o aspecto de questionamento, de problematização das formas de entendimento teórico-prático das políticas públicas, objetivando pôr foco na importância da produção de subjetividades em meio aos aspectos ambientais e ecológicos.

No dicionário Aurélio temos que Política é: 1. Ciência relativa aos fenômenos do Estado. 2. Arte de bem governar os povos. 3. Habilidade no trato das pessoas humanas. Observamos que não há nessa definição nada que relacione as várias forças que se imbrincam nas lutas constantes por poder, melhores condições de vida, e interesses tantas vezes contraditórios entre quais partes sejam. Na enciclopédia virtual, por sua vez, encontramos que o termo Política é derivado do grego *Politheia*, que indicava todos os procedimentos relativos à *pólis*, ou cidade-estado. Por extensão, poderia significar tanto Estado quanto Sociedade, Comunidade, Coletividade, e outras definições referentes à vida na *urbe*.

Atualmente, a maioria dos tratadistas e escritores se dividem em duas correntes: para uns, Política é a Ciência do Estado e para outros, é a Ciência do Poder (WIKIPÉDIA, 2005). Esta última agrega a discussão elaborada acima sobre as modificações ocorridas nas sociedades contemporâneas e assim, permite um alargamento na compreensão do termo, uma vez que as categorias presentes nesse contexto (Estado, sociedade civil...) trazem a resistência e a luta como marcas que as definem. Portanto, ainda que possamos focalizar as análises no âmbito estatal, a política, segundo entendemos, não se encontra apenas aí (não é algo detido por essa esfera), mas se faz nos diversos espaços, isto é, na esfera da vida privada, nas

comunidades, grupos, instituições... Pois o seu sinônimo remete à resistência e luta de forças.

Nesse sentido, apontamos nosso posicionamento no que tange à própria ressonância da pesquisa, isto é, acreditamos não estar alijados das dinâmicas produtoras de políticas:

Entendemos que as políticas não se restringem ao plano estatal ou às ações de governo implementadas por gestores públicos. Também pensamos que todas as políticas são públicas, na medida em que estas envolvem ações, realizadas por qualquer cidadão ou grupos, que possuem incidência no coletivo. Dessa forma, todas as políticas seriam sociais e públicas, mesmo que através delas se produzam práticas oligárquicas e de privatização. Qualquer ação política ressoa por todo o corpo social, seja ela estatal ou não. A política se refere à forma em que a integralidade da vida humana se dá, incide sobre a vida, portanto trata-se sempre de biopolíticas. (MACHADO, L.; LAVRADOR, M., p. 23, 2006)

A perspectiva de Público compreendida aqui é no sentido daquilo que é comum a todos, ações que recaem, que influenciam o coletivo, num movimento dinâmico de acordo com as complexas forças em jogo.

Neste ponto concordamos com Marília Sposito (2003) que diz ser uma das características das políticas ditas públicas o impacto que podem provocar com suas ações. Não é suficiente que um assunto seja considerado problema político, ou seja, que figure na pauta da agenda política. É imprescindível que as ações referentes a ele possam provocar ressonâncias na sociedade.

Como afirmado anteriormente, concebemos que as políticas públicas não se restringem ao âmbito governamental, figurando como ações elaboradas e implementadas por tais órgãos. Contudo, esta é uma modalidade das políticas públicas, mais visível e normalmente gerida em nível molar²¹, mas que também carrega em si componentes de intensidades e de fluxos variados, expressos tanto nos embates com a sociedade civil, como nas práticas de cada instância, formal ou não.

²¹ Segundo Felix Guattari e Suely Rolnik (2005, p. 386), a ordem molar corresponde “as estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência”.

Analisando os aspectos centrais que trazemos para a discussão desse estudo (subjetividades, sociedade de consumo, produção de lixo), observamos que a política pública se faz presente no desenvolvimento da análise de cada uma dessas categorias, uma vez que, embora haja contornos visíveis que definam uma política ambiental distinta da econômica, da social, dentre outras, há também uma grande porosidade nesses limites, que permitem interstícios ricos, que são os espaços de imbrincamento dessas questões e também arena de lutas políticas.

Além disso, é importante ressaltar a diferença entre essa concepção e a idéia de política pública como área do conhecimento e como disciplina acadêmica. Tal perspectiva tem sua origem nos EUA, dando ênfase sobre os estudos acerca das ações do governo, rompendo com a tradição européia de estudos e pesquisas nessa área que levavam em conta as análises sobre o Estado e suas instituições.

Partem do pressuposto que em democracias estáveis, tudo aquilo que o governo faz e deixa de fazer é passível de ser analisado por pesquisadores, assim como formulado cientificamente. Tal trajetória marca essa concepção como uma disciplina adjacente à ciência política. Por outro lado, enquanto instrumento utilizado pelos órgãos do governo propriamente dito, definindo suas decisões, as políticas públicas se tornaram tema relevante após a Guerra Fria, no momento de valorização da tecnocracia como forma de combater suas conseqüências. A proposta de aplicação de métodos científicos no processo de resolução de problemas públicos alcança com isso novas áreas da produção governamental, inclusive as políticas sociais (SOUZA, 2006).

No entanto, segundo Celina Souza (2006), não existe uma definição única, nem mais apropriada sobre o que seja política pública. Essa discussão pode focar o papel dos governos, de forma articulada ou não com a possibilidade de cooperação por parte de outros agentes sociais e aos conflitos advindos desse contexto.

Desse modo, consideramos pertinente afirmar outro caminho possível no entendimento dessa questão, que atente para as relações de poder fluidas, flexíveis, presentes em nível governamental, coletivo, público. Embora algumas propostas priorizem as políticas públicas em seu caráter de solução de problemas em nível de

Governo, percebemos a importância da análise das práticas, seja na esfera de implementação, de execução e até mesmo na construção do que vem a ser considerada questão política, e ainda, o que vem configurar-se como luta e resistência.

Sabemos que o contexto de intenso individualismo, consumismo e reflexão isolada aprofundados a partir dos anos 90 na sociedade brasileira colabora para que a lógica economicista, autoritária e tecnocrática prevaleça, mesmo quando existe pressão popular (BEHRING, 2000). Temos vários exemplos disso na saúde, na assistência e também na área ambiental, como é o caso da elaboração da Política Nacional de Saneamento e Resíduos Sólidos aprovada no ano de 2006. Levaram anos até que se percebesse este um tema relevante, e mais alguns para que se elaborassem estratégias de enfrentamento. As lutas permanecem em contínuo, e apesar de alguns avanços serem notados, há muito que ser feito para que a articulação ético-estético-política se faça presente nessa construção.

As relações de poder exercidas nesse contexto, como em qualquer outro não se processam apenas de cima para baixo, mas por todos os lados, e por todos os agentes.

Para finalizar é importante dizer que toda resistência é afirmação. Contudo não é possível avaliar a resistência apenas por seu produto final advindo da luta, ou seja, a resistência não é positiva apenas quando há vitórias. Uma avaliação ético-política deve levar em conta seus efeitos, e não apenas perdas e ganhos.

Desse modo, lembramos do processo de subjetivação como condição fundamental na construção de formas de vida mais satisfatórias e potentes. Articular seu engendramento com as outras máquinas existentes (social, econômica, ambiental...) é promover espaço de políticas públicas menos normativas e totalizantes, sem perder com isso o rigor ético com as demandas diversas.

Questionar a idéia de política pública é uma maneira de “fazer pensar” as nossas formas de inserção nas lutas, contemplando a complexidade das questões

envolvidas sem perder o foco nos processos e não endurecer na análise das formas (DELEUZE, 1998).

5 O PROCESSO DE “FAZER PESQUISA”

Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força mas não existe coisa mais inútil que um órgão.

Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar.

Antonin Artaud

5.1 A escolha pela cartografia

Nesses anos de estudo que se somam, e em especial nesses dois anos de mestrado, percebendo a dinâmica do que pode ser a pesquisa acadêmica, fui montando de modo não estruturado, uma compreensão acerca dos diversos modos de se entender e se realizar pesquisa. Escolhi então, iniciar esse capítulo com algumas questões que perpassaram esse processo, que trouxeram inquietações positivas e trocas importantíssimas, explicando desse modo o método escolhido para o estudo.

Sabemos estar inseridos, todos, num contexto onde a ciência se faz soberana, em que a racionalidade se põe acima de qualquer suspeita e digna de toda a confiança. Vivemos, como se a vida fosse apreensível em categorias e esquemas fechados, muitas vezes imutáveis e sequer intercambiantes. Longe de afirmar que a ciência e suas conquistas são por si mesmas problemas, o que se pretende é questionar o seu uso, o modo como nos apropriamos delas.

A incidência desse ponto sobre a pesquisa é clara, e faz com que muitas vezes os estudos dela resultantes se tornem distantes das realidades vivenciadas (e estudadas), ou, se mostrem presos nos esquemas reconhecidos como cientificamente válidos não apresentando o componente de cri(ação) de cada pesquisador. E isso não significa dizer que há um único modo de se fazer pesquisa, ou seja, o modo correto, o mais neutro. Até porque haverá sempre uma série de valores envolvidos nas escolhas do pesquisador, em sua análise, em sua postura

diante do problema. Não se pretende dizer ademais, que a presente pesquisa construída se apresenta como um modelo, ao contrário.

O que queremos afirmar com essa discussão é que há uma necessidade premente de problematizar o tipo de conhecimento produzido. O que esses conhecimentos ajudam a construir? Como reverberam? Nesse sentido nossa inquietação é: como esta pesquisa colabora para as pessoas pensarem? Pensamento aqui não no sentido racionalista, que confia basicamente nos esquemas neurológicos, da vida consciente (marca humana), mas sim, pensamento no sentido em que Deleuze nos traz, como acontecimento, como criação. Algo que não ocorre simplesmente porque temos uma consciência, mas que se faz nos encontros e que nos desloca, nos faz mexer (DELEUZE, 2005).

Entendemos que “fazer pesquisa” compreende um esforço não apenas teórico (aparato técnico, científico), mas também afetivo, no sentido do que investimos, apostamos, não apenas num objeto de estudo delimitado, mas em uma dinâmica, em uma realidade que se faz mutante e que nos exige mais do que conceitos. Exige-nos o trabalho de um saber olhar, ou melhor, atentar a visão, e todos os demais sentidos para o encontro com as possibilidades que estão por vir, e também com os possíveis.²²

Dessa maneira, dentre as alternativas disponíveis, fizemos uma escolha metodológica pela cartografia para nos acompanhar durante a pesquisa. Mas afinal, o que vem a ser cartografia? É uma metodologia? Um método? Bom, lembrando que pesquisar sobre algo é se lançar sobre um conjunto de fatores sobre a vida, e que vida é processo, temos especialmente nas ciências humanas a necessidade de atentar-nos a eles, acrescentando a noção de que se referem à vida das pessoas, de gente.

Compreendendo a metodologia como o estudo do método, ou como o caminho percorrido, e para além, como uma forma de conduzir a pesquisa, dizemos que a cartografia será nosso método. Contudo, essa noção de método para comportar a

²² Para Deleuze a possibilidade é algo da ordem do previsível. Falar em possível é falar da ordem do intempestivo, do não previsível, do inusitado, do criativo.

cartografia, necessariamente deve se estender à compreensão encontrada no dicionário. No Aurélio, método pode significar tanto o caminho pelo qual se chega a um certo resultado, quanto, modo de proceder, ou seja, o meio como se faz algo, como programa definido que orienta as ações e até mesmo prudência. Então, a cartografia, só pode ser considerada método de pesquisa quando a noção deste ultrapassar os limites da programação fechada, apriorística. Mas como?

A cartografia não pretende ser nem uma descrição do processo de pesquisa ao seu final, nem um programa de orientação definido à priori. A cartografia é uma postura do pesquisador diante da vida, diante do que vai ser estudado. Leila Machado (2005) vai dizer que ela é um posicionamento ético-estético-político do pesquisador diante da pesquisa. Cartografar é estar atento ao processo mesmo, acontecendo ali, naquele instante. Num “entre”, nem antes, nem depois da pesquisa. Isto é, a cartografia é o acompanhamento do processo enquanto ele está se fazendo. No nosso caso, tomamos esse termo emprestado da Geografia (em que cartografar é também acompanhar os movimentos) e nos propomos a acompanhar as diversas paisagens psicossociais (ROLNIK,1989) que são as diversas maneiras de inserção e de relação humanas.

Estaremos atentos às paisagens de relacionamentos afetivos, sociais, políticos, ambientais, econômicos que compõem o viver das pessoas. Para ser cartógrafo é necessário saber diferir entre caminhos definidos a priori e falta de rigor. É preciso estar disposto a não fazer a pesquisa preocupado em seguir um roteiro previamente elaborado, mas estar aberto aos movimentos que surgem. Isto não quer dizer que a cartografia seja uma forma de fazer pesquisa que aceita qualquer coisa, de qualquer jeito. Primeiro que ela não se resume ao planejamento da pesquisa, como já dissemos, e segundo porque enquanto postura ético-estético-política ela exige que você esteja disposto a rever seus caminhos, suas análises e estar atento ao que se sente, como se sente, ao que acontece nos variados encontros pelos quais passamos durante esse fazer-pesquisa, seja com as leituras, com as pessoas, instituições. É uma forma de fazer pesquisa no qual o pesquisador também se problematiza.

É preciso analisar o objeto de pesquisa e também a si mesmo no processo de pesquisa.

O pesquisador faz parte da pesquisa, não é para ficar fazendo dissertação idiossincrática, falando eu, eu, eu...Ou então naquele dia eu estava assim, estava assado...não é isso! Mas é você saber que faz parte deste processo, e você pensa o que você está fazendo nele como pesquisador isto é avaliação da pesquisa. (MACHADO, 2005, em mimeo).

Essa postura se propõe então a mergulhar nas intensidades que se formam, nos movimentos múltiplos que se criam, entendendo o processo do que vai ser pesquisado através do uso não apenas das teorias disponíveis, das leituras realizadas como referência, e do contato com o possível objeto de pesquisa.

Propõe também um esforço de construção inventiva, de envolvimento, de implicação com as questões em foco, que não se define como inteiramente positivo (no sentido de causar apenas expansões, acontecimentos agradáveis), mas que te lança a alertar para o que acontece sem forçar uma análise, uma relação.

Nesse sentido, fazer-pesquisa é uma aventura na qual o pesquisador e a pesquisa se entrecruzam, se influenciam, e se enriquecem. Aventura que não é composta só de momentos de fluxo corrente, mas também de conflitos, de estagnação, de cristalizações, e de desterritorializações. O importante é dar vazão ao que se passa, compreender o que está paralisado, porque está... Construir um material e encontros que afirmem coisas, que sirvam como intervenções, como dispositivos, num trabalho micropolítico²³.

5.2. Paisagens pesquisadas

Neste estudo, particularmente, acompanhamos as paisagens referentes às subjetividades produzidas no contexto do que convencionamos chamar de

²³ A prática do cartógrafo é política, é micro política, ou seja, uma política num plano invisível, seria a questão da produção da subjetividade, a questão do desejo. No processo de pesquisa há produção de subjetividades, necessariamente (MACHADO, 2005).

sociedade de consumo, trazendo como disparador²⁴, a produção de lixo da contemporaneidade.

Assim, o estudo teve como objetivo geral perceber de que modos de subjetivação nos “falamos” as sobras do consumo domiciliar produzidos numa amostra específica da cidade de Vitória. Para tal, procedemos a coleta de dados, de acordo com sugestão da banca de qualificação, junto aos moradores do Edifício Mirante da Praia, localizado no bairro Praia do Canto.

A escolha deve-se por esse local possuir um grande número de apartamentos (303 unidades), constituído em sua maioria de 1 (um) morador por apartamento, ou de famílias formadas por no máximo 3 pessoas. Essa característica nos fornece situação peculiar, uma vez que especialmente o fato de “morar sozinho”, trata-se de um movimento crescente na atualidade, traduzindo uma forma de existência compartimentada, que funciona muito bem para a necessidade de desarticulação, de individualização, no capitalismo globalizado. Dessa maneira, é curioso perceber como é possível articular as questões desse estudo num local que representa a vida social tal como a concebe o sistema político-econômico vigente, isto é, como um somatório de indivíduos.

Além disso, quisemos saber: como se produzem as sobras nesse tipo de realidade? O que pensam ser sobras? Quais as relações entre a produção desse lixo e as subjetividades construídas? Existem saídas para a produção serializada de bens e de indivíduos-produtos? Quais os mecanismos utilizados de aproveitamento desse excedente?

Procedemos então, num primeiro momento, à aplicação de um questionário fechado, com perguntas objetivas (APÊNDICE B). Esse procedimento foi realizado para viabilizar o primeiro contato da pesquisadora com os moradores, bem como conhecer o funcionamento do local. Ademais, entendemos ser necessário interrogar os moradores acerca do que pensavam sobre o lixo e seu consumo. Naquele

²⁴ A palavra disparador remete à noção de dispositivo, que por sua vez se refere a tudo aquilo que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos, que faz funcionar outros movimentos num dado contexto, situação. Os dispositivos são compostos de linhas de força, de subjetivação, de ruptura...heterogêneas que se cruzam e se misturam (BENEVIDES BARROS, 1994; DELEUZE, 1990).

momento era importante definir se íamos ou não diferenciar os termos lixo, sobra, restos e resíduos sólidos. Por isso, o questionário contém perguntas fechadas sobre tais temas, que agrupamos como dados secundários, diluídos na análise que apontam para o modo de organização das pessoas e do local em que vivem, em relação a este assunto.

Esses questionários foram entregues em cada caixa de correio dos 303 apartamentos, no período de setembro a outubro de 2006. Foi disponibilizado na portaria, um local para entrega, com autorização do síndico. Neste instrumento foi explicada a idéia central do estudo, bem como solicitada uma forma de contato para quem se interessasse em participar da próxima etapa da pesquisa.

O segundo momento do trabalho caracterizou-se então, pelo contato com as pessoas que haviam respondido ao questionário fechado, disponibilizando-se a conversar sobre o assunto. Explicamos que a idéia era organizar um grupo em que pudéssemos dialogar, e que este seria filmado. No entanto, nem todos puderam participar do encontro, forçando a realização de mais um recurso: as entrevistas individuais. Estas foram registradas apenas com o uso do gravador, não filmadas, e transcritas na íntegra, tal como feito com os dados do grupo.

A proposta da filmagem por sua vez, entrou nesta pesquisa como recurso para a posterior transcrição das entrevistas, levando em conta que assim tornava-se mais claro o entendimento das falas, pois muitas ocorreram ao mesmo tempo. Além disso, tivemos a vontade de registrar as imagens desse momento para seu posterior uso na elaboração de um vídeo que também possa servir como disparador acerca da temática levantada, porém com uma possibilidade de alcance diferenciada, dada a circularidade que preconiza.

Portanto, para que essa etapa ocorresse, solicitamos ao síndico do prédio que disponibilizasse o espaço das reuniões de condomínio para sua realização, o que foi tranqüilamente atendido. As conversações ocorreram numa manhã de sábado, no mês de dezembro de 2006, no último andar do Edifício.

Entendemos que essa reunião dos participantes se configurou num grupo focal, levando em conta que esse modo de proceder a pesquisa não necessita que os participantes já se conheçam, ou que tenham compartilhado idéias anteriormente (IÑEGUEZ apud MAGALHÃES-NETO, 2007). Além disso, as conversações propiciadas falam de universos de referências distintos, isto é, os sujeitos participantes não precisam pertencer a um mesmo contexto. Dada a constante rotatividade dos moradores daquele prédio, como por exemplo, o fato de muitos residirem no local devido ao trabalho que exercem no município sendo mantidos por empresas, e mudando-se com freqüência de residência entre os Estados, entendemos que nem todos vêm do mesmo segmento sócio-cultural.

No grupo focal, o pesquisador funciona como um moderador, organizando as conversas para que não se perca o conteúdo central, saindo completamente do foco estabelecido através de um roteiro prévio das discussões (MAGALHÃES-NETO, 2007). Entretanto, esse procedimento não serve para esquadrihar, ou controlar o fluxo das articulações, mas apenas para auxiliar o desenvolvimento do tema dentro de um grupo onde não há homogeneidade e convívio entre os membros, como é o caso dos grupos de discussão.

O grupo focal realizado no Edifício Mirante da Praia pôde nos fornecer dados a respeito da dinâmica dos modos de vida que se processam entre os sujeitos participantes em sua relação com o meio-ambiente, compreendido aqui sob o aspecto da produção de lixo. Ele funcionou como intercessão, isto é, como condição na qual desenvolveram-se interferências, no sentido de intervenções de modo a se produzirem movimentos diferentes. Sobretudo foi possível articular outras formas de lidar com as variáveis em questão bem como promover trocas de experiências, como uma forma de “pensar sobre”, e também promovendo um espaço de liberdade. Esta é entendida como um exercício que se faz no momento em que se recusa qualquer naturalização, ou seja, a capacidade de negarmos algo, de problematizarmos uma dada realidade, contexto, pressuposto...(FOUCAULT, 2000). A forma de exercer essa liberdade é a possibilidade de mudança, de questionamentos que acionamos de modo a sairmos do lugar.

Por fim, as entrevistas que realizamos devido ao fato de alguns participantes não possuírem disponibilidade conjunta de horários, ocorreram nas residências dos sujeitos, também no período de dezembro de 2006. Procedemos de forma a orientar a fala, utilizando o mesmo roteiro do grupo focal (APENDICE C), sem, contudo fazer perguntas diretas e fechadas, numa tentativa de discutir os temas centrais, ao invés de “retirar” informações através de respostas.

Todos os dados coletados seguiram as diretrizes e normas referentes a pesquisas envolvendo seres humanos, que constam na resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Foram assinados termos de consentimento (APENDICE A) pelos participantes da segunda etapa da pesquisa, incluindo a possibilidade do uso de sua imagem.

5.2.1 Situação percorrida

O Edifício Mirante da Praia onde coletamos os dados para a pesquisa é uma construção da década de 80, e foi alvo de muitas críticas, que giraram em torno de seu impacto no ambiente (entorno) daquela época, bem como o estigma de que seus moradores eram em geral caracterizados por pessoas “imorais”, firmando uma idéia de um grande “cortiço” em meio ao bairro nobre²⁵.

Passaram-se anos, e diversas administrações até que houvesse uma mudança na idéia sobre o local. Atualmente se caracteriza pela concentração de moradores que vivem sozinhos, de famílias pequenas, e de grande busca por trabalhadores que estão na cidade provisoriamente.

Com relação às sobras, é um edifício que produz em média 2 coletores de lixo por andar (cada um comportando até 120 litros) em cada dia, totalizando 30 coletores/dia (em média 3600 litros/dia). Segundo os dados coletados, os materiais que chegam para o descarte não possuem uma homogeneidade, podendo ser encontrados desde orgânicos como restos de alimentos, até eletrodomésticos, roupas usadas, guarda-roupas e demais objetos. Entretanto, de acordo com as

²⁵ Informação obtida em conversas com os moradores e síndico.

respostas obtidas dos participantes no questionário, o lixo é predominantemente composto por sobras de comida, por embalagens vazias, papéis usados, latas e garrafas. Móveis velhos, roupas usadas e eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos de modo geral, foram pouco citados como constituição de lixo.

5.2.2 Os atores das cenas

Os participantes da pesquisa são os moradores do Edifício Mirante da Praia. Não foi restringido o número de participantes, entretanto após o primeiro contato, obtivemos retorno do questionário fechado por apenas 18 moradores, dos 303 distribuídos. Destes, 12 aceitaram participar do segundo momento, em que foram realizados o grupo focal e as entrevistas. No entanto, dois desses moradores não foram localizados na cidade nessa segunda etapa (encontravam-se em outros Estados), e um terceiro não estava disponível através dos contatos fornecidos, ficando fora da segunda etapa.

Desse modo, a segunda parte da pesquisa contou no total, com 9 sujeitos. Desses, 4 participaram do grupo focal e os outros 5 foram entrevistados individualmente, de acordo com a indisponibilidade de horários em comum, assim como explicitado anteriormente.

Não tivemos o objetivo de estender o número de sujeitos, acrescentando outros edifícios e seus condôminos na pesquisa. Entendemos que a pouca quantidade de participantes (tendo em vista o elevado número de moradores do local estudado), já se configura como um dado da pesquisa. Ou seja, confirmamos através da baixa adesão na discussão do tema que, pensar acerca do que produzimos com nosso consumo, com nossos modos de vida contemporâneos, não tem sido assunto de “primeira ordem” para a maioria das pessoas. Encontramos falas, no grupo focal, que esclareceram essas questões e que serão apresentadas em seguida.

A participação foi aberta a ambos os sexos, e em todas as entrevistas foi mantido o sigilo de cada participante, exceto durante o grupo focal, pois o mesmo foi filmado e não apenas gravado, como os demais contatos. Ambos foram transcritos na íntegra para maior aproveitamento e fidelidade dos dados.

Tendo em vista a proposta da cartografia, não nos prendemos nas questões previamente elaboradas, fornecendo espaço para os assuntos que surgiam, que tangenciavam a questão e que não estavam previstos. Contudo, estivemos atentos para não permitir que eles se estendessem demoradamente, já que havia um tempo cronológico a ser respeitado.

Consideramos relevante dizer por fim, que a análise dessa pesquisa se configura no entendimento da realidade interrogada em consonância com a teoria estudada. Construimos um diálogo processual entre as variáveis encontradas e as dinâmicas dos processos estudados, levando em conta todas as considerações de uma pesquisa cartográfica esclarecidos neste texto.

6 COMPONDO ANÁLISES...

Não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só na política
Peter Pal Pelbart

Nesta pesquisa a análise se forja como uma apreensão da(s) realidade(s) pesquisadas, através de um conjunto de teorias, percepções, vivências, encontros.

As articulações analíticas cartografadas, constituem-se em movimentos, que se fazem e se desfazem o tempo todo. Isto quer dizer que, mesmo sendo atual o conhecimento advindo desse estudo, nesse momento em que o leitor passeia pelo texto, as paisagens cartografadas já não são exatamente as mesmas (os modos de vida, a relação com o consumo, com a produção de lixo e outras mais). Mas, isto não invalida o que se construiu. Ocorre nesse caso, o mesmo processo da cartografia entendida pela Geografia (de onde buscamos a idéia). O mapa cartografado, quando pronto, não traduz exatamente a realidade estudada, pois cartografamos o processo de mapeamento, isto é o movimento. Quando o mapa fica pronto o que se tem é uma representação fixa da realidade, porém, essa permanece em seu movimento constante.

Apresentamos agora, o nosso mapa, atentando para o fato de que as questões permanecem em movimento, e que justamente por isso, devemos repensá-las a todo o momento.

6.1. Sobre os modos de vida encontrados

Os modos de vida, entendidos aqui também como produção de subjetividades, modos de existência ou modos de subjetivação, trazem questões pertinentes especialmente no tocante aos acontecimentos da contemporaneidade a que nos referimos.

A forma como vivemos em todos os âmbitos, seja inseridos numa determinada cultura, segmento social, na família, nos relacionamentos amorosos, no setor profissional, diz muito mais sobre quem somos, e como está o mundo à nossa volta

do que podemos supor num primeiro momento. Aliás, diz também que esse processo de construção de si e do mundo tem como característica fundamental o co-engendramento (BARROS, 2004). Isto quer dizer que não somos meros produtos do mundo. Não somos marionetes, levadas para lá e para cá em movimentos completamente controlados por uma entidade externa. Produzimos o mundo e somos produzidos por ele numa dinâmica contínua, de linhas coexistentes. Este ponto é extremamente relevante para compreender as questões desse estudo.

De acordo com as mudanças processadas especialmente a partir do séc. XX, no sentido de uma internacionalização das economias, das culturas, a globalização emerge como um aspecto norteador de alterações em toda dinâmica de vida, tendo como principal característica a dissolução de fronteiras, criando o que alguns autores denominam “aldeia global” (BAUMAN, 1999). As novas tecnologias de comunicação e de processamento de dados cooperaram enormemente para o seu desenvolvimento, contribuindo para essa diluição de sentidos, especialmente nas diferenças produzidas na relação espaço-tempo.

Como afirma Eduardo Galeano (2007) em seu texto: *O império do consumo*:

Em nossas sociedades não há mais espaço de tempo... As flores são estimuladas a crescerem mais rápido nas estufas, as galinhas não dormem nas encubadoras, tudo para que as etapas fiquem mais velozes, e possamos consumir bens supostamente melhores (GALEANO, 2007).

E não são apenas flores e galinhas que têm seus processos alterados. As pessoas de modo geral, vivenciam uma confusão cada vez maior no entendimento de categorias anteriormente mais facilmente perceptíveis, como espaço e tempo.

Movidos por linhas de forças de velocidade alucinante, o espaço torna-se muito além daquilo que podemos percorrer em determinado tempo. E o tempo já não é apenas o que precisamos para percorrer tal espaço. Não se trata de discutir amplamente o conceito, mas de apontar que essa alteração na dinâmica das relações (econômicas, afetivas, corporais...), característica da contemporaneidade, reverbera de modo marcante na produção das subjetividades.

Hoje, a um clique do mouse, os universos disponíveis são quase infinitos ao mesmo tempo. Podemos estar conectados a muitas pessoas, mesmo desconectados de todas as coisas, isto é, as velocidades são espantosas, os espaços podem ser alcançados em frações de segundos. Mas isso não significa que utilizamos essa

“novidade” para encurtar distâncias entre os mundos existentes. Todos, mesmo os “de fora” da rede participam dessa complexa trama. “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo” (BAUMAN, 1999, p.8).

A relação entre tempo e espaço é identificada por seu caráter processual, dinâmico e mutante, negando a estagnação. Assim, a tecnologia se torna o ícone da nossa época, criando máquinas cada vez mais rápidas, com mil funções rapidamente envelhecidas, voláteis tal qual o capital e o trabalho que as gera.

Um exemplo interessante disso é o que escreveu Richard Sennet acerca de suas impressões sobre o tão afamado Bill Gattes. Ele diz que “Gattes parece ser daquelas pessoas livres, que não se apegam às coisas, não se comprometendo com nada de forma duradoura, nem mesmo com suas criações” (BAUMAN, 1999).

Desse modo, percebemos na flexibilidade, e nos movimentos incessantes uma via necessária para se pertencer ao conjunto dos “conectados”. Observamos que esse fluxo constante de mutações objetiva a busca de inserção, de pertença, de estar sempre “na moda”, funciona como uma das exigências do capital, para que as pessoas se mantenham no lugar de incluídos. Não se configura, portanto num compromisso de inventividade, de produção de modos de vida mais potentes.

As “distâncias” são agora muito mais produto social do que algo quantificável. As fronteiras são dispersas e “perto” e “longe” são características que têm relação com a proximidade ou não dos quesitos necessários ao “bem viver” na sociedade moderna. Ao passo que as relações são facilmente pulverizadas, pois a prioridade é a conexão com o mundo (GUATTARI, 1990). Independente de que preço estamos pagando por percebermos esse mundo desligado do mundo do vizinho, do amigo, da família, do país ao lado.

Algumas marcas desse mundo construído e dos modos de existência presentes nele são bastante visíveis, como é o caso da relação espaço-tempo, evidenciada nas falas dos participantes:

Eu acho que infelizmente a gente vive dentro de uma modalidade de vida que a necessidade é de vida corrida. (...) Até a gente chegar ao ponto pra se planejar, assim criar um cotidiano assim...eu...não. É um caso complicado...eu pelo menos tenho essa dificuldade. Eu não consigo criar um cotidiano. (Leonardo)

Nossa vida hoje é muito de corre-corre, né? Muito trabalho pra gente estar conseguindo o que a gente quer, assim...se nós quisermos um futuro um pouco melhor, menos complicado a gente tem que correr atrás daquilo que a gente quer, né? (Marinete)

As pessoas só fazem planos: eu preciso ganhar mais; eu preciso ou de trocar de emprego, ir pra outro emprego, conseguir uma promoção dentro do meu emprego, ou arranjar outro bico pra fazer à noite, não é? E isso criou um tal stress, uma tal agitação na vida, que ninguém mais vive, né? Vamos dizer...eu conversar com morador aqui do prédio...se eu conheço uns 5 vizinhos é muito, do prédio. (Frida)

Eu acho que corre-corre tem a ver com velocidade. Eu acho que velocidade é pra carro, pra avião. A minha vida é bastante diversificada. Eu tenho vários projetos. (...) Eu corro quando vou à praia, quando vou à academia, quando fico na esteira. Eu gosto de diversificação. (Joana)

Assim, as mudanças observadas nos modos de vida atuais acabam por se relacionar a uma distinta modalidade de identificação das pessoas. Essas subjetividades engendradas no contexto sócio-histórico em questão trazem o consumo como marca.

Esse consumo por sua vez faz parte da dinâmica capitalista do lucro, que para propagar-se modela as relações sociais, mesmo aquelas que têm uma representação inconsciente. Por isso, as formas de viver, trabalhar, consumir, lidar com o corpo, com a natureza, são aspectos passíveis de serialização. É quando os tratamos como naturais, como se funcionar de outra maneira, significasse um desarranjo da organização social (GUATTARI & ROLNIK, 2005).

Nesse sentido, observamos muitas falas em que a modelização das subjetividades se faz presente. Em que os modos de existência se apresentam capturados pela idéia de que ser “diferentemente igual”, é a prerrogativa para se pertencer ao mundo globalizado:

A maior parte das pessoas...elas são levadas. Elas não querem ser diferentes, elas não querem se manter diferentes do grupo. Então, pra elas se sentirem pertencendo ao grupo, né...elas têm que fazer a mesma coisa que o outro. (Marinete)

Eu acho que as pessoas têm uma necessidade de serem admiradas e de se sentirem assim...participantes de um grupo e isso que torna as pessoas tão vítimas do consumismo. Se eu tenho uma televisão e a televisão ta funcionando maravilhosamente bem, eu vejo todos os meus programas super bem, mas todos os meus amigos têm uma televisão de plasma né? ... eu fico com vergonha de que eles venham à minha casa e vejam uma televisão de 5 anos atrás. (Frida)

Além disso, assim como alguns autores afirmam (BAUMAN,1999; MIRANDA, 1996) emergiram questões associando o modo de ser na atualidade à imposição do consumo, como forma de circular, de fazer parte da sociedade de consumo. Isso ocorre a partir da produção em série, em escala gigantesca, de bens, produtos e ainda de serviços. Esta ditadura da uniformização obrigatória, sob um rótulo de “diferença” é extremamente devastadora: “impõe, no mundo inteiro, um modo de vida que reproduz seres humanos como fotocópias do consumidor exemplar” (GALEANO, 2007, p. 3).

Esse aspecto demonstra a heterogeneidade dos processos de subjetivação através dos vetores da mídia, da dinâmica da economia. Neste caso não como aliados à criação, mas como sinônimos de serialização, de uma massa que vivencia um falso-nomadismo:

Tinha uma dinâmica de grupo e o rapaz lá, claro, teve sucesso no trabalho dele e tudo... nunca vou me esquecer essa frase que ele disse pra todo mundo: _ O resto é papo furado! A sociedade te mede pelo que você tem! Nunca vou me esquecer essa frase...quer dizer: esta é a forma de incentivar a pessoa, entendeu? O caminho é esse, outro caminho não existe. (Leonardo)

Porque nós nos identificamos com aquilo que temos...com o celular bonito, com a sandália bonita, com o sapato bonito. (Raquel)

Porque é...é aquela coisa que eu tô ouvindo muito ultimamente...Você é o que você tem, né? Você não é o que você é realmente... aquela pessoa por trás de tudo o que você tem, então é...Então tudo o que se faz, todo o dinheiro que se conquista é voltado pro ter e aí é que eu acho que esse gasto excessivo aí que faz com que as pessoas tenham cada vez menos...você...a gente fala: Ah, eu não tenho dinheiro, eu não tenho dinheiro! Você vai no shopping, ele ta lotado! Então, é complicado, eu acho que é...(Joana)

Portanto, umas das funções mais primordiais no capitalismo contemporâneo é a fabricação das subjetividades que sirvam aos seus propósitos. Dessa maneira, foi imprescindível criar o consumidor, que é individual por definição, e oposto à idéia de cidadão. O consumidor, segundo André Gorz (2003) é contrário à preocupação com

o bem comum, e com o desejo de mudança social. Ele é largamente incentivado pela publicidade, que funciona como uma “socialização anti-social” (GORZ, 2003, p.49), prometendo aos mesmos que cada um, *individualmente* escape à condição comum através da aquisição de bens e serviços que promovem o privilégio da felicidade.

Não o bastante, o consumo de bens viabilizado pelas imagens, pelos desejos produzidos, consumimos outro tipo de mercadoria nas sociedades atuais. “Tempo é dinheiro”, e a vida é o bem mais caro. Nessa lógica, tudo se torna mercadoria, inclusive *o si mesmo*, ou seja, consumimos subjetividades e nos tornamos também o próprio capital, necessitando valorizar-se, modernizar-se...Saber vender-se é o X da questão:

Aí, aproveitando esse gancho da sua questão com o consumo, eu me pergunto se é só material mesmo...a nível de...material que eu digo é uma televisão, uma geladeira...Será que o mercado também não consome as pessoas? Você vê hoje nas grandes empresas que simplesmente quando sai essa questão de seleção pra trainee...a pessoa que tem acima de 26 anos, ela acabou pras empresas, não é verdade? Ela acabou. Então eu acho, que é por isso que eu falei...a geração do pessoal mais antigo sempre me fala isso, entendeu? A dinâmica era totalmente diferente. (Leonardo)

Você entra no mercado de trabalho com 24 anos, você sabe que você tem que fazer tudo, conseguir tudo até os 30. Depois dos 30 você não vai ter mais espaço dentro do mundo organizacional pra subir muito mais. O que você conseguiu vai até aproveitar os lucros daí, mas o que você não conseguiu não vai conseguir mais. (Frida)

Esses aspectos discutidos até então demonstram o quanto os maquinismos econômicos e sociais estão articulados

Eu acho que o mundo econômico ele está fundamentado hoje num consumismo muito...numa vida útil muito curta, né? Num espaço muito curto. (...)Há 25 anos atrás a gente comprava uma televisão pra durar 10, 15, 20 anos né? Então quando se terminava de pagar a televisão daí 2 anos terminava de pagar a televisão e ia comprar uma geladeira. (Frida)

É muito evidente que a aceleração do tempo modificou a relação das pessoas com a vida. Uma das características em que esse tempo se pretende zero é o fato de que tudo se torna antigo, velho, com muita rapidez. A obsolescência técnica dos produtos (eles se tornam funcionalmente inúteis logo que saem da fábrica) tem como forte aliada a propaganda para que a sensação de insaciabilidade se alimente,

gerando novas e artificiais demandas. O discurso que a perpassa é carregado de justificativas científicas, ou melhor, a propaganda agrega à sedução pela imagem a idéia de que a tecnologia avança a passos largos em nome de uma melhoria de vida e portanto, devemos acompanhá-la em suas intermináveis atualizações:

O mundo econômico mudou de uma tal maneira que hoje está assentado em tornar as coisas obsoletas rapidamente. Você compra uma televisão, dali a 2 anos você quer comprar uma televisão diferente...porque já tem uma televisão mais bonita, mais moderna (...) (Raquel)

As coisas estão inovando cada vez mais. Mais rápido. Então você compra hoje um certo tipo de coisa e amanhã já tem uma coisa assim, melhor. Ta mudando muito rápido. A tecnologia ta muito avançada...acho que é isso. Tanto em comida, quanto em eletrodoméstico. (Luana)

A tecnologia, a produção em massa, ela te trouxe a capacidade de você consumir mais. Agora...o problema vai ser lá na ponta. Você ta consumindo mais, então invariavelmente...(Leonardo)

A volatilidade associada à velocidade faz com que as coisas tenham um tempo de vida útil pequeno especialmente se comparados a épocas em que o consumo de pátina era a característica básica dos bens produzidos e “desejados”. Tal modalidade se definia pela marca do tempo impressa nas coisas. Agora o tempo acelerado da produção pós-fordista apresenta uma nova relação com os produtos e com as relações.

Eu como sou assim, de enjoar das coisas rápido...durar...ah, durar, duram muito tempo...eu tenho até hoje coisas que eu comprei ou ganhei com os meus vinte anos, ta aí ainda no guarda roupa, nas minhas coisas. Agora de durar, assim de eu gostar, de usar mesmo...aí duram uns 6 meses, uns 5 meses...eu já quero doar. (Luana)

Eu vou assim, vou olhando pela média de roupa e sapato, vou tirar assim né? Porque comida, comida eu consumo muito, raramente eu joga alguma coisa fora. Mas tirar a média de roupa e sapato...dura uns dois ou três anos. Porque já não tenho muito, porque uso praticamente os mesmos, então dura no máximo dois anos. (Raquel)

O caso mais visível dessa obsolescência no mundo atual é o celular:

O meu telefone...os meus alunos falam: _ Professora, esse telefone é muito arcaico! Ele não é aquele que abre...o celular....Não é todo cheio de mil funções. (Marinete)

O que eu sou assim...pressionada pelos meus amigos...quando eu tiro o meu celular da bolsa dizem: _ Hã? ... Mona, você ainda usa esse dinossauro? Que coisa absurda ! E tal, né? Porque eles trocam de celular de 6 em 6 meses. (Frida)

Toda essa parafernália técnica tem como subsídio a facilitação da vida. Ou seja, a principal justificativa disseminada baseia-se na idéia de conforto viabilizado pelas inovações tecnológicas. Mas a que conforto nos referimos? Existe um impacto real disso em nossa qualidade de vida? As considerações a esse respeito são muito interessantes:

E a gente também tem muita coisa do conforto, não é? É muito mais fácil pegar pronto, por exemplo, em relação a cozinhar. Acho que eu e Leonardo (outro entrevistado) temos muito isso, apesar de eu ser representante do sexo feminino, eu detesto cozinhar. Eu consumo coisas prontas ou então eu almoço na rua. Suco, sorvete..., não sei...fruta...no máximo vitamina. Porque eu... eu acho que também tem isso. A questão do consumo tá ligado à questão do tempo que você vai pretender fazer essas coisas. (Marinete)

Porque o conforto obviamente que é bom, né? Você tem uma...sei lá... um aspirador de pó que você precisava carregar, que era muito pesado, né? Pesava 3 a 4 Kg. Pra carregar e fazer a limpeza da casa e agora eu posso usar um que parece um secador de cabelo. É óbvio que se torna mais fácil e mais tranquilo, mas também vejo no consumismo assim, esse consumismo...hã...completamente sem limite. (Frida)

Além da idéia de conforto, percebemos a forte influência da noção de higiene. Isto é, de acordo com os relatos, observamos que nesse processo de produção de subjetividades o discurso médico se faz dominante propagando o cuidado com a saúde de modo a criar a sensação de que a assepsia que vemos hoje (nas casas, nos *shopping centers*, nos serviços oferecidos pelas empresas, e nos produtos que compramos nos supermercados) sempre foi o modo correto de se viver e obter qualidade de vida. Mas apesar da força exercida por esse mecanismo, existem movimentos que questionam esse saber:

O plástico ou o papelão...depois a gente descarta...envolve também a questão da segurança e da higiene. Imagine assim...no BOB's você pede um refrigerante...um copo...ela pega e coloca lá na maquininha . É muito melhor quando já vem na garrafa, né? Tem mais higiene, não tem muitos contatos. (Marinete)

Pois é, mas será que isso não é realmente...como você falou agora mesmo...MANIA? Será que a gente não está sufocada por uma... por um valor que talvez não seja exatamente assim? (...) Na minha infância a gente comprava leite do leiteiro que trazia num talo enorme, chegava na frente de casa, a garrafa ficava aberta lá, exposta a todas as bactérias possíveis e imagináveis, né? E todo mundo tinha uma saúde muito melhor do que a de hoje. Então será que a gente não está...será que a sociedade não está assim...meia...assim...iludida com algumas informações? (Frida)

A ilusão da sociedade de consumo é pautada na necessidade de modernização e flexibilização do capital e é eficientemente produzida através dos recursos midiáticos. Tais recursos não são por si mesmos considerados problemas. Pois existem inúmeros exemplos em que o espaço e o modo de alcance da mídia servem como instrumentos de ruptura com a massificação dos modos de vida (GUATTARI & ROLNIK, 2005). Entretanto, o que se percebe nos relatos é a característica manipuladora da mídia. Seu poder de indução, de criar demandas, desejos e influenciar ações

(...) eu acho que a mídia é um grande vilão nessa história, sabe? Porque força as pessoas a terem as coisas, a praticamente pedir, implorar pra ter aquilo, ficar fascinado com uma coisa. Eu sou uma...Adoro televisão, assisto televisão o dia inteiro, sou jornalista não é à toa não, sabe...eu gosto muito. E muitas das coisas que eu tenho hoje talvez já vi na televisão e quis comprar, entendeu? Me deu vontade de comprar. (Raquel)

Eu creio que é a facilidade hoje, de pagamento...a propaganda induz muito a nossa vida real. Todo dia você liga a televisão...ah...Compre em 12 vezes sem juros... É oferta, é oferta! É pegar ou largar. Aí pronto. Dorme com aquilo na cabeça, acorda com aquilo na cabeça...não, eu vou comprar. (Luana)

Assim, a mídia, viabilizada pelos meios de comunicação tal qual a tv, configura-se no maior instrumento de indução ao consumo. A repetição, a sedução semiótica (de acordo com a visão baudrillardiana) são os maiores aliados no processo de modelização em massa de indivíduos-produtos. Nesse aspecto é clara a normalização dos modos de existência, quando os meios de informação midiáticos acabam por não representar a realidade, mas criam modelos de significação pressupostos do real. O poder de desarticulação, de esvaziamento dos projetos coletivos, e a individualização promovidos pela mídia atual, convive ainda com a possibilidade inventiva de seu uso. Não se trata de viabilizar mais informação, e sim criar espaços de produção de sentido coletivos. Contudo esse aspecto não foi abordado nas conversas.

6.2 Mas... Afinal, o que tanto se consome?

De acordo com os participantes da pesquisa, os itens consumidos variam entre necessidades de “primeira ordem” e de “segunda ordem”, ou supérfluas. Geralmente a idéia que define a diferença está no critério da sobrevivência. Ou seja, a

alimentação é considerada imprescindível, embora a forma dessa alimentação seja diferenciada.

O vestuário figura como uma das prioridades. Além disso, os hábitos culturais que influenciam o modo de consumo também estão presentes bem como a incorporação das inovações tecnológicas no dia-a-dia:

Eu acho que tá mais ligado mais ao setor alimentício e de vestuário, que o ser humano consome muito mais hoje. E querendo ou não, final de semana você pode ter o mínimo possível de grana, você vai sair pra um bar pra comer, num restaurante...vai na feirinha aqui da Praça dos Namorados, entendeu? E vestuário também, né? Porque vestuário é uma coisa que chama aos olhos das pessoas, né? As pessoas querem se vestir igual às musas da novela, galã de novela, enfim. (Raquel)

Eu trabalho com isso...meu trabalho tem a ver com isso. Eu trabalho com roupas...e a sociedade em geral é muito consumista. As pessoas sempre estão comprando...alguma coisa, mas sempre estão comprando. Nunca deixam de comprar, nunca. (Luana)

(...) talvez até pelo meu estilo de vida e por conviver com pessoas que também são sozinhas e...que também trabalham né? Trabalham muito durante o dia...eu vejo que aqui se consome muito mais lanche e...comida industrializada, né? O famoso *fast-food*. Tudo vem pronto né? E coisa e tal através do *delivery* a gente abre a embalagem, come, dá uma esquentadinha no forno microondas. (Frida)

Em alguns casos a discussão demonstra outro aspecto do tipo de consumo associam os bens adquiridos à demonstração de poder, *status* social, tal como visto na teoria de BAUMAN (1999, 2001), que afirma a necessidade atual das pessoas em acoplar aos produtos uma imagem de seu modo de vida, imprimindo inclusive hierarquização:

Eu acredito que a gente tá consumindo mais a questão de demonstrar o poder. Questão do celular, questão da roupa, do sapato, modismo, né? É...mas isso, mas isso do que as necessidades primárias desde alimentação e tal. Eu conheço gente que tem carros lindos e moram numa casinha de madeira...entendeu? Isso, então..você, vai pra Marechal...tão indo pra Marechal...meu esposo é de lá né? É...ce vai passando, vendo aquele monte de carrão assim, e as casinhas de madeira...então acho que a gente quer mostrar, então consome mais, eu percebo assim, né? A gente consome mais aquilo que a gente pode mostrar pra outra pessoa...ter um status social né? Do que realmente as necessidades primárias. (Joana)

Sendo assim, notamos a necessidade de analisar como todo esse conjunto de fatores se conecta à produção de lixo, ou seja, compreendendo a ligação entre os

registros ecológicos (GUATTARI, 1990) abordados até aqui, como perceber tal articulação na práxis cotidiana? Ela de fato é percebida pelas pessoas? Façamos esse exercício...

6.3 Relação entre lixo e consumo

Uma das questões relevantes para esse estudo é perceber a existência ou não de uma relação entre o consumo e a produção de lixo na vida cotidiana dos sujeitos. Notamos que essa articulação é feita, evidenciando em alguns casos o sentido de pertinência com relação ao todo, isto é, os sujeitos sentem-se parte integrante da dinâmica discutida, embora algumas vezes surja o movimento de delegar “ao outro” a responsabilidade pela ausência dessa percepção.

Quando responderam ao questionário fechado, 15 pessoas afirmaram perceber essa relação entre lixo e consumo e apenas 3 disseram não existir tal idéia. Contudo nas conversas ficou evidente que não é tão simples articular essa noção no dia-a-dia, oscilando entre aproximação e distanciamento, isto é, de modo geral, as pessoas parecem racionalizar essa relação, mas não é usual praticá-la no cotidiano devido à fragmentação entre o ato de comprar, e o descarte. Entre o conhecimento da importância em se pensar tal relação e as exigências incompatíveis dos modos de vida fabricados.

Agora, ser assim envolve tempo, né? Eu tenho duas lixeiras. Lixo reciclado e lixo orgânico. Recolho os dois, desço o elevador, vou até lá perto do BOB's...quer dizer...isso envolve tempo. Quem tem paciência? Às vezes eu digo assim: ah, dois sacos? Pegar mais um saco? Não! Mas tem que fazer. Isso envolve tempo e dedicação. (Marinete)

Eu já sei que o que tenho que fazer pelo meio-ambiente, já sei que tem que colocar o lixo lá na sacola...mas isso não muda minha vida em nada, minha filha. (Celeste)

Contudo, apesar da massificação dos modos de existência, mediados pela informação midiática individualizante, pelas transformações no modo de produção dos bens (e das relações de modo geral), pequenas resistências a isso são colocadas através dos questionamentos acerca da situação vivida, e alguns incômodos são gerados:

Bom, tudo o que nós consumimos gera lixo. Tudo! Se eu tenho essa televisão e ela dá defeito, ela vai pro lixo, né? Se eu compro o potinho de alguma coisa e ele acaba...o potinho vai pro lixo...até essa pulseira, se

“pocar” ela vai pro lixo e aí que... que eu percebo o grande problema do consumismo hoje, porque...hoje, se cada vez mais as coisas que poderiam ser recicladas e reutilizadas pelo consumo excessivo, de se ter mais do que realmente necessita, gera um lixo excessivo, né? (Raquel)

Quanto mais você consome, mais vai ter lixo, né? Principalmente...aqui sozinha nem tanto mas numa casa de família, com criança, que quanto mais se consumir, todo dia, né...A pessoa vai produzir mais lixo, com certeza. Quanto maior o poder aquisitivo, maior o lixo, pensando pra mim, né...porque, tem o hábito de usar coisas mais descartáveis já prontas, né? Que produzem mais lixo. (Luana)

Eu consumo né? Tem tudo a ver...nem tem como não ter...Todos nós consumimos, então todos nós temos a ver com isso...só que a gente acha que não tem né? Muita gente...acha...nem quer saber. (Joana)

Falando de uma forma geral na sociedade...eu acho que deve existir uma relação muito direta entre consumismo e lixo. Agora, na minha casa, como eu sou extremamente bem disciplinada em termos de consumo, de compra, o meu lixo tem um volume até que relativo de lixo. (Frida)

Observamos ainda nas discussões realizadas, a preocupação com tal dinâmica de produção:

A gente tá sendo consumido pelo lixo. Eu acho isso. Aí que essa semana eu assisti um filme...um filme não, eu tava almoçando...tava passando aquele...não sei...aquele que passa na Xuxa...quatro bichinhos que lutam...Power Ranger's! Eles estão trabalhando com essa coisa do lixo, né? Tava naquele dia, não sei...e eles falando que quanto mais a gente consome, mais lixo, mais lixo, mas lixo... a humanidade tá poluindo o país, poluindo com o lixo. Aí eles fizeram cenas assim...muito dramáticas de lixo tomando conta da cidade, assim...Achei muito legal e é verdade, é muito real. (Joana)

Com certeza, cada dia se cria mais coisas. Cada dia mais consumo...essa tecnologia que vem surgindo né? Assim, exacerbadamente, tá com certeza levando ao consumo maior e a geração de lixo maior, de coisas diferentes, mas cada vez maior. (Celeste)

Essa característica de aumento do consumo, que origina maior quantidade e mais diversificada qualidade de lixo, caracteriza então nossa sociedade de consumo de modo a diferencia-la de todas as outras existentes. Aqui percebemos a ligação direta entre a vida e a exigência veemente de estarmos inseridos nesse contexto como consumidores.

Observando pela via da captura, ou seja, a cooptação pelo capital (volátil, flexível, desmaterializado) das formas de existência, temos como resultado, tal como nos aponta PELBART (2003), uma enorme anestesia social, fundada na concepção de unidades. Isto é, o homem médio, consumidor ideal de bens e serviços, de informação, de política, a que denomina *cyber-zumbi*²⁶, é o produto das transformações contemporâneas do mercado, da fragmentação pós-moderna.

E uma das maiores conseqüências dessas mudanças do mundo contemporâneo sob a ótica do consumo, é a produção irrestrita de bens facilmente descartáveis, como já discutido anteriormente acerca da obsolescência técnica. Essa característica conduz ao amontoamento de coisas consideradas inúteis em períodos de tempo cada vez mais curtos:

Os bens, eles não são mais duráveis, são praticamente descartáveis. Então, dá um defeitinho você prefere comprar novo do que levar no conserto, porque não compensa. Fica mais caro. (Celeste)

São bens de pouca durabilidade, são bens para serem usados descartáveis mesmo. (Luana)

Conceitualmente o consumismo é a característica básica das relações nas sociedades atuais. Difere do consumo propriamente dito porque este se refere a um aspecto mais amplo, ou seja, ocorre muitas vezes que, a alternativa de substituição do consumismo é a busca de outros valores, ou seja, um deslocamento para um consumo não-material, por exemplo, a cultura e a educação:

Eu já sou extremamente sociável, conheço muita gente e em relação à correria pra obter os bens...eu realmente trabalho muito né? Eu gosto muito de ganhar dinheiro, mas seriam bens culturais né? (Marinete)

Contudo essa visão não contempla o fato de que em países como o Brasil, mais do que naqueles considerados desenvolvidos, tal deslocamento se restringe a determinados segmentos sociais, como é o caso da realidade do contexto pesquisado. Essa característica se confirma como um modo de diferenciação social através do poder de consumo, isto é, como nos afirma Bauman (1999) e também

²⁶ Termo cunhado por Gilles Châtelet no texto: *Vivre et penser comme des porcs*. Paris, Exils Ed., 1998, e apropriado por Peter Pelbart em seu texto *Direitos Humanos e Cyber-Zumbis* (2000)

Feathersone (1994), existe uma cultura global em que nos inserimos e que comporta as complexidades e contradições inerentes ao movimento de globalização. Tais aspectos colaboram para a existência de “turistas”, em contraponto a “vagabundos”, sendo permitido aos primeiros a seleção do tipo de consumo realizado, ultrapassando à mera sobrevivência.

6.3.1 A característica da doação

Uma característica encontrada na forma de lidar com as sobras de consumo produzidas é a doação. Quando aquilo que temos se torna inservível, passa pelo crivo da seleção antes de ser imediatamente posto no lixo. Embora não existam dados quantitativos que afirmem tal prática, percebemos através das experiências trocadas em grupo, bem como nas entrevistas, que é comum dispor de critérios para “se jogar coisas fora”.

Isso remete ao fato de que em economias como a brasileira, onde “modernização” do capital coexiste com condições arcaicas de produção, a relação com os bens é marcada pela cultura da solidariedade. Explicamos: embora haja diferenças consideráveis na forma de lidar com os restos, entre as diferentes camadas sociais, circulam no Brasil, práticas referentes ao descarte dos produtos diretamente ligadas à noção de concentração de renda e de pobreza. Isto faz com que boa parcela dos brasileiros tenha o cuidado de selecionar seus bens inúteis, averiguando a possibilidade de serem aproveitados por outrem.

Desse modo, a cultura do desperdício (CALDERONI, 2003), embora seja grande em nosso país, não se aplica tão amplamente como ocorre em países da Europa, e nos Estados Unidos, por exemplo.

(...) e falando mais um pouquinho na questão do consumo, eu também percebo o que a gente faz com as nossas roupas, bolsas e sapatos... eu também procuro encontrar pessoas ligadas com alguma entidade filantrópica, depois faço a separação, mando lavar, passar, ou lavo direitinho e ali faço doação de roupas, porque apesar de não ser muito consumista, pra esses bens como o telefone celular, tv de plasma, mas com a roupa eu acho que eu seja bastante consumista, mas eu to sempre reciclando isso para retornar às pessoas. (Marinete)

Geralmente eu dão. Em caso de roupa e sapato. Agora, se for embalagem, vai pro lixo. (Joana)

Roupa eu procuro doar. Roupa, calçado...é..., bijuteria, bolsa, sempre procuro doar. Tenho uma família que tem fazenda né? Sempre doa pras pessoas que trabalham lá na roça. Alimentos...pro lixo, sempre pro lixo. Eletrodomésticos, quando dá pra aproveitar, consertar eu procuro consertar e também doar, se eu já comprei um novo, né? E o alimento vai pro lixo. Raramente eu joga uma coisa fora que quebrou aqui em casa que vai pro lixo... porque quando tem fazenda sempre tem utilidade pra alguma coisa, né? Você quebrou uma vasilha uma panela, pode levar pra roça que serve pra plantar alguma coisa, deixar na muda, entendeu? (Raquel)

Portanto, os restos consumidos podem ser (re)aproveitados por outra parcela de sujeitos. Aqueles considerados “menos favorecidos” pelo senso comum ficam por conta das sobras, antes que elas cheguem de fato ao seu destino final. Isso é bastante evidenciado no cotidiano com os catadores de material reciclável que acabam ficando com alguns objetos que catam (JUNCÁ, 2004).

6.4 O aumento do consumo... O que isso significa?

O consumo de bens duráveis e não duráveis aumentou significativamente ao longo dos anos desde o início da industrialização. Atualmente percebemos esse aumento através de estatísticas²⁷, das notícias veiculadas e da observação do cotidiano. Os intermináveis passeios ao *Shopping*, a quantidade exorbitante de *outdoors* com anúncios de mercadorias de todo o tipo, as propagandas televisivas demonstram essa afirmativa apesar das diferentes condições de acesso.

Apesar de residirem num bairro considerado “nobre” do município de Vitória, a metade dos moradores classifica seu padrão de consumo de bens como baixo, e a outra metade como médio, no questionário. É curioso notar que esse parâmetro não tem uma definição clara. Durante as conversas não se esclareceram quais as diferenças básicas entre essas duas condições.

Outra questão importante é como as pessoas percebem esse aumento no consumo, que têm impacto sobre nosso modo de viver, ao que relatam:

²⁷ Em maio de 2007 o IBGE comunicou um crescimento na produção industrial de 4% em relação ao mesmo período do ano passado, o que tem relação direta no aumento do consumo de bens (duráveis e não duráveis). Disponível em: www.ibge.com.br

Eu acho que aumentou até por causa de produtos industrializados, né? Por exemplo...agora a gente falou há pouco em filtro de papel, de café, né? É uma coisa que eu uso muito. Uso no mínimo um filtro todos os dias novo, né? Pra eu fazer o meu café de manhã e depois, se eu usar uma fritura, eu uso de novo. Na minha infância e na minha adolescência se usava um coador de pano, no caso, e se lavava e ele durava anos...o mesmo coador de pano, não é? (Celeste)

Era uma...um pacote, um saco de plástico de...2 por semana no máximo, por que?As casacas de legumes e de frutas a gente jogava no quintal pra adubar a terra, né? Tinha –se casa com quintal...pó de café se jogava no quintal pra adubar. Chimarrão que se toma tanto no Rio Grande do Sul, quer dizer uma cuia de erva por dia...no quintal pra adubar a terra, né? Cascas de ovos se, se moia e ia pro quintal pra adubar a terra. Quer dizer, só se jogava na lixeira o papel higiênico, né? O papel assim...de...que eu usava na escola, às vezes...rascunho e tal e...uma caixa de fósforo às vezes...alguma coisa assim. (Frida)

Mas eu particularmente, eu acho que o consumo aumentou, dentro desse ponto de vista da sociedade de consumo até porque ele permitiu que as massas consumissem mais. Eu pelo menos, eu enxergo assim. (Leonardo)

Além disso, outra característica observada no consumo contemporâneo vai ao encontro das demais modificações produtivas e sociais, isto é, a dissolução de fronteiras, atinge a todas as esferas, inclusive no consumo. Ele não é mais reservado aos espaços específicos, da mesma maneira que não se produz apenas na fábrica, não se aprende só na escola... “Estamos ao mesmo tempo consumindo e nos entretendo, ou vice-versa” (PELBART, 2000)

No meu caso, como eu to fazendo essa questão da obra, então meu consumo já é ampliado além da casa, porque eu vivo nos municípios por onde a obra vai passar. Você tem Presidente Kennedy, você tem Campos, e aí você consome no hotel. Aí teu consumo ultrapassa fronteira, não é mais a tua residência, ele vai pra onde você tá. Você não produz lixo hoje num lugar só. Então você distribui esse consumo. (Leonardo)

Agora passaremos a discutir essas características do aumento do consumo, priorizando as formas de resolução.

6.5 Proposta dos 3 R's

No que diz respeito ao discurso ecológico que propõe soluções para as problemáticas ambientais observamos duas vias usualmente concebidas: a do discurso ecológico alternativo e a do oficial.

Para o primeiro a prioridade das resoluções segue a lógica do Tratado sobre o Consumo e Estilo de Vida, aprovado no Fórum Internacional de Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais, (o Fórum Global), no Rio de Janeiro em 1992. Nele, a redução do consumo deve vir antes do investimento em reciclagem, e em sequência, a reutilização. Isto é, a reciclagem deveria ser o último foco de investimento (em todos os sentidos da palavra), pois a proposta visa a uma crítica ao consumismo presente na cultura global (LAYRARGUES, 2002).

Em contrapartida, o discurso oficial entende que a questão do lixo é de ordem técnica e não cultural e/ou social, dessa maneira, prioriza a reciclagem em detrimento da reutilização e a redução do consumo. Alia-se a reciclagem às tecnologias “limpas e eficientes”, deixando de questionar os excessos da sociedade de consumo, mesmo com todas as amostras de que o aumento da vida útil dos bens, a diminuição da obsolescência programada, a recuperação dos bens deteriorados e a reutilização do que é descartado funcionam muito mais eficazmente do que a reciclagem. Esses processos demandam menos consumo de energia, diminuindo também o lixo e a poluição.

6.5.1 Reciclagem

No Brasil, desde a Eco-92 no Rio de Janeiro, o tema da reciclagem figura como carro chefe na divulgação sobre o meio-ambiente. Nos veículos de informação, o que mais se encontra acerca desse assunto são as experiências de reciclagem de produtos passíveis de comercialização após o reprocessamento. Ou seja, a reciclagem funciona de modo a tornar novo, útil, aquilo que não servia mais. Faz com que os materiais antes considerados sobrantes, voltem ao processo de produção, reinserindo seu valor (CALDERONI, 2003).

Acerca desse tema, houve manifestações de conhecimento a respeito, evidenciando a circulação de informações nos meios de comunicação, bem como alguns questionamentos pertinentes ao limite desse recurso, divulgado mais amplamente após a elaboração da Agenda 21:

Eu acho que a reciclagem é uma coisa muito boa. Porque vai tirar mais lixo da cidade, fazer com que haja menos lixo, e fazer com que aquele material que foi jogado fora, se torne um material novo. Uma coisa nova. Porque aí dá menos lixo. (Luana)

Eu acho que é legal. A questão é se o consumo hoje permite...bom, eu sei que hoje as latinhas de cerveja já existe um número muito expressivo de reciclagem. (Marinete)

A questão é até aonde a reciclagem vai seguir o mesmo ritmo do aumento do consumo. Eu acho que o aumento do consumo...ele cai muito mais rápido do que a capacidade de você reciclar...então tá aí que você hoje...quem que não acha uma PET na rua? Acha. É muito fácil. É uma das preocupações... (Leonardo)

Mas a reciclagem...eu acho importante. Eu acho que ela ainda não atinge todos os objetivos, porque ainda falta muito da cultura do brasileiro essa questão de reciclar. Falta estrutura pra poder reciclar, né? (Celeste)

É poder transformar aquilo que era lixo em algo útil novamente. Tem que passar por todo o processo lá na Usina...não sei nem onde é que é feito. Mas, vidro, plástico, papel, são tudo coisas que devem voltar a ser material que é útil novamente. (Joana)

Eu acho que falta informação, assim...e conscientização. Muitas pessoas sabem mas são comodistas pra fazer e também eu vejo um problema maior. Eu acho que dificilmente se consegue absorver numa...num percentual assim...expressivo, fazer essa reciclagem. Por exemplo, na minha casa, as embalagens de ovos e as PET's de refrigerante eu tenho onde colocar. Eu não preciso jogar fora. As embalagens de ovos eu levo pra igreja, porque tem um rapaz que reúne lá e ele vende, eu acredito que seja pra fabricantes de ovos e eles compram, por um preço mínimo, mas quando a gente consegue juntar grandes quantidades...o nosso aparelho de som na igreja...todo o equipamento de som foi comprado em cima de embalagens de ovos que todo mundo leva pra lá. (Frida)

As falas concordam com a observação de que existe um maior investimento nesse recurso, tal como exposto acima, embora já fique clara a necessidade de não se restringir a ele como única maneira de lidar com os restos do consumo.

6.5.2 Reutilização

Este é um dos itens propostos nas formas de resolução acerca dos bens produzidos e descartados. Trata-se de reaproveitar coisas descartadas dando a elas outras utilidades, diferentes do uso inicial.

E como mencionado anteriormente, figura senão como meio desconhecido, bastante confuso no entendimento dos participantes. Não fica claro de que se trata:

Não lembro em que lugar,mas já ouvi falar. Falando de alimentos...estar aproveitando tudo pra não jogar fora...(Luana)

É uma coisa parecida com o que eu tinha falado antes. Mas eu não sei muito. (Joana)

mas é aquela coisa...de fazer um produto ser útil novamente. Você poder transformar em algo que vai ser usado de novo...tipo a reciclagem assim...você pega uma coisa e tipo...ou faz outra coisa com ela, usa diferente, entende? (Raquel)

Nós estamos cheios de exemplos aqui, né, Flávia? A nossa amiga aqui...talvez muito radical...a questão quando frita os bolinhos, né? A nossa amiga aqui que dá o óleo pra faxineira...(Marinete)

6.5.3 Redução de consumo

Acerca da redução de consumo, surgiram poucas manifestações. Em geral, não souberam discorrer sobre o assunto, ficando restrita sua compreensão à redução de matéria-prima, como tanto se discute no Protocolo de Quioto, por exemplo. Contudo, a redução no padrão de consumo de bens, ou seja, alternativas de se pensar a vida com menos “necessidades”, menos “facilidades tecnológicas”, não foi considerada:

Não. Nunca ouvi falar... (Raquel)

Nunca ouvi falar, não. (Joana)

a questão da China, né? O povo preocupado porque você tem um país com 1 bilhão de pessoas consumindo...imagina o estrago que vem aí, né? A questão do aumento de lixo. No início, não! Vamos investir na China porque tem o dinheiro...os caras pagam...o problema, a questão agora é quantas árvores esses caras vão consumir, quanto de plástico, né? (Leonardo)

Ao mesmo tempo, algumas falas vão no sentido oposto às práticas consumistas amplamente naturalizadas e disseminadas:

Ah! Mas nesse ponto eu sou chata mesmo; eu só compro as coisas que eu realmente uso. Sabe, que eu detesto essa futilidade de sair comprando tudo o que a gente vê pela frente. É, eu vim de uma cultura mais inferior, de uma classe mais inferior assim...então eu sei quanto custa sabe? Trabalhar pra ter aquele dinheiro, então eu não saio comprando tudo que vejo pela minha frente pra depois ficar aí, né? (Joana)

Eu fui muito recriminada logo que eu mudei pra cá porque as pessoas aqui usavam marcas, não compravam coisas mais baratas...eu sempre fui,

mesmo morando aqui, eu sempre compro em saldão, né? Não gosto de também ficar esbanjando não. (Raquel)

Dessa maneira, percebemos que embora a sociedade de consumo seja viabilizada pela produção massiva de subjetividades que necessitam consumir para fazer parte do mundo globalizado, algumas formas de resistência são colocadas, ainda que não englobem todos os aspectos da vida dos sujeitos.

6.6 Outras linhas que atravessam o consumo e a produção de lixo...

Ainda que não adotemos a perspectiva de que o mundo é dividido entre classe dominante e classe dominada, mas a noção de que essas características se mesclam em determinados contextos (como aquele proporcionado pelas modificações advindas do trabalho imaterial, por exemplo), entendemos existirem diferenças que marcam os lugares sociais que ocupamos, ou que almejamos ocupar.

Contudo, observamos também que, mesmo existindo condições distintas de circular pela sociedade de consumo, definidas, por exemplo, pelo poder aquisitivo, todos nós estamos inseridos na lógica capitalista que lamina as subjetividades. Sendo assim, percebemos através das discussões, como funciona essa dinâmica aderente:

Mas é aquela história. Olha, todo mundo hoje tem um celular. Só que o rico vai ter um melhor, é claro! O mais abastado vai ter um melhor, e a outra...o mais ralézinho, mas vai ter, entendeu? (Celeste)

Consome... da mesma maneira... só que em proporções de consumo um pouquinho menor, no sentido assim...de que...vou falar do tênis. O tênis, o mais abastado vai ter uma marca melhor. O outro também vai ter. Às vezes compra ali no Japa ali...pra dizer que é o de marca, mas vai ter. (Joana)

Bom, eu acredito que em uma camada, uma camada social que tem poder aquisitivo maior...ela acaba consumindo produtos é...mais caros, prontos e que facilitam a vida, né? Porque se for a tecnologia e tal...e normalmente a tecnologia é se eu tenho um poder aquisitivo mais alto, eu tenho mais condições...eu vou tentar facilitar a minha vida...então eu vou comprar coisas prontas, né? Ou pré-preparadas... (Marinete)

O que diferencia é a escolha e a qualidade dos produtos. Lógico que se você tem uma qualidade de vida melhor, um poder aquisitivo maior, ela procura produtos melhores, de marcas melhores...é...muda o modo de

consumir. Em vez de consumir com produtos baixos compra carros do ano, troca celular. E essas pessoas que são da classe mais baixa não, eles compram o que o dinheiro dá, sempre procuram promoções, produtos de valor menor, mas não deixam de comprar. (Raquel)

Bauman (1999, 2001) e também Pelbart (2000) discutem o fato de que hoje consumimos, sobretudo fluxos de informação, de conhecimento, os quais formatam nossas subjetividades, modificando nossos modos de desejar, de sonhar, de morar, vestir...São formas propagadas amplamente pelos veículos de comunicação globalizados. As telenovelas constituem um bom exemplo de quanto as diferenças de acesso ao consumo parecem dissolver-se, quando se tenta produzir modelos de vida 'consumidos' por ricos e pobres, incluídos todos na dinâmica do controle sobre a vida por parte do capital.

Outro ponto relevante que emergiu das conversas com os participantes da pesquisa foi a incidência da cultura e do urbano, sobre os modos de vida, de consumo e conseqüentemente da produção de lixo:

No interior as pessoas sempre consomem menos do que aqui...eu sou do interior, né...criada em interior vim pra Vitória só pra estudar. Além daqui as coisas serem mais caras do que no interior...uma compra que eu faço no interior pra trazer pra cá eu gasto R\$ 100,00, R\$ 120,00...aqui eu gasto R\$ 200,00, R\$ 220,00, é quase o dobro, né do preço que eu pago no interior, porque aqui as pessoas têm mais opções de compra. No interior não. A pessoa mora numa roça, por exemplo, numa fazenda. Vai na cidade uma vez por semana só pra comprar o básico, o papel higiênico...porque eles plantam o arroz, eles têm a carne de boi, de porco, de galinha, então eu acho que aqui o consumo é bem mais alto. Então quanto maior a cidade, maior o consumo. (Raquel)

As culturas tem uma é...cada cultura, eu creio, que cada cidade tem a sua cultura é...tem consumos diferentes, tem necessidades diferentes, e aí gera um consumo diferente. (Celeste)

O brasileiro é muito festeiro, sabe...às vezes eu fico vendo filme que passa a favela, tá passando a novela que mostra favela, eles têm o dinheirinho no final do mês, nem que seja vinte reais, é pra ir pro boteco... (Luana)

Salvador mesmo é uma cidade em que o consumo...bem, a gente tá no Brasil, acho difícil isso não ser uma realidade em qualquer estado. Salvador é uma cidade em que o consumo dela é predominantemente de produtos bem baratos, muito barato, entendeu? Já aqui...bem, daí tem uma diferença porque eu moro lá num lugar de nível mais baixo do que, aqui né? Aqui é bem mais alto...assim...eu não sei do eixo Rio – São Paulo, que eu não conheço...eu acho que Porto Alegre, o Rio Grande do Sul...ele já tem

uma...um consumo mais elitizado que lá, que a classe, por exemplo, do Nordeste e da Bahia. (Leonardo)

O modo de viver nas cidades parece estar muito mais ligado à velocidade. As pessoas querem ganhar tempo adotando estilos de vida acelerados, adquirindo objetos e meios de ganhar mais tempo, para ter mais tempo livre, e nessa dinâmica, “para ter todo o tempo ele perde todo o tempo” (PELBART, 2000):

Criar uma raiz, criar uma forma de vida por assim dizer mais tranqüila; porque eu sigo prazos daquilo que normalmente é vontade de quem contrata o serviço, de quem contrata a nossa mão de obra.

Vivo correndo...compro muita comida pronta, quase nem venho em casa... tem que estar fazendo mil coisas ao mesmo tempo (...)quando era na minha cidade era diferente, depois que eu vim pra cá mudou muito.

Por fim, ao introduzirmos o assunto acerca das políticas, do que entendem por isso, qual o papel do governo nessa questão da pesquisa, as opiniões foram bastante controversas, mas fica a idéia que a maior parte da mobilização deve partir dessa esfera. Além disso, apesar de muitas falas terem associado nossos modos de vida aos excessos de restos produzidos, quando se trata de pensar resoluções, muitas se fixam na idéia do discurso ecológico oficial, ou seja, vêem na técnica a saída para a problemática levantada:

Só que eu acho assim...eles deveriam incentivar mais pras pessoas poderem assim...eu acho que tem pouca coisa feita, na verdade. Igual àquelas lixeirinhas de coleta seletiva...tem tão poucas e eu nunca vi ninguém indo lá entregar sacola nenhuma...não sei...acho que o papel do poder público era fazer com que as pessoas se motivassem...ninguém fala nada, ou fala tão pouco...Eu separava aqui, mas nem tenho separado mais, porque mistura tudo mesmo...entende? Então eu acho que é isso: eles tinham que ter mais essa responsabilidade de falar, de mexer com uns projetos pra ver se as pessoas fazem a parte delas, né? Senão... (Celeste)

Bom, em relação ao Brasil a gente não precisa nem dizer. A Europa devastou tudo o que ela tinha de meio-ambiente. Tudo já foi modificado...o Brasil ainda tem uma série de áreas naturais. Mas lá ela é incentivada porque eles mexem no bolso da pessoa, entendeu? Aqui não. É que nem a questão da água...me dá um troço quando eu vejo uma pessoa varrendo a calçada com água. Aí fica aquele dilema...bom, as pessoas da sociedade brasileira...será que ela vai chegar num grau de informação suficiente pra ela não fazer isso ou a gente vai mexer onde dói mais. Onde dói mais é o bolso. (Leonardo)

Entretanto, outro aspecto que emerge das considerações dos sujeitos leva em conta a importância da discussão, do enfrentamento coletivo de tais questões, ainda que de forma reduzida. Como um dado da pesquisa está a compreensão por parte dos próprios sujeitos participantes dos motivos da baixa adesão dos moradores do Edifício Mirante da Praia, tanto no preenchimento do questionário quanto da participação nas discussões:

Eu acho que esse grupo aqui é muito seletivo, né? No sentido assim...de que não somos consumistas, né? Foi uma coincidência, né? (Marinete)

Mas não é sem querer. Eu acho que isso é realmente uma coisa fácil de explicar, né? Quer dizer: nós estamos aqui porque nós somos pessoas preocupadas com essa questão. Os que não estão preocupados, que não estão fazendo nada, realmente nem iriam se interessar em vir a esse tipo de conversa. (Frida)

Aí Flávia, o quantitativo de quantas fichas de perguntas que você entregou...quantas pessoas responderam? Quantas vieram aqui? Evidentemente de uma maneira muito ingênua, ou até idealista nós estamos tentando rever essas questões, né? O tempo todo. O quê que eu to fazendo com esse lixo? A questão da água...quanto tempo eu fico tomando banho? É uma roupa que eu uso...a roupa da ginástica por exemplo...é inviável todo dia você tem que lavar, mas um jeans...eu posso usar duas vezes...dependendo da temperatura. (Marinete)

Pensando sobre...

Sem dúvida, o conceito crítico de espetáculo pode também ser divulgado em qualquer fórmula vazia da retórica sociológico-política para explicar e denunciar abstratamente tudo, e assim servir à defesa do sistema espetacular. (...) Para destruir de fato a sociedade do espetáculo é preciso que homens ponham em ação uma força prática. A teoria crítica do espetáculo só se torna verdadeira ao unificar-se à corrente prática da negação na sociedade.

DEBORD.

Tendo em vista que a política concebida nesse trabalho se faz através das lutas, na potência política da vida em negar as condições opressoras, mortíferas, controladoras, para finalizar consideramos importante lançar mão das problematizações que surgiram levando em conta a idéia de fragmentação, de esquadramento presentes tanto no discurso quanto nas práticas realizadas no âmbito social, econômico bem como ambiental. A desarticulação é percebida e criticada pelos moradores:

Aí falta a própria questão do programa de educação ambiental. Eu sou muito crítico com a educação ambiental, apesar de trabalhar numa empresa de meio-ambiente, eu sou crítico. (Leonardo)

Essa educação ambiental tem que fazer parte de todo e qualquer currículo, né? Desde o ensino fundamental e médio, até o universitário. (Joana)

Eu vou fazer uma pergunta: alguém já viu programa de Educação Ambiental pra rico, aqui? Me diga um. Eu não conheço um. Eu conheço é pras camadas pobres, entendeu? Que uma vez, aí não sei se o rapaz quer...vai cortar, mas eu vou contar uma história aqui...uma vez eu bati boca com o técnico do IBAMA, teve um evento de Educação Ambiental, a empresa me mandou lá pra representar a empresa, lá vai eu...ta, vou lá. Então foi um encontro de todas as secretarias estaduais do Brasil que tratava essa temática de educação ambiental, então...a técnica do IBAMA sentou lá, começou a falar...não sei o quê...e falando sobre o estudo do impacto ambiental... EPC's... tocou na questão sobre educação ambiental, e eu perguntei pra ela se ela acredita que educação ambiental é efetiva, na medida que você tem uma pessoa ali que mora no meio do esgoto...a pessoa não tem saneamento, a pessoa não tem escola...você acha que a educação...você ir lá e dizer: olha, não joga a PET. Separe a PET...separe isso...separe isso...Será que isso é efetivo? Bom, ela veio com uma conversa: Não, mas isso é uma maneira de dar à população um argumento para ela chegar e dizer: bom, sobre algum empreendimento, normalmente isso são normas ambientais...ela chegar e dizer: Não. Isso a gente não quer. Então eu te pergunto: você acha mesmo que uma pessoa dessa depois ela tem condição de falar sobre uma hidrelétrica? Sobre discorrer sobre tema ambiental? Sobre um gasoduto, sobre um prédio, sobre qualquer coisa assim, entendeu? Então...a Educação Ambiental até pra chegar nessa questão de reciclagem, ainda tem muitos percalços pela frente. (Leonardo)

O problema é: mesmo que todo mundo tivesse educado, todo mundo estivesse fazendo reciclagem ia se conseguir fazer o quê com esse material? (Frida)

Notamos com esse conjunto de falas, bem como com outras tantas expostas, que apesar de existir uma força de massificação por sobre a formação dos modos de vida, os sujeitos não são meros produtos do mundo, têm uma escolha ética possível, há alternativas de negação, de questionamento das verdades produzidas, que levam pouco a pouco a novos, inventivos modos de subjetivação, que incidem sobre políticas, culturas... É um processo que convive junto, num embate constante entre forças-fluxos que compõem e são compostas na contemporaneidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos ao longo desse estudo a produção de subjetividade engendrada na sociedade de consumo, e sua indissociabilidade com as questões ambientais, precisamente sobre a produção de lixo.

Partindo desse pressuposto buscamos cartografar essas nuances num dado contexto sócio-histórico, selecionado por se configurar como bom representante dos modos de vida contemporâneos pautados na fragmentação das relações, da noção de coletivo, público, priorizando a individualização dos sujeitos. Acompanhamos tais processos junto aos moradores do Edifício Mirante da Praia, situado na Praia do Canto, no município de Vitória.

As configurações assumidas pelos três registros ecológicos nas falas dos participantes indicaram os embates entre as várias linhas de força presentes na contemporaneidade.

Notamos através delas que a articulação proposta não é usual em nossas práticas cotidianas, e que o interesse em discuti-la, pensá-la, reinventá-la é muito menos encontrado do que pode parecer à primeira vista.

Por sua vez, a fragmentação a que nos referimos, não é ato isolado, faz parte de toda a lógica de controle sobre a vida que sustenta a rede fluida do Império (Hardt & Negri, 2004). Através dos encontros, das conversas com os moradores do Mirante da Praia essa cooptação dos modos de vida se mostrou clara.

Notamos a existência de uma pesada força que incide sobre nossa relação com o espaço-tempo, produzindo uma aceleração em todos os níveis de existência. Essa aceleração gera uma dinâmica de descartabilidade referente às relações afetivas, ao trabalho, aos bens consumidos...e ao mesmo tempo é produzida por eles.

Nesse sentido notamos o processo de serialização das subjetividades, acompanhando a produção em massa de produtos que não são mais simples mercadorias, e sim que denotam modos de vida mais ou menos adaptados ao mundo gerido pelo capital. A tecnologia se coloca como aliada dessa dinâmica,

funcionando sob a lógica da obsolescência programada. Portanto, acompanhamos um acréscimo da produção e amontoamento de bens, que ficam velhos cada vez mais cedo, seja pela questão funcional ou estética.

Essas condições marcam a diferença básica que define a sociedade de consumo, das demais, isto é, podemos confirmar a noção de que a contemporaneidade se faz pela preponderância do consumo. A norma ditada é que tenhamos a vontade e a capacidade de exercer o papel de consumidores. Essa é a dinâmica de engajamento proposta pelo capital e que nos submetemos na maior parte do tempo.

Paradoxalmente, ao passo que a diluição de fronteiras, a flexibilidade, a revolução tecnológica, a superioridade das leis do mercado e a dissolução da idéia de Estado-nação em conjunto formaram uma forte dominação das formas de vida, esse conjunto de características também abriu espaço para que infiltrações e rachaduras fossem se configurando entre esses espaços contraditórios do capital.

Dessa maneira, incômodos a respeito de nossos modos de vida acelerados, individualizados se fizeram constantes durante a pesquisa. As pessoas embora imersas num contexto em que prima a compartimentação, o esvaziamento do sentido do bem comum, do convívio, percebem o impacto dos imperativos consumistas e criam mecanismos de resistência ainda que pontuais.

Quando se trata de estabelecer uma ligação entre esses processos tanto da vida social, em termos da sociedade de consumo, quanto da formação de subjetividades com respeito à produção de lixo, muitas questões são percebidas. Uma delas é a própria dificuldade em romper com a lógica dominante de consumo devido à inserção da velocidade acelerada em todos os aspectos da vida. Ou seja, como tudo é “pra ontem”, acabamos consumindo produtos em excesso, com o objetivo de facilitar a vida, de ter mais tempo livre, quando sequer experimentamos esse tempo. Gravitando sobre modos de vida específicos, esses bens se acumulam em pilhas monstruosas de lixo.

Esses restos de consumo antes de chegarem definitivamente ao lixo, geralmente passam por processo de reciclagem, ou ainda se fazem doações aos que dele

possam se servir. A pesquisa pôde confirmar esses processos, percebendo inclusive que são as soluções mais comuns para essa questão.

Os movimentos de contestação dos excessos de produção e, portanto de redução de consumo, bem como a reutilização de materiais são estratégias pouco conhecidas e raramente utilizadas, embora figurem como meios mais eficazes de se responder à crise ecológica por que passa o planeta, sem que nos sejam colocados de forma definitiva seus limites vitais.

Mais do que culpabilizar esta ou aquela parcela da população, ou ainda, os órgãos governamentais pelo consumo e conseqüentemente pelo seu produto final que é o lixo, é necessário abrir espaço de diálogo, de trocas para que se efetive formas melhores de se viver, construindo outros meios, não referenciadas em modelos pré-concebidos, mas de acordo com as urgências e os movimentos de uma dada época e contexto.

Nossa proposta de compreender as dinâmicas existentes entre a produção de subjetividades, as relações sociais e o meio-ambiente foi alcançada, pois, por meio das discussões com os moradores, bem como pelo resultado da baixa adesão à pesquisa, pudemos notar a pouca importância dada ao assunto. Ao mesmo tempo que, para alguns, haja uma grande preocupação, demonstrada através das práticas cotidianas que levam em conta essa dimensão.

Queremos deixar claro, por fim que cartografar as dinâmicas processuais entre os três registros ecológicos foi um desafio e uma forma de contribuição para entender que mundo é esse que construímos , tantas vezes de maneira desconectada e distante das necessidades afetivas, sociais, relacionais...

A visibilidade que procuramos dar ao entrecruzamento desses registros se configura como uma forma de contribuição para instigar debates, construir vivências coletivas de solução de modo articulado. Entretanto, não se configura como uma verdade, representante de uma maneira pronta e acabada de se perceber e de conviver com tais problemáticas. Este é um mapa provisório de formas dinâmicas, ou seja, em constante movimento.

Não fechar os olhos diante da realidade do consumo exacerbado, da lógica acelerada, atomizada de vida, e conseqüentemente de uma produção exorbitante de lixo, não significa pretender uma única maneira de compreensão.

Estratégias de resistência coexistem com a fragmentação, com os esvaziamentos de sentido promovidos pelo sistema capitalista globalizado. Esperamos que essa pesquisa possa funcionar nas políticas cotidianas de enfrentamento de tais problemáticas, indicando pistas que promovam inquietações, embates entre as forças que a produzem, sendo utilizada como ferramenta de intervenção seja da práxis cotidianas e também como fomento para aumentar a produção acadêmica que leve em conta tais aspectos.

8 REFERÊNCIAS

- ÁRIES, P. **O homem diante da morte**. Vol. II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARROS, B. M. E. Modos de gestão e produção de subjetividade. In: ABDALLA, M.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). **Mundo e sujeito** – aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004, p. 93-114.
- BATISTA, F. R. M., **Caracterização física e comercial do lixo urbano de Vitória/ES, em função da classe social geradora**. Vitória; 2001. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUMAN, Z. **Globalização** – as conseqüências humanas. (PENCHEL, M., Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. Modernidade e ambivalência. FEATHERSTONE, M. (Org.). **Cultura global** – nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 155-182.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEHRING, E. Principais abordagens teóricas da política social e da cidadania. In: **Capacitação em Serviço Social e política social**. Módulo 3. Brasília, UNB/CEAD, 2000.
- BENEVIDES, R. **Grupo** – a afirmação de um simulacro. 1994. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BIDONE, F. R. A.; POVINELLI, J. **Conceitos Básicos de Resíduos Sólidos**. São Carlos: EESC/USP, 1999.
- BRINGENTI, J. Palestra proferida no **Workshop Regional de Gestão Integrada de Resíduos Urbanos em Cidades da América Latina e Caribe**, Vitória 2004
- CALDERONI, S., **Os bilhões perdidos no lixo**. 4 ed. São Paulo: Humanitas Editora. FFLCH/USP, 2003.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**. São Paulo, Studio Nobel, 2004.
- COIMBRA, M. C. **Os Caminhos de Lapassade e da Análise Institucional: uma empresa possível?** Em *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, V.7-Nº1/ P.52-80, 1995.

DELEUZE, G. ¿Que és um dispositivo? In: **Michel Foucault** - Filósofo. (NASCIMENTO, W. F., Trad.). Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

_____. Políticas. In: **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOUGLAS, M.; ISHERERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

ESCÓSSIA, L. Por uma ética da metaestabilidade na relação homem-técnica. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleos de Estudos e Pesquisas das Subjetividades do Programa de Estudos Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol. 1, p. 177- 186, 1993.

FEATHERSTONE, M. Introdução. In: _____. (Org.). **Cultura global** – nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 07-21.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (MONTEIRO, E. Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GALEANO, E. **O Império do Consumo**. [on-line]. Disponível: <<http://www.cartamaior.com.br/templates/>>. Acesso em: 25 janeiro 2007.

GONÇALVES, P. **Coleta seletiva e inclusão social**. Palestra proferida no Encontro Nacional de Catadores, Brasília, 4 , 5 e 6 de junho de 2001.

GORZ, A. **O imaterial** – Conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005. (AZZAN JR., C., Trad.)

GUATTARI, F. **As três ecologias**. (BITTENCOURT, M. C., Trad.). Campinas: Papyrus, 1990.

_____. **Caosmose** – um novo paradigma estético. (OLIVEIRA, A. L.; LEÃO, L. C., Trad.). São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica** – cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna** – uma pesquisa sobre as origens da mudança. (SOBRAL, A. U.; GONÇALVES, M. S., Trad.). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

IBAM . **Gestão Integrada de Resíduos Sólidos**. [on-line]. Disponível: <<http://www.ibam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 18 maio 2005.

JUNCA, D.C. **Mais que sobras e sobranes: vida e trabalho no lixo**. 2004. 237 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

LAVRADOR, M. C. C., Interfaces do saber PSI. In: BARROS, M. E. B. (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, Coleção CEG publicações n.5, 1999, p. 15-58.

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P., CASTRO, R. S. de, (Org.). **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 179-219.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial** – formas de vida e produção de subjetividade. (JESUS, M., Trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACHADO, L. A. D. **Texturas da psicologia**: Subjetividade e política no contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, M. E. B. (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, Coleção CEG publicações n.5, 1999, p. 211-229.

_____. Capitalismo e configurações subjetivas. In: ABDALLA, M.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). **Mundo e sujeito** – aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004, p. 164-172.

_____. **Cartografia**. Palestra proferida para o Núcleo de Estudos em Subjetividade do Programa de Mestrado em Administração da UFES, 2005. In mimeo.

_____. **Subjetividade e Loucura**: saberres e fazeres em processo. (submetido) . Revista Vivência (UFRN), Natal - RN, p. 1-27, 2006.

MAGALHÃES-NETO, J. V. M. **Masculinidades**: um estudo crítico das práticas discursivas de alunos do ensino médio. 2007. 132 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MALDONADO, R. **Consumo, Comunicação e Cidadania**. Rio de Janeiro: 2001.

MIRANDA, L. L. Produção de subjetividade – por uma estética da existência. 1996. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MANCEBO, D. et al. Consumo e subjetividade: trajetória teóricas. **Estudos de Psicologia**, vol. 7, nº 2, p. 325-332, 2002.

MILFONT, T. L. ; CORTEZ, Juan Carlos Viñas ; BELO, Raquel Pereira . Significados psicológicos do lixo. **Revista Chilena de Psicología**, v. prelo, 2004.

MINGO, N. de; LIMA, C. A. de. **Limpeza pública de Vitória**. Cadernos de Meio Ambiente, Vitória – ES, v. 4, 46 p., 2002.

MIURA, P.O. **Tornar-se catador**: uma análise psicossocial.2004.166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2004.

NEGRI, A. Trabalho imaterial e subjetividades.In: LAZZARATO, M. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. (VARGAS, B., Trad.). Rio de Janeiro: Record, 2004.

NOGUEIRA, J. **Viver sobre o lixo e sobreviver do lixo**: um estudo com catadores de lixo em Vitória/ES. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 1996.

NOVAES, W. **Mudança climática** [on-line] Disponível em: www.tvcultura.br/reportereco/artigos. Acesso: 20 de Julho de 2006.

OKAMURA, C. **Arouche 2004** – uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens – diagnóstico para uma intervenção ambiental. 2004. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminura, 2000.

_____. **Vida capital** – ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RODRIGUES, J.C. **Higiene e ilusão** – o lixo como invento social. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade,1989.

_____. Despedir-se do Absoluto. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleos de Estudos e Pesquisas das Subjetividades do Programa de Estudos Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol. 1, n. 1, p. 244-256,1993.

ROMANI, A. P. **O poder público municipal e as organizações de catadores**. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA/CAIXA,2004.

REGO; BARRETO, 2002. **O que é lixo afinal?** Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. Cad. Saúde Pública v.18 n.6 Rio de Janeiro nov./dez. 2002.

ROSA, E. M. **A análise do discurso como método de análise de dados em pesquisa.** In mimeo.

SILVA, L.R. **Os catadores de lixo e a invenção da sobrevivência:** um estudo da criatividade cultural. 2000. 136 f. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2000.

SILVA, R. N. da, A dobra Deleuziana: políticas de subjetivação. **Revista de Psicologia** UFRGS, 2004.

SOARES, Flávia Passos. **A descartabilidade do humano.** A dinâmica do consumismo na globalização contemporânea. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SOUZA, C. Políticas públicas – uma revisão da literatura. **Sociologias**, n. 16, p. 20-45, 2006.

SPOSITO, M. Trajetórias na construção de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (Orgs.). **Políticas públicas** – juventude em pauta. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria; Pesquisa e Informação; Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 57-75.

VELLOSO, M.P. **Criatividade e resíduos resultantes da atividade humana:** da produção do lixo à nomeação do resto. 2004.172 f. Tese (Doutorado Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

WIKIPEDIA. Política. [on-line].Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Política>>. Acesso em: 05 de novembro 2005.

WORLWATCH INSTITUTE. **Estado do Mundo, 2004:** estado do consumo e o consumo sustentável. Salvador, BA: Uma Ed.,2004.



APÊNDICE B

-QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - POLÍTICA SOCIAL Programa de Pós-Graduação

Este é um questionário, que faz parte do trabalho de mestrado do Programa de Pós Graduação em Política Social da UFES, desenvolvido pela aluna Flávia Passos Viana, mestranda em Política Social, que atualmente pesquisa sobre a produção de lixo no município de Vitória.

O preenchimento do questionário por parte dos moradores é de grande importância para o projeto, sendo sua distribuição já aprovada pelo síndico. Pedimos que após responder às questões, devolva o questionário na recepção do Condomínio Mirante da Praia.

Marque com um X as opções que corresponderem àquilo que pensa/sente a respeito do tema ou escreva quando necessário:

- 1) Quantas pessoas moram em sua casa? _____
- 2) Em média, quantas sacolas de lixo se produz por dia em sua casa?
- 3) Você geralmente escolhe produtos que facilitem a reciclagem posterior?
() sim () não () raramente () sempre
- 4) Você percebe alguma diferença entre lixo e sobra?
() sim () não
- 5) Para você, o que é considerado lixo?
() restos de comida
() eletrodomésticos defeituosos
() roupas velhas
() embalagens vazias
() eletro eletrônicos ultrapassados - tv, computador, vídeos e similares
() latas
() papéis usados
() pilhas
() embalagens vazias
() móveis sem uso e/ou móveis quebrados
() garrafas
() restos de óleo de fritura
() roupas fora de moda
- 6) Como você classifica seu padrão de consumo de bens:
() baixo () médio () alto () insuficiente () exagerado

Essas perguntas fazem parte da primeira etapa da pesquisa. Quem puder colaborar com a segunda etapa, em que serão entrevistas informais, por favor, deixe seu nome e contato (telefone ou e-mail) abaixo.

APÊNDICE C

ROTEIRO-BUSSOLA

Pra começo de conversa, como vocês acham que estamos vivendo hoje?

Sobre como consumimos...e a idéia de uma época consumista...

Por que vocês acham que consumimos cada vez mais, se os salários cada vez parecem menores em função do que necessitamos?

Sobre as possíveis diferenças do consumo entre cidades e camadas sociais distintas...

Que tipo de coisas são consumidas?

Você compra produtos pela internet, tv ou revista? Como é o processo de escolha?

Sobre o uso daquilo que compramos...e sobre quanto tempo duram nossos bens...

E depois do uso? Pra onde vai?

Sobre a relação entre lixo e consumo...existe?

Discutir sobre a diferença ou não na quantidade de lixo de épocas passadas para hoje em dia

Sobre reciclagem, reutilização e redução de consumo...se ouvirem falar, o que acham...

E nós com isso?

Qual a relação do poder público com essas questões discutidas?